

KATIA SUSI ALVES SILVA

**QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO
XXI: ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO EM UMA
ESCOLA DE ARACAJU**

Orientador: Óscar Conceição de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

Lisboa

2012

KATIA SUSI ALVES SILVA

**QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO
XXI: ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO EM UMA
ESCOLA DE ARACAJU**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre no
Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

Lisboa

2012

Como a escola visa formar o homem para o modo de vida democrático, toda ela deve procurar, desde o início, mostrar que o indivíduo, em si e por si, é somente necessidades e impotências; que só existe em função dos outros e por causa dos outros; que a sua ação é sempre uma transação com as coisas e pessoas e que saber é um conjunto de conceitos e operações destinados a atender àquelas necessidades, pela manipulação acertada e adequada das coisas e pela cooperação com os outros no trabalho que, hoje, é sempre de grupo, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um.

(Anísio Teixeira, 1956)

Agradecimentos

A DEUS, todo poderoso, que me tem alimentado a minha Fé, que me tem protegido, que por tantas vezes me fez sentir de forma mais intensa a sua presença. A ti devo momentos que foram como dádivas, como biotônico espiritual, recebia as tuas palavras através do frei Alberto. A ti, pai eterno, devo a superação de todas as minhas fragilidades, só tu bem sabes. És o meu principal PILAR.

À minha gloriosa flor de tulipa, minha Mãe. A sua preocupação, sua crença e amor eterno alimentam a cada dia a minha alma. Não há nada alcançável que eu possa fazer para te mostrar o quanto devo por tudo o que sou e tenho. Levo o que aprendi de ti para todo lugar, valores nobres e raros, que só uma mãe que parece já ter sido feita para o amor, é capaz de dar. Essa pesquisa te ofereço como resposta à tua vivência sedenta para que eu “Aprenda ao longo da vida”. Contigo aprendo a cada dia a SER e a CONVIVER. Possibilitastes também o meu CONHECER.

Às minhas irmãs Kelly e Karine. Kelly, você continua sendo a minha ídola pela ousadia e tento trazer isso para a minha vida. Presenteou-me com o menino mais lindo desse mundo, a quem devo momentos de alegria, de leveza, de distração e de força quando me dou conta que viver é isso, a simplicidade. À Karine que com suas palavras e tratamento, faz-me buscar mais e mais. Fazes com que aumente a minha responsabilidade em superar-me.

A toda a minha família, irmãos, sobrinhos, tios, especialmente ao tio lindo Tier, prima Natali, lembrem-se que vocês estão em mim. Aos meus amigos maravilhosos pela participação de vocês em meus projetos de vida, amo-os demais e com vocês devo brindar a vida e mais essa alegria.

A Manuel Messias, meu mestre de vida e de ciência. Quanto sou grata por tudo que faz por mim, sua nobreza me faz acreditar naquela frase “O limite é o céu.” Obrigada por todo o tempo que dedicou a identificar e organizar os meus anseios para com a pesquisa.

Aos que contribuíram não só tecnicamente, mas com afeto, eu agradeço especialmente a Jeane, Daiane, Cássia, pela imensa atenção que tiveram comigo.

Aos meus professores e amigos do Colégio Padre Ovídio, Colégio Anísio Teixeira, Universidade Tiradentes, Fanese e Universidade Lusófona de Lisboa. Como foi bom ter vivido com todos vocês. A cada um agradeço a contribuição para a minha formação, aproveito a deixa para ampliar a gratidão a todos os que foram meus alunos. Suas marcas permanecem em mim.

A quem me formou pesquisadora, Professor Doutor Óscar, grande professor e depois creio que tenha sido o melhor orientador que eu poderia ter. A sua capacidade me instiga a buscar a perfeição, redobra a minha responsabilidade e autocobrança em fazer um bom trabalho. Que Deus te proteja sempre e obrigada. Sinto-me privilegiada e realizada. Conseguiu estimular-me, mesmo a partir de agora, a fazer mais. Essa pesquisa é nossa. Deu-me condições para eu aprender a CONHECER e a FAZER.

Obrigada a todos que fazem parte da escola pesquisada, que gentilmente abriram as portas para a pesquisa científica, às diretoras e professores que me atenderam prontamente. Com vocês, a partir das entrevistas, aprendi mais e alimentaram a minha esperança na educação.

Resumo

Este estudo buscou investigar, a partir de entrevistas voltadas aos professores e diretores pedagógicos de uma escola de educação básica da rede privada da cidade de Aracaju – Sergipe – Brasil, se eles se aperceberam das mudanças ocorridas no mundo, no século XXI, no qual tivemos como variáveis a Globalização, a Tecnologia, Meio Ambiente, Informação e Mudanças na Educação. Tomando conhecimento dessas alterações, procurou-se analisar quais práticas foram adotadas para responder às novas demandas. Questionou-se sobre o que os atores educacionais estão a fazer para preparar o cidadão para o enfrentamento e adaptação a essas mudanças, ou seja, a aplicabilidade dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI, tendo como referência o Relatório Delors (1999). As entrevistas foram divididas em dois momentos: o primeiro considerou as cinco variáveis que caracterizam as mudanças ocorridas no mundo e que fomentaram questões sobre cada uma delas; o segundo, baseado nos pilares educacionais, levantou interrogações quanto à vivência deles na prática escolar. Ao analisar as entrevistas constatou-se que os entrevistados se aperceberam das mudanças no mundo: as fragilidades dos relacionamentos, o aumento da desigualdade social, os benefícios e malefícios das tecnologias, a discreta mudança de postura das empresas e Estado frente ao meio ambiente, o excesso de informações que temos recebido e a falta de capacidade de gerenciá-las e as políticas educativas. A essas mudanças, a Escola reage, considerando todos os saberes necessários para a Educação do século XXI, ou seja, os pilares propostos pela Unesco. A postura dessa Escola, perante as demandas, concretiza o discurso e colabora para a dissipação dessas práticas para outras escolas, o que responde de forma positiva à problemática levantada.

Palavras-chave: Mudanças. Pilares da Educação. Práticas Educativas.

Abstract

This study investigated, from interviews with focus on teachers and principals of a basic education school of the private network from Aracaju City – Sergipe State – Brazil, if they realize the changes that have taken place in the world in the 21st century in which we had as variables the Globalisation, the Technology, the Environment, the Information and Changes in Education. Taking notice of these transformations, there was the analyzis about practices were adopted to respond to new demands. The main question was about what the educational actors are doing to prepare our citizens for the management and adaptation to these changes. In other words, checking if they are applying the Four Pillars of Education for the 21st century, according to Delors Report (1999). The interviews were divided into two phases: the first was considered the five variables that are typical features of changes have happened around the world and that have raised questions about each one of them; the second, based on educational pillars, raised questions as to the way of living with them in school practice. When analyzing the interviews found that interviewees realised the changing world: the weaknesses of relationships, increasing social inequality, the benefits and harm of technologies, a discreet shift in posture of businesses and State front the environment, the excess of information that we have received and the lack of ability to manage them and educational policies. To these changes, the school reacts, considering all the knowledge necessary for the Education of the 21st century, in terms of pillars proposed by Unesco. The actions of this school, in view of the demands, accomplishes the discourse and collaborates to pass on such practices to other schools, which responds positively to the problems raised.

Keywords: Changes. Pillars of Education. Educational Practices.

Siglas

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CIA – Central Intelligence Agency

COP – Conferência das Partes da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

IDEC – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

NIC – Nacional Intelligence Council

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (Organization for Economic Co-operation and Development)

ONU – Organização das Nações Unidas

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RFB – Secretaria da Receita Federal do Brasil

SAIN – Secretaria de Assuntos Internacionais

SEAE – Secretaria de Acompanhamento Econômico

SPE – Secretaria de Política Econômica

STN – Secretaria do Tesouro Nacional

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)

Índice Geral

Introdução	11
Capítulo I – Enquadramento Teórico	14
1.1 Considerações sobre a sociedade do século XXI	15
1.2 O ser humano da modernidade líquida	28
1.3 A Educação para o Século XXI	31
1.3.1 Aprender a Conhecer	34
1.3.2 Aprender a Fazer	39
1.3.3 Aprender a Viver Juntos	42
1.3.4 Aprender a Ser	46
Capítulo II – Problemática da Pesquisa	53
2.1 Problemática	54
2.2 Objetivos da Pesquisa	55
2.2.1 Objetivo Geral	55
2.2.2 Objetivos Específicos	55
Capítulo III – Metodologia da Pesquisa	57
3.1 Tipo de Pesquisa	57
3.2 Contexto da Pesquisa	57
3.2.1 Caracterização da Escola	57
3.2.2 População/Amostra/Sujeitos	58
3.3 Instrumentos da Pesquisa	59
3.4 Procedimentos e Técnicas de Análise	61
Capítulo IV – Resultados e Discussões	64
4.1 Primeira entrevista: percepção sobre as mudanças	66
4.1.1 Processo de elaboração da primeira entrevista	67

4.1.2 Percepção dos entrevistados: análise das falas correspondentes à primeira entrevista	68
4.1.2.1 Globalização	68
4.1.2.1.1 Mudanças provocadas pelo processo de globalização	69
4.1.2.1.2 Relacionamento Interpessoal	74
4.1.2.1.3 Fator econômico como um provocador de diferenças	79
4.1.2.1.4 Vantagens e desvantagens da globalização	82
4.1.2.2 Tecnologia	85
4.1.2.2.1 Percepção das mudanças com o advento da tecnologia	85
4.1.2.2.2 Relações interpessoais com a evolução da tecnologia	87
4.1.2.3 Comunicação	88
4.1.2.4 Meio Ambiente	90
4.1.2.4.1 Mudanças de atitude frente ao meio ambiente	90
4.1.2.5 Informação	92
4.1.2.5.1 Gestão de informações	93
4.1.2.5.2 Necessidades do mercado de trabalho	94
4.1.2.5.3 Preparação das pessoas	96
4.1.2.6 Mudanças	97
4.1.2.6.1 Impactos das mudanças na educação	97
4.1.2.6.2 Papel da escola	100
4.1.2.6.3 Políticas educativas	103
4.2 Segunda entrevista: da percepção à prática	107
4.2.1 Processo de elaboração da entrevista	109
4.2.2 Aplicação dos Pilares da Educação: análise das falas correspondentes à segunda entrevista	110
4.2.2.1 Pilar Conhecer	110

4.2.2.2 Pilar Fazer	121
4.2.2.3 Pilar Ser	125
4.2.2.4 Pilar Conviver	132
4.3 Percepção e prática: a relação entre as duas fases da pesquisa	141
Conclusão	146
Bibliografia	151
Anexos	I

INTRODUÇÃO

A educação é um fenômeno social que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade, a partir da ciência, da economia, da cultura e da política. Cada grupo social dá origem, organiza e põe em prática seu sistema educativo a partir da visão que se tem do ser humano e do mundo, e em virtude de referenciais individuais e coletivos que adquirem força naquele tempo e naquele espaço específico. Assim, é importante considerar a correlação que há entre a forma que as pessoas se veem e veem o mundo, ou seja, suas concepções, a forma como educam as novas gerações e o tipo de sociedade.

Assim, como outras ciências, a educação possui princípios que se materializam na aplicação de propostas educacionais, cujo conteúdo sustenta-se em diferentes visões da sua finalidade e dos seus objetivos. As bases sob as quais se estruturam a visão educacional de uma determinada época e local são influenciadas por vários fatores: sociais, políticos, econômicos, tecnológicos, científicos e religiosos que atuam na sociedade.

Por isso, uma análise mais aguçada acerca das primeiras décadas do século XXI, revelou uma crise no ser humano, visto que ele necessitou renunciar aos antigos modos de subsistência, habilidades, expectativas profissionais, projetos familiares, valores e instituições tradicionais que já não encontravam mais lugar no seio da nova sociedade, marcada pela Era da Informação, da valorização do ser humano, de sua criatividade e conhecimento. Por isso, a sociedade contemporânea exige indivíduos com competências múltiplas, que saibam trabalhar em equipe, tenham capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas e complexas, de enfrentarem, sem cessar, novos desafios e promoverem transformações. Eis o cenário em que emergem os Quatro Pilares da Educação para o século XXI e na aplicação na formação desse indivíduo capaz de responder aos anseios dessa nova época.

As motivações para o desenvolvimento dessa pesquisa originaram-se de observações feitas na gestão de recursos humanos, em que foi possível perceber que as empresas apresentam grandes dificuldades na motivação de seus colaboradores e na dinâmica do trabalho em equipe, além da ausência, por parte dos trabalhadores, de habilidades que os permitam lidar com as rápidas transformações não só no mundo do trabalho, como também de seu contexto social e familiar, bem como as inquietações oriundas da inversão de valores, presentes na sociedade contemporânea. Tais indagações conduziram o estudo à reflexão sobre o processo educacional desses indivíduos e nas interfaces entre a proposta apresentada pelos

Quatro Pilares e, conseqüentemente, sua operacionalização nas escolas, visto que eles fornecem dimensões que, de algum modo, quando desenvolvidas permitiriam ao ser humano a aquisição de mecanismos e estratégias importantes para o mundo contemporâneo.

Assim, foi escolhida uma escola de educação básica em Aracaju, onde buscou-se investigar como está vivenciando a dinâmica dos quatro pilares no processo de formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios da nova ordem social em que estão inseridos. A pesquisa foi realizada em duas fases, num primeiro momento, entrevistamos professores e diretoras pedagógicas para saber se perceberam, ou seja, se aperceberam das mudanças do mundo contemporâneo, abrangendo as seguintes temáticas: Globalização, Tecnologia, Meio Ambiente, Informação e Mudanças na Educação, tendo como referência bibliográfica, as obras de Zygmunt Bauman. Num segundo momento, uma nova entrevista foi realizada tendo como objetivos interrogá-los sobre as práticas pedagógicas, ou seja, se na escola escolhida, eles se utilizam da abordagem dos Quatro Pilares da Educação para o Século XXI, propostas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Analizamos e relacionamos os resultados das entrevistas. Nas considerações expomos que apesar de haver tantas transformações no mundo, inclusive mudança de valores, há um exemplo de sucesso, de uma escola que reage positivamente, trabalhando valores, cidadania, ética, se preocupa e busca incentivar o estreitamento dos relacionamentos familiares. Ou seja, trata-se de uma escola que em suas práticas pedagógicas, desde com os alunos da educação infantil, a aplicação de todos os Pilares da Educação: Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Considerações sobre a sociedade do século XXI

A sociedade que se apresenta atualmente é dinâmica e vem sendo atingida por uma gama de transformações cada vez mais íntimas, velozes e principalmente capazes de desestruturar velhas certezas e concepções até então sólidas. Como afirma Bauman (2001), entramos na modernidade líquida, marcada por um processo contínuo de liquefação de conceitos, paradigmas, cosmovisões. A Modernidade em seus primórdios sustentava-se numa solidez duradoura, capaz de gerar um grau maior de confiabilidade; o que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. No entanto, assegura Bauman (2001, p.12):

“O derretimento dos sólidos, traço permanente da modernidade adquiriu, portanto um novo sentido e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi à dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser largados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são eles que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado e as ações políticas de coletividades humanas, de outro”.

Em outras palavras, o que mudou foi a modernidade sólida que cessa sua existência e, em seu lugar, surge a modernidade líquida. A primeira tem início com as transformações clássicas e o advento de um conjunto estável de valores e modos de vida cultural e política. Na segunda, tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em todas as suas esferas perde consistência e estabilidade. As inúmeras esferas da sociedade contemporânea passam por uma série de transformações cujas consequências esgarçam o tecido social. Tais alterações, continua Bauman (2001), faz com que as instituições sociais percam a solidez e se liquefaçam, tornando-se amorfas, paradoxalmente, como os líquidos.

Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas da vida humana. Como consequência, vive-se o tempo de transformações sociais aceleradas, nas quais as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o centro da questão. A liquefação dos sólidos explicita, de forma metafórica, um tempo de desapego e

provisoriamente, uma suposta sensação de liberdade que traz em seu acesso a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos.

Nesta perspectiva, desencadeia-se um processo no qual estar junto é também não estabelecer relações duráveis; fato que vem caracterizando os relacionamentos na contemporaneidade. Isso resulta principalmente da instabilidade que impera na modernidade líquida, época de incertezas e inseguranças provenientes do risco que poderá trazer um novo relacionamento, diante do qual previsões e mecanismos de controle não se aplicam. Bauman (1997), ao dissecar os líquidos relacionamentos, revela como a interação entre os indivíduos reflete uma ordem social instável na qual a impossibilidade de prever quando e como ocorrerá um relacionamento não está restrita a casos de amor. A previsibilidade seguida da possibilidade de exercer controle sobre os diferentes tipos de relações constituintes das sociedades contemporâneas era uma das expectativas em relação à passagem de uma modernidade sólida para uma modernidade líquida. Nestes termos, assegura Bauman (2001, p.10):

“Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo, por uma vez, de descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável”.

Todavia, o desejo não só deixou de se concretizar, mas também se instituiu a insegurança como pilar que sustenta as relações interpessoais, conseqüentemente instaurou-se um contexto no qual ansiedade, superficialidade e brevidade emergem como mecanismos de defesa empregados na relação com o outro. Sendo assim, os indivíduos procuram estratégias de proteção, como o que Bauman (1997) denominou de “fixação” e “flutuação”, que lhes permitam lidar com essa instabilidade e ambivalência em que vivem. O primeiro refere-se à tentativa de preservar o relacionamento apesar da não possibilidade de controle. Trata-se, diz Bauman (1997, p. 115), do

“esforço para emancipar o relacionamento de sentimentos erráticos e vacilantes, para assegurar que - aconteça o que acontecer com suas emoções - os parceiros continuem a beneficiar-se dos dons do amor: o interesse, o cuidado, a responsabilidade do outro parceiro. Um esforço para alcançar o

estado em que se possa continuar recebendo sem dar mais, ou dando não mais do que o padrão estabelecido exige”.

Investe-se, portanto, na “vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado”, ainda que exija renúncias ou mesmo implique rotinas, afinal “o eu que ama se expande doando-se ao objeto amado” (Bauman, 2004, p. 24), no exercício da tolerância para lidar com a diferença que a alteridade representa, diferença que deve ser suportada sob pena de resultar no fim do relacionamento.

Por outro lado, o segundo caracteriza-se pela não perseverança sem disposição para estabelecer concessões. Sustentam-se pelos princípios de custo-benefício, conforme a dinâmica do mercado. De acordo com os lucros obtidos, o relacionamento continuará recebendo investimentos ou será suspenso. Bauman (1997) apresenta a “flutuação” como “a recusa de conceder o caráter árduo da tarefa e o duro trabalho implicado”. A estratégia de “cortar as próprias perdas”, de “não investir dinheiro bom em busca de mau”, de desistir de buscar alhures outra tentativa, uma vez que parece que os ganhos caíram abaixo do nível das despesas que se precisa para assegurá-los. Nessa estratégia, escapa-se da insegurança mais do que se luta com ela, na esperança de que se possa encontrar a segurança alhures a custos mais baixos e com esforço menos oneroso (Bauman, 1997).

Assim, as perspectivas temporais parecem dissolver-se. Já não se pensa em futuro, pois este se apresenta como uma grande nebulosa incerta e sem referência, uma vez que o passado também já não dá sustentação ao momento presente, único momento que parece existir de fato. Não há qualquer tipo de garantia. A “fixação” e a “flutuação” medeiam, cada uma a seu modo, a tênue fronteira entre segurança e dependência, como um tipo de possessão/escravidão, por um lado; e liberdade e insegurança, por outro.

Outro conceito importante para se pensar as relações interpessoais na contemporaneidade diz respeito à diferença feita por Bauman (1997) entre sociabilidade e socialização. Este, afirma o autor, “visa a criar um ambiente de ação feito de escolhas passíveis de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas” (Bauman, 1997, p. 138). Aquele se caracteriza pela ausência de um referencial preestabelecido e pela impossibilidade de se fazer previsões relacionadas às ações

dos indivíduos. “A sociabilidade coloca a unicidade acima da regularidade e o sublime acima do racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação” (Bauman, 1997, p. 138).

A sociabilidade é característica da modernidade líquida na qual os indivíduos não mais têm um grupo de referência pelo qual se pautam. Observa-se a emergência da multidão, na qual os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes nas quais se encontram. Entretanto, se por um lado o processo de liquefação, pelo qual passaram a modernidade e sua atual forma fluida e leve não excluiu em momento algum a dinâmica do poder que de certa forma permeia as relações e as dinamizam, visto que, afirma Bauman (2001, p.13),

“nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem”.

Mas o que tem alimentado esse processo que vem transformando profundamente as relações econômicas, sociais, culturais e educacionais; bem como os significados de tempo e espaço, integração mundial, modernidade técnica e reflexividade social? Discutir-se-ão, aqui, quatro importantes fatores a que se pode creditar a base de tal dinâmica: a globalização, as novas tecnologias, a informação e o meio ambiente.

O advento do que se convencionou chamar globalização faz parte de uma complexa rede de transformações que ocorrem na base da produção material com reflexos em todos os setores da vida da sociedade, conduzindo nações, organizações e indivíduos a uma inevitável interdependência política, econômica e social. Para Bauman (1999), no novo contexto mundial a mobilidade tornou-se um dos pontos mais desejados, pois dela decorre a proeminente hierarquia social, em que os padrões econômicos, sociais e políticos deixaram à esfera local e passaram a agir mundialmente, sendo, portanto, indispensável esta liberdade de ajustamento, pois dela deriva a eficácia do capital e dos investimentos modernos.

Fenômeno histórico-social de longa data, a globalização não tem significado único. Para Bauman (1999), ela não se refere a um processo de homogeneização global, mas,

sobretudo, a uma controversa diversidade nas estruturas sociais, desnudando as raízes e consequências sociais de um processo que divide a sociedade em forças opostas. De um lado, a elite detendo o poder nessa nova ordem social, caracterizada pela interdependência do espaço. Do outro, a massa popular, para a qual o espaço é limitado. Todos, no entanto, sofrem as consequências dessas mudanças repentinas, velozes, em processos ininterruptos e avassaladores.

A globalização, suas relações, processos e estruturas, repercutem sobre a realidade, dando-lhe novos significados. Este mundo globalizado de coisas, pessoas, idéias, realizações, possibilidades e ilusões vem provocando rupturas, fragmentações, contradições, desencontros em âmbito nacional e mundial, envolvendo relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais de grande alcance. Fala-se mesmo em outra história e outra geografia: “novas formas de espaço e tempo, às vezes, límpidos e transparentes, outras vezes caleidoscópios e labirínticos” (Ianni, 2003, p.220).

A globalização, sob os auspícios da eletrônica, da informática, da robótica e da comunicação invade todo o mundo, modernizando a ordem social, econômica, cultural e pessoal. Provoca rupturas, desníveis sociais, anacronismos, dissonâncias e tensões em toda parte. A história e a cultura, suas relações, processos estruturais, vivências individuais e coletivas, nacionais e mundiais são modificadas cotidianamente. Tudo é transformado pela velocidade eletrônica, imprimindo novo ritmo à sociedade-rede.

As principais atividades produtivas, o consumo, a circulação, assim como seus componentes – capitais, trabalho, matéria-prima, administração, tecnologia, mercado e informação – estão interconectados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. Sugere Bauman (1999) que não há mais, por conseguinte, atitudes de pressão de capital, pois as organizações perderam seu vínculo com o local, tornou-se também resistente à coação dos trabalhadores. O capital pressionado retira-se a uma busca de opções mais suaves.

Assiste-se ao desaparecimento de fronteiras, ao surgimento do capital volátil, à queda do Estado-Nação e do sujeito cartesiano. Novas cartografias são desenhadas, configurando um novo mundo globalizado: o *império da não-contemporaneidade*, no qual, passado e presente

se confundem com o espaço, em ritmos e direções diferentes. Desmobilizam-se economias aparentemente sólidas e inabaláveis, instituindo o mundo dos dominadores e dos dominados. Do ponto de vista econômico, o livre comércio, aberto a países menos desenvolvidos, solapa suas economias muito vulneráveis à alteração dos preços e mudanças tecnológicas.

Com suas expressões culturais imbatíveis - *Coca-Cola*, *Mac Donald*, *CNN*, *Microsoft*, *Nokia*, entre outras -, divide o mundo simbólico em ricos e pobres, vencedores e perdedores, miseráveis e bem sucedidos, afetando todos os países, encerrando-os em um único mundo desigual, no qual investidores individuais podem transferir quantidades de capital, de um lado para outro do mundo, num piscar de olhos, com um simples clicar de um mouse.

Tal situação demanda por políticas e instrumentos de regulação públicos e privados, constituindo-se grave desafio ao desenvolvimento de novas formas não só de produzir e comercializar bens e serviços, mas também de promover e estimular o desenvolvimento industrial, as questões éticas, políticas, sociais e jurídicas, para uma nova ordem social pós-moderna. Do ponto de vista da *dinâmica social*, algo completamente novo surge: o elemento integrador de coesão social desmoronou-se. O que era sólido derreteu-se (Bauman, 2001).

Sendo assim, as distâncias já não importam, pois o que está sendo apresentado é o fim da geografia em termos de espaço, sendo as fronteiras meras formas simbólicas e sociais. Diz Bauman (1999, p.19), “a distância é um produto social, sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida”.

Nesta perspectiva, o processo de globalização traz profundas transformações para as sociedades contemporâneas, pois a complexidade de um cenário social, alimentado pelas trocas econômicas e de informações entre os países de diversas culturas, apresenta paradoxos e contradições e coloca novos desafios para as pessoas nesse novo século. Ao mesmo tempo assegura M. Wickert (2006.p.15):

“Em que se globalizam modos de vida e hábitos de consumo, surge à necessidade de afirmação de particularidades, regionalismo e singularidades, na tentativa de preservação da heterogeneidade cultural. Destaca-se que na Globalização e no

seu complementar: a regionalização, o elemento humano tem seu valor ampliado”.

No entanto, Bauman (1999) alerta para as consequências da globalização, uma vez que seus benefícios não atendem a todos de forma uniforme. À proporção que se globalizam saberes, tecnologias e culturas, observam-se que ela fica restrita aos grupos economicamente favoráveis, aumentando as diferenças em relação às pessoas que vivem em situação de miséria e, portanto, incapazes de participar das maravilhas da imensa aldeia global. No campo da produção afirma Wickert (2006), exige-se maior tecnologia e consequentemente uma mão de obra mais qualificada, num cenário marcado pelas exigências de um mercado globalmente competitivo. Isso exige do indivíduo uma demanda por conhecimento, competência, capacidade de inovação e criatividade.

Stevens, Miller e Michalski (2001) ressaltam que o impacto das mudanças sociais será intenso e diversificado e que resultará, principalmente, da intensificação da difusão das tecnologias da informação, do desenvolvimento da economia do conhecimento, da globalização dos mercados e das inovações radicais no campo da gestão.

O mundo passa por quatro tipos de transições, que contribuem para um período muito mais complexo e variado, segundo Stevens, Miller e Michalski (2001, p.12):

“(i) a passagem de uma sociedade essencialmente rural e agrícola para uma sociedade de mercado industrializada; (ii) o abandono de uma economia planificada estatal para uma economia de mercado controlada por interesses privados; (iii) a substituição de um sistema de produção padronizado e em grande escala por um sistema de fabricação por demanda, descentralizado e baseado no conhecimento; (iv) a passagem de um sistema de autarquia completa à integração mundial”.

Durante as primeiras décadas do século XXI, observa-se que as transformações tenderam a gerar profundas perturbações em todas as esferas da vida humana, especialmente porque os indivíduos tiveram de renunciar a antigos modos de subsistência, habilidades, expectativas profissionais, projetos familiares, valores e instituições tradicionais e lugares onde suas famílias viveram durante gerações. Isso ocorre principalmente pela necessidade crescente de se aproveitar as promissoras perspectivas tecnológicas e econômicas.

As segmentações e convulsões que acompanham as grandes transições socioeconômicas podem resultar em oportunidades de compartilhamento dos conhecimentos e das riquezas que as regiões ou os grupos privilegiados já têm acumulado. As disparidades significativas que existem hoje entre certos países poderiam tornar-se uma fonte importante de criatividade, de especialização e de interdependência benéfica para todos. O risco reside no fato de que essas disparidades muitas vezes conduzem à incompreensão e ao conflito. Saber reduzir esses riscos ao mínimo e tirar o melhor das vantagens depende, em grande parte, da capacidade de aprender com as diferenças. Existe uma tendência em buscar a interação entre os diversos atores por meio da introdução de normas comuns, de códigos de conduta e de valores aceitos por todos, o que torna possível as trocas, independentemente das fronteiras sociais e econômicas (Stevens, Miller & Michalski, 2001).

Possivelmente, a globalização seja, ao mesmo tempo, causa e efeito de diferenças sociais, o que gera grandes preocupações quanto às suas repercussões. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2001b), dois problemas são identificados a partir desta constatação:

“(i) o mundo não possui mecanismos que permitem que os vencedores da mudança (agentes da globalização) assegurem uma compensação aos perdedores; (ii) sem as infraestruturas necessárias para impedir a exclusão, há grandes riscos de que a heterogeneidade social da globalização conduza à fragmentação e à polarização, o que pode gerar desestabilização da sociedade no futuro”.

A transformação do mundo numa aldeia incentivou o desenvolvimento da tecnologia não só no que se refere à aplicação da técnica e da ciência no setor de produção, mas também na solidificação das novas tecnologias da informação. A informática e, conseqüentemente, a rede de computadores fornece a base material indispensável para a globalização, pois a facilidade e a rapidez na comunicação proporcionada pela internet fomentam o intercâmbio cultural e econômico entre os povos. A sociedade atual, diz Wickert (2006, p.16):

“Caracteriza-se por um quadro institucional cuja marca principal é a subordinação à tecnologia, especialmente às eletrônico - informacionais e, com isso, há uma recolocação, sob novas bases, de questões como poder, ideologia, educação, redimensionando o papel do ser humano e seu lugar no contexto do século XXI. Tudo se equaciona na estrutura virtual da comunicação interativa entre as pessoas e nações, desde

transmissões de rádio locais e ações cotidianas, como o uso do tele fax, fax, celular, laptop até grandes decisões políticas, como avançadas estações multimídias e transmissões via-satélite”.

Da mesma forma que o desenvolvimento tecnológico, principalmente os ligados à informação levou o ser humano a adentrar na chamada Era da Informação e do Conhecimento, vive-se uma época marcada pela economia informacional em que a produtividade e competitividade dependem basicamente da capacidade de gerar, processar e ampliar de forma eficiente a informação, transformando-a em conhecimentos. Afirma Wickert (2006, p.20):

“O conhecimento não é mais considerado um recurso como os outros tradicionais fatores de produção, mas sim o mais significativo, o que torna singular esse momento. A riqueza fixa-terras, equipamentos, imóveis – estão, cada vez mais, sendo substituídos pelo capital intelectual - informações, conhecimentos, competências”.

Como se pode notar, o ritmo das mudanças tecnológicas vem se acelerando. Sinergias entre tecnologias e disciplinas geram avanços na pesquisa e desenvolvimento, nos processos produtivos e na natureza dos produtos e serviços. Nesta dinâmica, os avanços tecnológicos trazem como consequências: “(i) continuidade do aumento da demanda por mão de obra altamente qualificada; (ii) suporte ao crescimento mais elevado da produtividade; (iii) mudanças na organização dos negócios e na natureza das relações de trabalho” (Karoly & Panis, 2004). A globalização econômica afeta de modo cada vez mais intenso as indústrias e segmentos da mão de obra. No entanto, se por um lado pode haver diminuição de empregos em alguns setores econômicos, com consequências de curto e longo prazo para os trabalhadores afetados, por outro, as perdas serão contrabalançadas pela criação de novos cargos em outros setores.

Cada vez mais a tecnologia vem se tornando fator de influência constante no comportamento da sociedade, principalmente no que se refere aos avanços conquistados nas áreas de tecnologia da informação e comunicação, biotecnologia, nanotecnologia, inteligência artificial. Por outro lado, as transformações científicas que ocorrem em ritmo acelerado, potencializarão as desigualdades geopolíticas, acirrando a tensão entre Estados e dentro destes, com o aumento da disparidade de rendimentos (NIC, 1997). Para muitos países em desenvolvimento, a imigração internacional pode vir a causar a evasão de suas já diminutas

elites altamente instruídas, tornando mais difícil para essas nações sustentarem seu crescimento econômico ou “alcançarem” os países desenvolvidos no tocante ao nível de qualificação do ambiente tecnológico (CIA, 2001). Para 2020, espera-se o aprofundamento do vão entre o predomínio tecnológico das nações desenvolvidas e as capacidades restritas da América Latina nessa área. Entretanto, pode haver casos específicos de sucesso de países da região que impulsionem projetos tecnológicos a partir do Estado, ligados à produção industrial ou à defesa. O Brasil é uma nação com potencial de desenvolvimento tecnológico (NIC, 2004a).

Na era da informação há uma valorização do ser humano, de sua criatividade e conhecimento como molas propulsoras da dinâmica social. Por isso, a sociedade contemporânea exige indivíduos com competências múltiplas, que saibam trabalhar em equipe, tenham capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas e complexas, de enfrentarem, sem cessar, novos desafios e promoverem transformações.

Conforme a OCDE (2001b), a valorização das pessoas deve se intensificar no âmbito da economia mundial. O capital humano será cada vez mais importante para as empresas, independentemente do tamanho e da estrutura societária em que estejam inseridas. A sociedade apoiará iniciativas de investimento pessoal que atribuam ao indivíduo mais liberdade e confiança para desenvolver seu potencial. Os atores econômicos darão mais importância ao desenvolvimento humano permanente. Com isso, as famílias farão investimentos maiores e por mais tempo na educação. “A taxa de pessoas que cursaram o ensino superior está aumentando no mundo inteiro. Essas tendências são abarcadas pelo conceito do capitalismo social” (OCDE, 2001b).

O estudo da OCDE (2001b) argumenta que a globalização oferece numerosas vias pelas quais podem ser repassados, de um lugar a outro, conhecimento e valores. Mas uma era de mudança deveria também ser um período de esperança e oportunidades, em que a inovação econômica e o progresso humano fossem estendidos a todos. Nesse sentido, o capitalismo social não produzirá um sistema uniforme, mas um “patrimônio genético” de formas sociais, adaptáveis à evolução das circunstâncias, às aspirações humanas e às realidades econômicas (Bloom, 2001).

A produtividade e o crescimento serão permeados pela geração de conhecimentos, estendidos a todas as esferas da atividade econômica, mediante o processamento da informação. A intensidade da economia mudará a produção de bens para a prestação de serviços. Além disso, a nova economia aponta para o aumento da importância das profissões com grande conteúdo de informação e conhecimento, constituindo o cerne da nova estrutura social (Castells, 2005).

Verifica-se a transição entre os recursos naturais e o conhecimento como fonte de riqueza. O capital físico, por exemplo, está em plena desvalorização se comparado com o capital intelectual. O conhecimento, que é uma forma de capital fundamentalmente diferente, abundante e rentável, pode se desenvolver facilmente e de maneira pouco dispendiosa (OCDE, 2001b). Nesse contexto, as questões envolvendo a propriedade intelectual serão cada vez mais debatidas e protegidas por leis e regras. A “era do conhecimento e da informação”, de um modo geral, formará uma sociedade mais crítica e exigente.

E. Siqueira (2005) destaca que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) terão um impacto maior do que as revoluções econômicas (agrária, comercial e industrial). Isso porque elas serão ferramentas revolucionárias para a ciência, a pesquisa, a indústria, o comércio e as comunicações. Miller, Michalski e Stevens (1998) afirmam que as tendências das tecnologias da informação apontam para a queda dos custos e para a miniaturização em um setor extremamente concorrencial.

A tendência de democratização das TIC poderá concretizar-se com a universalização da internet, o desenvolvimento da telefonia móvel e a melhoria das infraestruturas de comunicação, com custos reduzidos (Mouline & Lazrak, 2005). Tal democratização seria benéfica para o desenvolvimento humano, particularmente para a educação, a formação e a integração social.

Todo este contexto, por sua vez, descortinou o quadro alarmante da deteriorização progressiva do meio ambiente global, prognosticando um severo agravamento dos diversos ecossistemas que integram a biosfera, incluindo uma crise de energia e matérias primas e do clima que vem mexendo com toda a dinâmica interna do planeta. Como alerta a Unesco (1998, p.11):

“Pode-se, pois, falar de desilusões do progresso, no plano econômico e social. O aumento do desemprego e dos fenômenos de exclusão social, nos países ricos, atesta-o. A persistência das desigualdades de desenvolvimento no mundo, confirma-o. É certo que a humanidade está mais consciente dos perigos que ameaçam o ambiente natural. Mas não conseguiu, ainda, os meios para solucionar esse problema, apesar das numerosas reuniões internacionais, como a do Rio de Janeiro, apesar das sérias advertências surgidas na sequência de fenômenos naturais ou de acidentes tecnológicos. Torna-se insustentável considerar o crescimento econômico a todo o custo, como a verdadeira via de conciliação entre progresso material e equidade, respeito pela condição humana e pelo capital natural que temos obrigação de transmitir, em bom estado, às gerações vindouras”.

Se outrora se sustentava uma visão que separava o homem da natureza, gerando uma ruptura entre os dois e consequentemente a atuação devastadora do homem sobre o meio ambiente, os novos tempos tentam reabilitar esta unidade, alicerçando-a na renovação de hábitos e atitudes que resultem em efeitos diretos na utilização de recursos de forma sustentável, gerando um equilíbrio entre homem, natureza, economia e sociedade.

Estudo do Greenpeace Brasil (2006) afirma que os recursos naturais se esgotarão se houver a manutenção do atual padrão de consumo e produção e se países como a China, a Índia e o Brasil atingirem crescimento econômico e de consumo semelhantes aos níveis atuais da Europa e dos Estados Unidos. É cada vez maior o número de países, organizações e indivíduos que buscam direções estratégicas fundamentadas nas questões de proteção do meio ambiente. De acordo com o estudo da OCDE (1999), o uso desordenado dos recursos não renováveis e a extensão da poluição e seus riscos (efeito estufa, resíduos radioativos, acidentes com energia nuclear, gases e petróleo, deterioração da paisagem, poluição atmosférica etc.) devem ser avaliados rigorosamente, para que seja possível evitar efeitos multiplicadores de novos riscos.

Os problemas concernentes ao meio ambiente estão entre os fatores externos com reflexo na economia. O aquecimento global pode gerar graves consequências em escala mundial, como precipitações, elevação do nível dos oceanos, aumento da ocorrência de catástrofes naturais e desaparecimento de parte da fauna e da flora do planeta. A deterioração dos solos cultiváveis, o desmatamento e a ameaça sobre as reservas de água contribuirão para o empobrecimento das populações rurais (Mouline & Lazrak, 2005).

A OCDE (1999) demonstra que o aquecimento do planeta é, talvez, o mais difícil e complexo problema ambiental a ser solucionado no século XXI. A longo prazo, será necessário fixar um teto em relação às emissões de gases para que o clima não sofra conseqüências ainda mais graves. Isso exigirá uma ruptura nos atuais modelos econômico e energético. O grande problema envolvendo essa questão está em encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a redução da poluição. As políticas públicas terão papel importante na conscientização de produtores e consumidores, para que ocorra uma transição efetiva para um futuro com menor emissão de gases (Lahidji, Michalski & Stevens, 1999).

Nesta perspectiva, a 16ª Conferência das Partes da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP16/2010) em Cancun, México obteve um saldo considerado positivo, pois formalizou metas e compromissos indicados no documento final da COP15, realizado em 2009 em Copenhague, e avançou em alguns aspectos. No entanto, ainda falta detalhamento sobre a forma como as medidas serão implementadas e o acordo, que não foi consensual entre todos os países, continua sendo voluntário - ou seja, só cumpre quem quer.

Entre os principais avanços, está a criação de um Fundo Climático, que vai administrar a ajuda financeira dos países ricos às nações em desenvolvimento. A previsão é que sejam doados US\$ 100 bilhões até 2020. Outro ponto positivo é que, além do compromisso de limitar o aquecimento global a 2°C, já previsto na COP15, agora ficou estabelecido também que os países devem reduzir a emissão de CO₂ em 50% até 2050. Embora os acordos firmados não garantam meios de se atingir tal objetivo, pelo menos agora há uma meta para pressionar os países.

No entanto, um problema que a conferência de Cancun não resolveu é o segundo período dos compromissos do Protocolo de Kyoto, que se encerra em 2012, e é o único acordo legalmente vinculante (ou seja, tem força de lei) de redução de emissões entre os países ricos (com exceção dos Estados Unidos). Não foi tomada nenhuma decisão e apenas ficou prevista uma reunião "o mais breve possível" para discutir o tema.

Adriana Charoux (apud IDEC, 2010), pesquisadora do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), ressalta:

“Embora o resultado da COP16 seja positivo, principalmente porque depois do fiasco de Copenhague as expectativas eram muito mais realistas, a estrada para a transformação que precisamos ter para conter as mudanças climáticas ainda é longa e há muito trabalho pela frente”.

Existe ainda o desafio de consolidar estratégias e ferramentas que permitam aos consumidores fazerem escolhas mais responsáveis do ponto de vista socioambiental, tanto no acesso a bens e serviços mais sustentáveis quanto na pressão cotidiana aos governos e empresas para uma verdadeira mudança nos padrões de produção e consumo.

Assim, passou-se da solidez para o tempo dos fluidos, do desprendimento das redes de pertencimento social que caminha em paralelo como o processo de individualização, característica da constituição de novas subjetividades. Contudo, assegura Bauman (2001) entre a possibilidade do desprendimento fluido como modo de vida e a imposição do mesmo para a imensa maioria, há um vácuo entre a liberdade e a incerteza, a emancipação e o total desamparo social e individual.

Na era da exacerbação individualista todos e cada um seguem suas próprias convicções fazendo de seus semelhantes, coisas e demonstrando que a humanidade vive em processo de retificação ou retorno à barbárie, a partir da desumanização dos indivíduos potencialmente humanos.

1.2 O ser humano da modernidade líquida

A nova ordem social de que se tratou anteriormente está intimamente ligada a uma nova concepção de ser humano que foi se delineando em meio à fluidez dos tempos modernos. Contudo, para entender esse novo homem é importante distinguir três diferentes concepções: a do homem do iluminismo, do homem da modernidade sólida e a do homem pós-moderno.

O iluminismo concebia o ser humano como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se

desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele. Nasce o indivíduo soberano. Segundo Stuart Hall (2006, p.25):

“Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da igreja e a expressam diretamente aos olhos de Deus; o Iluminismo Renascentista, que coloca o homem no centro do universo, as revoluções científicas que conferiram ao homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada”.

O homem da modernidade sólida, emergido com a estrutura social que ganha forma no final do século XVIII com a ascensão da burguesia capitalista, reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos, símbolos - a cultura – dos mundos que ele/ela habitavam. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. Continua Hall (2006, p.11), “o sujeito ainda tem o núcleo ou a essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, afirma Hall (2006, p.19), “costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável,

está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno ou ainda o sujeito da modernidade líquida, concebido como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Ao sentir que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Nesta perspectiva tem-se uma visão do indivíduo como um ser plural capaz de transitar pela liquidez em que está inserido e que por sua vez exige um processo educacional que possa levar em consideração seu caráter múltiplo. O Ser humano, portanto, é fluido e necessita de instrumentos que o permitam transitar pela modernidade líquida. Eis o desafio da Educação para o século XXI.

1.3 A Educação para o Século XXI

Ao observar-se o processo de evolução da humanidade, constata-se a presença marcante das descobertas, inovações e os avanços, estreitamente relacionados ao espírito aventureiro, à inquietude, ao inconformismo e à capacidade inquisitiva dos seres humanos. Assim, o anseio pela busca do desconhecido, pela descoberta de novas fronteiras e produção de novos conhecimentos impulsionaram e continuam a projetar a sociedade em direção ao desenvolvimento.

É importante ressaltar que as transformações rápidas e profundas decorrentes dessas descobertas, refletem-se nos mais variados setores, destacando-se os avanços tecnológicos, a transformação dos paradigmas econômicos e produtivos e, em especial, as mudanças relacionadas à educação.

A visão educacional, considerada predominantemente tradicional, fundamenta-se no conceito-chave de que o professor transmite um conjunto fixo de informações aos alunos. Há que substituí-la por um enfoque alicerçado em processos de construção, gestão e disseminação do conhecimento, com ênfase no “aprender a aprender” e na educação ao longo da vida.

A sociedade em que vivemos afasta-se radicalmente da Sociedade Industrial para se constituir em Sociedade da Informação, ou mais apropriadamente, em Sociedade do Conhecimento. Neste contexto, associam-se à informação, características de revisão contínua e de crescente grau de complexidade. Seu conceito está intimamente ligado a novas experiências de espaço e tempo. Assim, as palavras Conhecimento e Educação voltaram a exercer um novo fascínio.

Mas, informação não é sinônimo de conhecimento. Este implica uma gestão criativa dessa informação e subentende a percepção das formas de acesso, seleção, articulação e organização das informações, a apreensão e concepção de contextos globais na compreensão do seu caráter multidimensional e das relações entre o todo e cada uma das partes. As

principais características da informação – complexidade, estabelecimento de novas conexões e atualização constante – implicam uma nova visão da educação e da formação das pessoas.

O sistema educacional vê-se, assim, confrontado com requisitos cada vez mais elevados ao nível da criatividade, da aplicação e disseminação da informação, da transferência e adaptação de conhecimentos a novas situações socialmente relevantes e/ou exigentes, susceptíveis de ocorrer ao longo da vida. Portanto, a preparação para responder a tais exigências coloca à educação, em todos os níveis, um desafio importante: o desenvolvimento de um intelecto habituado ao pensamento crítico, à aprendizagem autónoma, em síntese, ao processamento, elaboração e estruturação da informação para a geração do conhecimento.

Educar, sob esse cenário, significa incentivar a autonomia individual e a solidariedade, prevenir insucessos e lutar contra as desigualdades, favorecer o ensino experimental e o espírito científico, abrir novos horizontes, aliando a compreensão das origens e raízes à identidade da inovação científica e tecnológica, condições essenciais à mudança orientada para um desenvolvimento humano integral. Do mesmo modo que, segundo Edgar Morin (2001, p.20):

“O desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais”.

A Sociedade do Conhecimento, também chamada de Sociedade da Aprendizagem, requer uma nova leitura do mundo em que vivemos. Entretanto, difícil é nos despirmos de velhos conceitos, velhas linguagens, dos paradigmas passados, quando eles ainda são naturalmente uma parte de nós mesmos. Para nos tornarmos aprendizes, precisamos desaprender, recuperando a capacidade, que as crianças naturalmente possuem, de nos surpreendermos com as coisas, à admiração na qual Aristóteles identificou a origem da Filosofia.

Enquanto seres pertencentes a um sistema biológico, certamente temos duas funções básicas: a necessidade de sobrevivência, que nos leva à adaptação e a necessidade de ter uma estrutura interna ordenada, que faz com que nos voltemos à organização. Em decorrência, devemos sempre buscar o equilíbrio, a assimilação e a adequação para gerenciar os conflitos relativos a tais funções.

Ao se efetuar a transferência desses princípios para a aprendizagem pode-se dizer que, enquanto seres humanos, precisamos adquirir o conhecimento sobre o nosso meio ambiente e nossas relações durante toda a vida. Assim, como resultado de experiências, fazemos as associações entre os eventos do mundo ao nosso redor. Isso nos leva a considerar que a aprendizagem somente acontece quando ocorre a mudança de comportamento do ser humano, em resposta a uma experiência anterior, requerendo a existência de um significado efetivo para o aprendiz. Propiciar uma aprendizagem significativa consiste em considerar a maneira própria de pensar das pessoas e perceber as contradições e inconsistências, buscando saber o que sabem e o que ainda precisam saber.

Há necessidade de se entender que aprender é um processo complexo, o ser humano deve ser o sujeito ativo na construção do conhecimento, e que este somente se dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade. O conhecimento é o principal fator de inovação disponível ao ser humano. Não é apenas um recurso renovável, ele cresce exponencialmente à medida que é explorado. O conhecimento não é constituído de verdades estáticas, mas um processo dinâmico, que acompanha a vida humana e não constitui em mera cópia do mundo exterior, sendo um guia para a ação. Ele emerge da interação social e tem como característica fundamental poder ser manifestado e transferido por intermédio da comunicação. Assim, a capacidade de aprender, de desenvolver novos padrões de interpretação e de ação, depende da diversidade e da natureza vária do conhecimento.

Existe uma concordância quanto à importância da presença da inovação e das práticas de investigação no contexto das instituições educacionais, assim como sobre a necessidade do desenvolvimento de competências para estas duas atividades nos processos de formação básica e permanente das pessoas. A competência, nesse contexto, é por nós entendida no sentido explicitado por Philippe Perrenoud (1999) que mencionou ser uma competência um saber-mobilizar. Trata-se, portanto, não de uma técnica ou de mais um

saber, mas de uma capacidade de mobilizar um conjunto de recursos, conhecimentos, *know-how*, esquemas de avaliação e de ação, ferramentas, atitudes – a fim de enfrentar com eficácia situações complexas e inéditas.

Sob a égide de uma educação voltada para o desenvolvimento de competências, uma visão prospectiva da educação nos é oferecida por Jacques Delors (2001, p.89-90) ao afirmar que:

“Não basta que cada qual acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que se possa abastecer indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer esses conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança”.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: ***aprender a conhecer***, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; ***aprender a fazer***, para poder agir sobre o meio envolvente; ***aprender a viver juntos***, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente ***aprender a ser***, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (Delors, 2001, p.89-90).

1.3.1 Aprender a Conhecer

Aprender a conhecer levando em conta as rápidas alterações provocadas pelo progresso científico e as novas formas de atividade econômica e social, conciliando uma cultura geral suficientemente vasta com a possibilidade de dominar, profundamente, um reduzido número de assuntos. (Delors, 2001). Este pilar visa não tanto à aquisição de um repertório de saberes codificado, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento.

Os princípios da teoria cognitivista cujo maior objetivo liga-se a idéia de que o sujeito e gestor da sua aprendizagem, a partir da compreensão dos processos mentais na descoberta e construção do conhecimento, oferecem elementos para compreender as

estruturas do conhecimento, de entender suas possibilidades, fundamentam principalmente, o pilar aprender a conhecer. As teorias cognitivistas, atualmente, dedicam-se à descoberta de melhores formas para promoverem a aprendizagem das pessoas. Dentre os principais teóricos estão: Piaget (1979), Bruner (1960), Vygotsky (1926), Ausubel (1962) e Gardner (1995).

Aprender a conhecer é o saber considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana: meio porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia e, finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Um debate importante trazido por esse pilar ganha força com as reflexões de Gardner e sua noção de inteligência múltipla, compreendida como conjunto de capacidades, talentos e habilidades mentais que permite ao ser humano construir conhecimento. Em outras palavras, assegura Gardner (1994), uma inteligência implica na capacidade de criar, resolver problemas ou elaborar produtos, importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. Como o conhecimento é múltiplo e evolui infinitamente, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo e, depois do ensino básico, a omnidisciplinaridade é um engodo. De fato, diz Morin (2001, p.41):

“A hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até mesmo tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. Entretanto, os problemas essenciais nunca são parcelados e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Enquanto a cultura geral comportava a incitação a busca da contextualização de qualquer informação ou idéia, a cultura científica e técnica disciplinar parcela, desune e compartimenta os saberes, tornando cada vez mais difícil sua contextualização”.

Convém destacar a importância de se ter uma cultura geral, mesmo quando se pensa na especialização, visto que se faz necessário que o indivíduo possua a possibilidade de trabalhar com profundidade determinado número de assuntos. Por isso é fundamental aliar estas duas tendências, a cultura geral, enquanto abertura de outras linguagens e outros conhecimentos permite, antes de tudo, comunicar-se. Fechado na sua própria ciência, o especialista corre o risco de se desinteressar pelo o que fazem os outros. Sentirá dificuldade

em cooperar, quaisquer que sejam as circunstâncias. Por outro lado, uma formação cultural proporciona uma abertura no que se refere a outros campos do conhecimento, permitindo um diálogo mais intenso entre as disciplinas, principalmente porque no campo científico estas intercessões garantem muitos avanços dos conhecimentos. .

Aprender para conhecer pressupõe toda uma atividade voltada para o aprender a aprender, através do exercício da atenção, da memória e do pensamento. É importante que o indivíduo desde cedo aprenda a desenvolver tais habilidades, principalmente numa sociedade marcada pela imagem. A sucessão muito rápida de informações midiaticizadas, o "zapping" tão frequente, prejudica de fato o processo de descoberta, que implica duração e aprofundamento de apreensão. Esta aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida (jogos, estágios em empresas, viagens, trabalhos práticos de ciências) (Morin, 2001).

A memória, por sua vez, emerge como uma ferramenta fundamental para que o ser humano possa lidar com a gama de informação com a qual é bombardeado o tempo todo. Por isso, diz Morin (2001, p.92), “é preciso ser, sem dúvida, seletivo na escolha dos dados a aprender "de cor", mas, propriamente, a faculdade humana de memorização associativa, que não é redutível a um automatismo, deve ser cultivada cuidadosamente”.

No que se refere ao exercício do pensamento, que deve ser iniciada pelos pais, seguidos pelos professores, comporta-se tantos avanços e recuos entre o concreto e o abstrato, quanto à combinação de dois métodos apresentados como antagônicos: o método dedutivo por um lado e o indutivo. Eles podem variar segundo as dinâmicas específicas da disciplina ensinada ou até mesmo podem ser combinados.

O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência. Neste sentido, liga-se cada vez mais à experiência do trabalho, à medida que este se torna menos rotineiro. A educação primária pode ser considerada bem sucedida se conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida, no trabalho, mas também fora dele (Morin, 2001). Por isso, a necessidade de se desenvolver teorias críticas, reflexivas, aptas a se

autorreformular; construir um espaço em que se observe e se conceba a complexidade do mundo, do ser humano, dos ideais e do próprio conhecimento. Afirma Morin (2001, p.33):

“Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XXI Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.”

Partindo destas considerações nota-se que o APRENDER a CONHECER objetiva estimular o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, através de uma atitude investigativa e organizadora que proporcione o pensamento e a construção de saberes, mobilizando os próprios instrumentos do conhecimento. Assim, uma ação educativa empreendedora cria um espaço no qual a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências por parte do participante são exercitados quotidianamente, oferecendo ferramentas para que possa atuar no mundo, marcado pela transitoriedade, pelas transformações, pela incerteza e pelo imprevisível.

Por isso, o sujeito precisa estar consciente de seus próprios processos e estados cognitivos, de forma a organizar a realidade e a atuar nela. Assim, assegura Pedro Demo (1993, p.14), “o que marcará a modernidade educativa é a didática do aprender a aprender, ou do saber pensar, englobando, num só todo, a necessidade de apropriação do conhecimento disponível e seu manejo criativo e crítico.”

Aprender a conhecer refere-se à interpretação e representação da realidade, pela aprendizagem de conceitos, princípios, fatos, proposição e teorias, cultivando simultaneamente a visão global e contextualizante e o domínio de assuntos específicos da área de atuação do empreendedor. O estímulo ao desenvolvimento da competência de interpretar e representar a realidade é propiciado pelas atividades lógico/racionais que mobilizam esquemas mentais como análise, crítica, comparação, classificação, argumentação, tomada de decisões e classificação de prioridades e relevâncias. Isto é, o participante deve ser provocado a observar, comparar, argumentar, questionar, organizar, posicionar-se e estabelecer correlações, pois dessa maneira estará se transformando em um sujeito crítico e reflexivo.

Como afirma Delors (1997), “como o conhecimento é múltiplo e evolui em ritmo incessante, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo. Além disso, os tempos presentes demandam uma cultura geral, cuja aquisição poderá ser facilitada pela apropriação de uma metodologia do aprender”.

O pensamento racional reflexivo se concentra na construção e organização do conhecimento, que habilita o participante a ter posicionamentos, a comunicá-los e a estar consciente de suas ações. Em outras palavras, diz Matthew Lipman (1995), “o pensamento superior tem estreita ligação com critérios, isto é, o pensamento deve ser bem fundamentado e estruturado. Os critérios podem ser fatos, princípios, escala de valores, bases de comparação, enfim, envolvem julgamento, posicionamento e argumentação”.

Como pensar o APRENDER A CONHECER na prática pedagógica? Que competências e habilidades são necessárias para a sua operacionalização no que se refere ao processo de raciocínio, às habilidades cognitivas e às estratégias pedagógicas? No processo educacional, o educador dispõe, basicamente, de três enfoques para a apresentação de conteúdos selecionados para o desenvolvimento das competências formuladas, de forma que haja construção de conceitos, princípios, fatos, proposição e teorias, possibilitando, assim, a utilização de esquemas cognitivos.

“Enfoque dedutivo – O educador expõe o conceito, faz uma exposição do assunto, explicando-o ponto por ponto e, em seguida, apresenta exemplos, particularizando as idéias gerais. E o processo pelo qual, com base em uma ou mais premissas (regras, princípios), chega-se a uma conclusão em virtude da correta aplicação das regras.

Enfoque indutivo – O educador apresenta um exemplo (estudo de caso, ilustração, dados, situações reais ou fictícias etc.) e, a partir dele, as idéias vão sendo exploradas até chegar aos conceitos. É o processo pelo qual se estabelece uma verdade universal (generalização) a partir de dados singulares. A elaboração dos conceitos é feita pelos participantes no processo de operação com os dados apresentados em uma determinada situação.

Enfoque reflexivo /criador – O educador apresenta o problema ou uma questão-chave e todas as decisões para resolvê-lo cabem ao grupo que, utilizando métodos e técnicas do pensar crítico e criativo, descobre as relações essenciais do tema e as alternativas de solução e de aplicação. Com a intensa atividade intelectual (pensar crítico e criativo), os participantes compreendem os conceitos e ampliam sua interpretação da realidade”. (Wickert, 2006, p.36)

Cada educador com base em sua proposta vai selecionar o enfoque que melhor se adéque à realidade de seu grupo, sem esquecer, é claro, de que deve variar as formas de apresentação de modo a abranger diferentes mecanismos de construção de conhecimento por parte dos educandos. Isso gerará um ambiente de aprendizagem ágil, agradável, dinâmico capaz de dar significado às habilidades cognitivas, tais como: a observação que envolve a capacidade de focalizar dados e informações, mediante a atenção seletiva. Traz em si a idéia de procurar, notar, perceber de forma intencional e sistemática (a observação assistemática não tem objetivo definido). Ao observar, pode-se concentrar em questões gerais ou específicas, dependendo do objetivo; a compreensão centrada no domínio das informações emergindo como um mecanismo que permite a apropriação e a construção de conhecimentos ao mesmo tempo em que o associa a outros já existentes: a argumentação, a classificação, comparação, a seleção, a interpretação, a crítica, a ordenação, o discernimento e a formulação de hipóteses cuja dinâmica envolve análise, crítica e seleção.

A partir da descrição das competências, selecionam-se as estratégias educacionais cujos pontos essenciais, segundo Wickert (2006, p.70) deve pautar-se na utilização de diferentes estratégias cognitivas, que possibilitem a comparação, a organização etc.; metacognitivas, que promovam a tomada de consciência do participante sobre seus próprios processos cognitivos; matemagênicas, que são processos e meios que ajudam a gerar a aprendizagem, que estimulam a reflexão do participante, como mapas, modelos analógicos, organizadores prévios, resumos e tratamento da linguagem; no estímulo à realização de experiências de aprendizagem que exijam maior complexidade e elaboração, tais como crítica ou julgamento de princípios ou teorias, análise e produção de novos conhecimentos; na busca contínua pelo desenvolvimento de processos mentais superiores (argumentação, comparação, classificação, interpretação, levantamento de hipóteses etc.) e na apresentação de estratégias para que o participante organize a realidade que vai sendo construída na relação com o meio.

1.3.2 Aprender a Fazer

Refere-se à aplicação, à prática, mediante o saber, a aptidão e destreza. Manifesta-se mediante ação, iniciativa, concretização, operacionalismo, transferência e valor prático e objetivo as coisas e as relações pessoais. Mesmo o segundo pilar, aprender a fazer, ter grande

relação com o aprender a saber, o que se tem apresentado é uma visão pragmática e utilitarista da aprendizagem que tem por objetivo preparar os indivíduos para servir ao sistema, perdendo-se de vista o aprender a fazer como complemento do aprender a saber. Partindo deste contexto inserimos a genealogia do poder desenvolvida por Michel Foucault (2001) percebida a partir da identificação de um mecanismo de funcionamento social que permeia as diversas instituições que dela fazem parte. Ele e a sua genealogia podem ser inseridos tanto como elemento crítico quanto como ponto para partirmos com uma contraproposta do que deve ser aprender a fazer. Nossa crítica tem como base a presente situação em que se encontra a educação, visto que desde muito pode ser vista não como um elemento emancipatório dos grilhões impostos pela sociedade tecnicizada, mas como um mecanismo ou um instrumento que permite o controle de corpos e mentes.

Foucault (2001) sugere que existe um poder disciplinar que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipulando seus elementos, produzindo seu comportamento, a fim de fabricar o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial capitalista. Hoje o processo educacional, procura adaptar a educação ao trabalho, visando desenvolver cada vez mais habilidades e competências específicas em função das demandas mercadológicas, colocando o indivíduo a serviço do sistema.

A partir do exposto, entendemos que não se pode desassociar o primeiro pilar, aprender a saber, do segundo, aprender a fazer, porém não se pode deixar com que o aprender a fazer, por estar a serviço de uma lógica instrumental, domine o aprender a saber, gerando ao invés de indivíduos críticos construtivos e emancipados, indivíduos mecanicistas e reducionistas. Por essa razão afirma Morin (2001, p.39):

“A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar”.

A teoria sociocrítica oferece elementos para fundamentar esse pilar. A teoria sociocrítica apresenta a educação como um processo sociopolítico-econômico-global fundamentado em valores sociais, onde os conteúdos dever estar contextualizados,

provocando reflexões para mudanças de ordem pessoal e social, primando por uma prática projetada, refletida e consciente. Para essa teoria temos grandes contribuições da Pedagogia Progressiva com russo Anton Makarenko (1965) e outros e no Brasil com Paulo Freire (1970) que considerou que o conhecimento deve ser uma ferramenta essencial para intervir no mundo.

Atualmente, o que mais se estar focado é a aprendizagem cognitiva das tarefas. Precisamos ter empreendedores, criadores de novos empregos e novas empresas, com a evolução da aprendizagem, que nada tem a ver com a aprendizagem unicamente mecânica, rotineira, esta apenas faz parte. As atividades que antes eram puramente físicas cedem cada vez mais as atividades intelectuais e não poderia ser diferente, se as máquinas realizam as atividades antes "braçais". E o foco hoje, está nas relações interpessoais, há a necessidade de aptidão para as relações humanas. E essas aptidões tão necessárias não são transmitidas nas formações tradicionais. A essa aptidão inclui a capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas. Desse modo, diz Morin (1998, p.95):

“É provável que nas organizações ultratecnistas do futuro os déficits relacionais possam criar graves disfunções exigindo qualificações de novo tipo, com base mais comportamental do que intelectual. O que pode ser uma oportunidade para os não diplomados, ou com deficiente preparação em nível superior. A intuição, o jeito, a capacidade de julgar, a capacidade de manter unida uma equipe não são de fato qualidades, necessariamente, reservadas as pessoas com altos estudos. Como e onde ensinar estas qualidades mais ou menos inatas? Não se podem deduzir simplesmente os conteúdos de formação, das capacidades ou aptidões requeridas. O mesmo problema põe-se, também, quanto a formação profissional, nos países em desenvolvimento”.

Porém as pessoas têm se tornado conscientes de que para fazerem parte do progresso, da evolução, é necessário à cultura científica, ainda que vivendo em situação de incerteza. Além do mais, as pessoas precisam desenvolver a capacidade de enfrentar várias e diferentes situações e a trabalhar em equipe. Nesta perspectiva a dimensão do SABER FAZER centra-se na aplicação do conhecimento de modo a proporcionar uma prática que seja projetada, refletida e consciente, ao mesmo tempo em que contribuiu para o atendimento das necessidades individuais, sociais e profissionais do indivíduo.

Aprender a fazer torna-se fundamental para o desempenho das pessoas em seu meio social e profissional. Trata-se de educar para o êxito, pois a ação pessoal se desenvolve em etapas graduais e consecutivas desde os processos mentais até a elaboração mais complexa de transposição e aplicação do aprendido por meio do pensamento produtivo. Em outras palavras, aprender a fazer refere-se à aplicação do conhecimento na realidade, por meio de capacidades, habilidades e destrezas. É o momento de transpor o conhecimento na vida cotidiana, aplicando para seu autodesenvolvimento. A ação é decorrente de um processo de pensamento que se projeta na realidade vivida e a realidade não se transforma somente com intenções, mas, fundamentalmente, com decisões, compromissos e ações. Assim, assegura Wickert (2006, p.78):

“A ação pode ser considerada como um ato ou uma série de atos operacionais destinados a produzir determinados efeitos. E o saber fazer e a habilidade da pessoa de usar, em situações específicas, seus conhecimentos, que tanto podem ser da área operacional (técnicos), da área atitudinal (relacionados a ser/conviver) ou relacionados a área cognitiva (saber conhecer). Como o cérebro funciona de forma integrada, o mais comum é que na aplicação, em determinada situação, o indivíduo mobiliza os conhecimentos cognitivos e atitudinais, demonstrando suas competências. Essas habilidades são desenvolvidas, principalmente, mediante a aplicação de regras e procedimentos em situações práticas, conectando o conhecimento com a realidade. A aplicação do conhecimento em simulações ou situações reais transcende a informação recebida, visto que a pessoa acrescenta seu conhecimento tácito para selecionar as estratégias mais adequadas ao momento. A prática é a atividade central do programa Educação Empreendedora, pois objetiva a aplicação dos processos estudados. É apresentada a partir de situações concretas, de exercitação e aplicação”.

Em síntese, as situações práticas devem estimular o desenvolvimento de competências para situações que se apresentam na vida pessoal, profissional e social.

1.3.3 Aprender a Viver Juntos

O terceiro pilar traz a visão do aprender a viver juntos, um dos maiores desafios da educação. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendências a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo ao qual pertencem e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação ao que confronta com seu sistema de valores e crenças, incluindo o

comportamento de pessoas e grupos. Jurgen Habermas (1990), a partir da introdução do conceito de racionalidade comunicativa na Teoria Crítica, possibilita a interlocução dos diversos atores sociais, já que defende que seus atos são coordenados por meio de atos de fala, permitindo que um indivíduo motive o outro, usando a linguagem como interação, para que concorde com sua proposição.

A perspectiva moderna de educação encontra na proposta habermasiana um de seus principais pressupostos que é permitir o estabelecimento do consenso por meio do entendimento entre as partes. Ao estabelecer a racionalidade comunicativa como ação racional por meio da qual o indivíduo adota, em relação a outros e a si mesmos, uma relação de mútuo conhecimento, Habermas abre espaço para diálogos francos e transparentes, em que, mesmo aquele que ocupa, em determinado momento, o lugar de aprendiz tem espaço para argumentar e de certa forma, também ensinar àquele que está na posição de mestre. Essa relação de comunicabilidade transparente pertence ao que Habermas (*apud* Tenório, 2000, p.85) definiu como mundo da vida.

“É o lugar transcendental no qual falante e ouvinte se encontram; em que são colocadas, reciprocamente, a pretensão de que suas emissões concordam com o mundo (com o mundo objetivo, com o mundo subjetivo e com o mundo social); e em que podem criticar e exhibir os fundamentos dessas pretensões de validade, resolver suas diferenças e chegar a um acordo”.

Além dessa perspectiva, podemos entender a racionalidade comunicativa, levando-se em consideração o processo educacional. Nesta esfera de interesses estão as chamadas ciências do espírito (ciências humanísticas, culturais) e ele também nos fala que os interesses emancipatórios ou libertadores estão ligados à auto-reflexão que permite estabelecer modos de comunicação entre os homens tornando razoáveis as suas interpretações. Estes interesses estão ligados, a linha de pensamentos críticos, teorias sociais e pelo menos em parte, ao pensamento filosófico.

Todo o seu pensamento aponta, assim, para uma auto reflexão da espécie humana, cuja história natural nos vai dando conta dos níveis de racionalidade que a mesma atinge. É esta a perspectiva deste pilar – num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro e num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser

um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes. A educação tem por missão, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Na verdade, assegura Morin (2001, p.47):

“A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Esses devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano”.

Dentre as atribuições da educação, estão o de mostrar a diversidade da espécie humana, ao mesmo tempo, suas semelhanças e interdependências. Essa aprendizagem precisa ser passada desde cedo, em especial nas matérias de geografia humana e nas de línguas e literaturas estrangeiras. É por meio da descoberta do outro que o indivíduo aprende a se descobrir e, desse modo, poderá verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver essa atitude de empatia na escola é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida.

Ainda nos aspectos relacionados ao pilar aprender a viver juntos, de acordo com Cecília Braslavsky (2002), é importante que seja incluído os itens que foram discutidos durante a 46ª Conferência Internacional de Educação – Genebra – Setembro de 2001, identificados como necessidades de aprendizagem para viver juntos e para assegurar a participação social, que devem constituir a base para buscar respostas adequadas a tais desafios: aprender a viver juntos requer o desenvolvimento da cidadania; aprender a viver juntos exige conhecimentos; aprender a viver juntos requer cooperação e intercâmbio.

Explanando ainda sobre o pilar Aprender a Viver Juntos, cabe incluir a contribuição de Edgar Morin à educação com os sete saberes necessários à educação do futuro. Eles dizem respeito aos sete buracos negros da educação. Dentre estes está o da identidade humana. Morin (2001) afirma que é curioso que nossa identidade seja completamente ignorada pelos programas de instrução. Se os seres humanos fazem parte de uma sociedade, também fazem parte de uma espécie, mas ao mesmo tempo a espécie é em nós e depende de nós. Assim, esse relacionamento entre indivíduo-sociedade-espécie é considerado por ele de trindade divina.

O quarto aspecto tratado por Morin (2001) é o da compreensão humana. Para ele, nunca se ensina como compreender uns aos outros, como compreender nossos vizinhos, nossos parentes, nossos pais. Entende-se compreensão como empatia e identificação. É preciso compreender a compaixão, que significa sofrer junto. É isto que permite a verdadeira comunicação humana.

O grande inimigo da compreensão é a falta de preocupação em ensiná-la. Atualmente, isso tem piorado, já que o individualismo ganha um espaço cada vez maior. Vivemos numa sociedade individualista, que favorece o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo, a competição e que, conseqüentemente, alimenta a autojustificação e a rejeição ao próximo. A redução do outro à visão unilateral e à falta de percepção sobre a complexidade humana são os grandes empecilhos da compreensão. Além disso, quando o ser humano encontra-se com raiva, sua visão acaba sendo direcionada aos pontos negativos do outro, impedindo a visão do todo. Outro aspecto da incompreensão é a indiferença. Estamos aborrecidos, apesar de despertos, pois diante da realidade tão complexa, mal percebemos o que se passa ao nosso redor.

Por isso, é importante esse quarto ponto: compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se autoexaminar, de analisar a autojustificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão. Diz Morin (2001, p.100):

“A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”.

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, logo desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, assegura Delors (1998, p.99):

“Na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno”.

A chave da inteligência interpessoal aparece revelada através de uma competência especial em relacionar-se bem com outras pessoas, em perceber seus humores, seus sentimentos, suas emoções, motivações, ou seja, permitir um descentrar-se para trabalhar com o outro. As teorias humanistas que valorizam a posição afetiva do facilitador, enfatizando a aprendizagem significativa e experiencial, em que o indivíduo é estimulado a desenvolver seu potencial criativo, oferecem subsídios para os pilares: aprender a conviver e aprender a ser. Dentre os representantes estão: Carl Rogers (1959), A. Maslow (1969) e Guilford (1979). Uma das fundamentações dessas teorias é que a educação deve desenvolver as potencialidades criativas e os processos que permitem às pessoas aprofundarem o autoconhecimento.

Mas como aprender a viver juntos nesta “aldeia global”, se não se é capaz de viver nas comunidades naturais a que se pertence: nação, região, cidade, aldeia, vizinhança? Para Delors (1998, p.12):

“A questão central da democracia é saber se queremos, se podemos participar na vida em comunidade. Querê-lo ou não, é bom não o esquecer, depende do sentido de responsabilidade de cada um. Ora se, por um lado, a democracia conquistou novos espaços dominados anteriormente pelo totalitarismo e pela arbitrariedade, ela tem tendência a tornar-se pouco estimulante em áreas onde existe institucionalizada há dezenas de anos. Como se tudo devesse, constantemente, recomeçar, renovar-se, ser reinventado”.

1.3.4 Aprender a Ser

O século XXI exigirá de todos grande capacidade de autonomia e discernimento, juntamente com o esforço da responsabilidade pessoal e não deixar de explorar nenhum dos talentos que constituem tesouros escondidos no interior de cada ser humano: memória, raciocínio, imaginação, capacidades físicas, sentido estético, facilidade de comunicação com os outros, carisma para animador etc., o que só vem confirmar a necessidade de cada um de conhecer e compreender melhor (Delors, 2001).

É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e desenvolvimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. Com relação à inteligência intrapessoal, a característica básica é o conhecimento de uma pessoa em relação a si mesma e a capacidade de estar bem consigo. No entender de Gardner (1994), uma pessoa com a competência intrapessoal bem desenvolvida controla suas emoções, administra seus sentimentos, seus projetos, constrói um entendimento e um guia do seu próprio desenvolvimento, ou seja, a inteligência intrapessoal permite a um indivíduo um trabalho consigo mesmo.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. Para Morin (2001, p.55):

“A complexidade humana não poderá ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”.

A educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino, torná-los conscientes e responsáveis pelos seus próprios atos. Este imperativo não é apenas a natureza individualista: a experiência recente mostra que o que poderia aparecer, somente, como uma forma de defesa do indivíduo perante um sistema alienante ou tido como hostil, é também por vezes, a melhor oportunidade de progresso para as sociedades. A diversidade das personalidades, a autonomia e o espírito de iniciativa, até mesmo o gosto pela provocação, são os suportes da criatividade e da inovação. Para reduzir a violência ou lutar

contra os diferentes flagelos que afetam a sociedade, os métodos inéditos retirados de experiências no terreno já deram prova da sua eficácia.

Neste contexto, marcado pelas mudanças e pela inovação tanto social como econômica, dá-se especial importância à imaginação e à criatividade; grandes manifestações da liberdade humana. No entanto, elas podem vir a ser ameaçadas por certa estandardização dos comportamentos individuais. Por isso é fundamental a valorização da diferença e da diversidade para se pensar as novas dinâmicas do século XXI. Assim, convém, pois, afirma Delors (2001, p.100),

“oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descoberta e experimentação - estética, artística, desportiva, científica, cultural e social -, que venham completar a apresentação atraente daquilo que, nestes domínios, foram capazes de criar as gerações que os procederam ou suas contemporâneas. Na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido, em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural. A preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade deveria, também, revalorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança ou do adulto”.

Disso decorre, segundo Morin (2001) que, para a educação do futuro, é necessário promover grande rememoração dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes. Assim, diz Delors (2001, p. 101),

“desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em volta a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos. Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de tudo uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Na hipótese de uma experiência profissional de sucesso, a educação como meio para tal realização é, ao mesmo tempo, um processo individualizado e uma construção social interativa”.

Por isso, a educação deve não só revelar a complexidade humana, mas também a tomada de consciência da própria condição humana em sua diversidade, vontade, coragem e oportunidade. A educação tem elos entre o passado e o futuro, entre os sujeitos e as sociedades e entre o desenvolvimento de competências e a formação de identidades. É o caminho pelo qual as sociedades compartilham o seu legado cultural, para que os momentos da história possam ser edificados sobre o que várias gerações construíram; do mesmo modo, torna-se possível que os sujeitos se apropriem desse legado e, a partir dele, construam uma identidade própria que os distinguem em seu trajeto de vida. Além disso, que ao mesmo tempo, os transforme em integrantes de alguma comunidade humana, sem a qual se perde o direito de viver. Por meio da educação, os indivíduos e as sociedades se tornam competentes para a sobrevivência, para a existência e a convivência.

A Educação é o resultado do trabalho de milhares de pessoas que, em sua interação, ensinam e aprendem, podendo-se considerar a atividade educativa como uma responsabilidade das famílias, da sociedade e do Estado. Quando nos referimos às famílias, estamos enfatizando tanto a sua função socializadora primária, como o dever de buscar todos os meios para que os seus integrantes possam ter acesso aos bens culturais e às ofertas que cada sociedade disponibiliza aos seus cidadãos. Ao Estado, é confiada a responsabilidade de oferecer possibilidades concretas para que todos tenham acesso, permaneçam e alcancem os melhores resultados em cada contexto. Às sociedades, é solicitada de maneira difusa, que apostem, tanto na instrução como na formação de valores, por intermédio dos meios de comunicação e das mais diversas formas de cooperação.

A missão da educação, na sociedade atual, reside em permitir que sejam exploradas e criadas formas de ajuda aos jovens para olhar a escola como um local de aprendizagem e que, uma vez cumprido o ciclo básico, possam a ela regressar para continuar aprendendo mediante o encontro com crianças, com outros jovens e com adultos que ali também se acham para compartilhar seu saber, ampliar as fronteiras do conhecimento e encontrar novos caminhos para a vida. Por isso, assegura Morin (2001, p.76):

“É necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a “estar aqui” significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos no planeta Terra, não mais

somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos.
Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar,
melhorar, compreender”.

Diante do exposto faz-se mister uma nova concepção ampliada de educação que deve fazer com que todos possam descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada sujeito. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados e se passa a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.

Nesta perspectiva, as dimensões do SABER SER / CONVIVER têm por objetivo estimular o conhecimento e o desenvolvimento das potencialidades individuais – de ser pessoa, de conviver e, principalmente, de ser criativo – por meio do autoconhecimento e da capacidade de interação com o grupo. Na verdade, o desenvolvimento da consciência individual e social é mais que um objetivo parcial. Trata-se de fortalecer a reflexão, a metacognição, enquanto buscar sentido nas metas sociais e de autorrealização.

Essa dimensão, por sua vez, trabalha com conceitos de interdependência e inter-relacionamento entre os seres. Envolve o aprofundamento dos conhecimentos sobre a teia de relações ecológicas, sociais, políticas, profissionais, mercadológicas, de comunicação, culturais, afetivas, que demonstram a total interdependência entre os seres vivos, entre si e o seu ambiente. Para Wickert (2006, p.98):

“O desenvolvimento da dimensão **ser** envolve todas as atividades que tenham significado para o sujeito, que lhe despertam atenção, envolvendo seus sentimentos e emoções. Nessa dimensão, incluem-se as atitudes e as percepções que o indivíduo tem sobre si mesmo e sobre os outros e sua capacidade de **conviver** em seus vários ambientes: familiar, profissional e social”.

Aprender a viver juntos envolve as relações das pessoas entre si, o que resulta em sinergia, em um ambiente de aprendizagem que prepara as pessoas para resolução de conflitos, para a descoberta progressiva do outro, respeitando seu desenvolvimento e participando de projetos comuns.

A grande contribuição da educação empreendedora deverá ser para o desenvolvimento total, pleno, da pessoa – espírito, mente, corpo, inteligência, sentido estético, espiritualidade, sensibilidade, responsabilidade pessoal. Todo e qualquer ser humano deve ser preparado para pensar com autonomia e para ser crítico o suficiente, ser capaz de elaborar seu próprio juízo de valor e poder tomar decisões nas mais diversas circunstâncias da vida, tanto no plano individual como no coletivo. Convém destacar que, para pensar a operacionalização das dimensões do Saber ser/conviver, é preciso refletir acerca de três noções importantes: a do autoconceito, a do pensar criativo e a da dinâmica de grupo.

Aprender a ser está relacionado ao desenvolvimento integral do ser humano e inclui múltiplos aspectos da personalidade, que vão desde a riqueza e complexidade dos processos intelectivos e estilos cognitivos aos modos de agir e criar baseados em valores, ideais e metas de vida, pessoais e profissionais. Para Wickert (2006, p.99), “o conceito que uma pessoa tem de si reflete-se na formação de descrições, inferências, juízos e sentimentos que demonstra sobre os outros e sobre si mesma”. Partindo deste pressuposto, pode-se apontar como indicadores desta dimensão: iniciativa, autoconfiança, proposições de novas alternativas, capacidade de enfrentar desafios e adversidades, de lidar com mudanças, de questionar idéias diferentes das suas, de ter referenciais próprios que demonstram a autoestima.

Segundo Lipman (1995), o pensar criativo compreende a imaginação e a produção de um pensar próprio e original. Esse pensar é possibilitado pelo estímulo da comunicação simbólica não racional com o auxílio de fábulas, mitos, parábolas, lendas, imagens, músicas, projeções, jogos, poemas, imaginação prospectiva, paradoxos, pensamento simbólico, analógico e metafórico e essas mesmas estratégias são as utilizadas para o desenvolvimento de atitudes e valores.

As atitudes criativas são paulatinamente desenvolvidas mediante o exercício da fluência de ideias; do incentivo ao cultivo sistemático do pensamento divergente e inovador; incrementando a flexibilidade mental que possibilita a visão e a compreensão do objeto em estudo sob novos ângulos, rompendo a rotina, gerando ideias não convencionais e ampliando a percepção sobre a realidade. Estimular o pensamento criativo não significa ensinar criatividade como se fosse uma nova disciplina, mas sim, possibilitar uma vivência que apresenta tripla dimensão. O processo criativo necessita de um cérebro altamente integrado à

ação, que tem início com operações mentais racionais como especificar o problema, coletar dados, pesquisar, observar e comparar. No segundo momento deixa-se a mente vagar desligando o pensamento racional mediante artifícios que produzem relaxamento, bem-estar e harmonia consigo próprio. Nesse momento, dá-se o *insight* e novamente é necessária a utilização do racional para registrar avaliar mas também pôr em prática a nova ideia.

No processo de formação integral do empreendedor, a capacidade criativa precisa ser exercitada cada vez mais de forma que cada pessoa possa criar uma nova realidade com significados que não havia percebido e possa crescer com a experiência. A interação do potencial individual com um ambiente de aprendizagem favorável propicia condições para a expressão criativa das ideias. Portanto, devem ser oferecidas aos participantes oportunidades para construir e expor seus posicionamentos pessoais. Dessa forma cada participante será incentivado a transformar as informações mediante a utilização do seu potencial cognitivo e criativo, gerando representações novas da realidade.

O processo de crescimento psicológico e a tomada de consciência da subjetividade é um fenômeno cultural que se dá na interação grupal. A própria sociedade é constituída por um sistema de interações de grupos. O trabalho cooperativo entre grupos de participantes destina-se a promover a troca de informações, de forma que haja uma negociação de idéias, baseada no conhecimento dos pontos de vista dos outros e na própria perspectiva, abrindo a possibilidade a novas interpretações e a novos contributos para o tema em estudo.

Cooperar significa buscar um objetivo comum ao mesmo tempo em que se coordenam as próprias perspectivas com as perspectivas dos outros, numa perspectiva de intercâmbio. Um efeito importante na aprendizagem cooperativa é precisamente o de possibilitar o desenvolvimento de competências de colaboração, cada vez mais decisivas na sociedade atual. O grupo é um campo sinérgico onde ocorrem fenômenos de interação específicos como atração, coesão e empatia. Nos grupos, de uma maneira geral, existem três componentes básicos: valores (que dão sentido) e significações (símbolos/signos que regulam a ação); objetivos comuns (caráter cognitivo) e normas e estratégias de trabalho (caráter operacional).

CAPÍTULO II - PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

2.1 Problemática

Vários estudos têm procurado alertar para a dinâmica do mundo atual. São mudanças que acontecem em uma velocidade imensurável em uma sociedade que segue uma lógica diferente de outros momentos da história. O advento da globalização, as inovações tecnológicas, aliadas às mídias e interesses comerciais, as problemáticas ambientais que exigem certas adequações, as mudanças de atitude ao passo que o consumismo impera sobre as pessoas, são questões que envolvem os indivíduos atualmente. Diante desse contexto a escola torna-se indispensável, para que o sujeito se posicione e então consiga gerenciar os fatos que o rodeiam. Compreendendo a importância dos Quatro Pilares da Educação, foi levantada a seguinte questão: Como a escola de educação básica em Aracaju está vivenciando a dinâmica dos quatro pilares no processo de formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios da nova ordem social em que estão inseridos? Para responder a isso, quisemos saber se as pessoas responsáveis, (professores e diretoras), os sujeitos da pesquisa têm consciência das mudanças e que alterações implantaram na escola.

Encontrar a resposta para essa inquietação significa contribuir para a melhoria da educação, no sentido de apresentar ações que refletem os discursos. O questionamento propõe, desse modo, um monitoramento necessário, pois os efeitos das ações educacionais repercutem-se no rumo que a sociedade toma.

2.2 Objetivos da Pesquisa

2.2.1 Objetivo Geral

Analisar que percepção têm os responsáveis por incrementar as políticas educativas das mudanças que se operaram no mundo contemporâneo e como vem sendo operacionalizada a aplicação das dimensões dos quatro pilares na formação de indivíduos com competências múltiplas em uma escola de educação básica em Aracaju.

2.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as necessidades e as mudanças da sociedade e das organizações na contemporaneidade, bem como a concepção de homem, a partir da qual se pensa a educação para o século XXI, relatada por responsáveis e docentes de uma escola de educação básica;
- Levantar, junto dos responsáveis e docentes de uma escola de educação básica, as considerações didático-pedagógicas e as aplicações metodológicas sobre as dimensões do ser humano propostas pelos quatro pilares;
- Verificar como tais práticas vêm sendo aplicadas numa escola de educação básica, no contexto do ensino médio em Aracaju.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Tipo de pesquisa

Para o presente estudo foi realizada uma pesquisa descritiva/compreensiva com procedimentos técnicos, que conjugam métodos e técnicas oriundos, tanto da pesquisa bibliográfica que permitirá desenhar o processo de transformações por que passa a sociedade do século XXI, quanto do estudo de campo que possibilita a investigação das concepções e das atividades do grupo estudado. Isso proporcionará a análise da operacionalização desse processo na prática cotidiana escolar através do estudo de uma escola da rede particular de Aracaju.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Segundo Godoy (1995, p.60), as pesquisas qualitativas estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo inconscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

3.2 Contexto da Pesquisa

3.2.1 Caracterização da Escola

A escola onde foi realizada a pesquisa de campo existe há 21 anos, possui duas unidades – em uma funciona a Educação Infantil e na outra unidade o Ensino Fundamental e Médio que se localiza em um Bairro banhado tanto pelo Rio Sergipe, como também pelo Oceano Atlântico. Ela segue a proposta de ensino integral como opção ofertando a formação musical, teatral e todos os esportes tradicionais.

Os motivos que fizeram com que essa escola fosse a escolhida foram despertados devido aos projetos por ela desenvolvidos. Dentre eles, destacam-se: “Meu dia de repórter” que tem por objetivo manter o aluno informado sobre o que acontece a seu redor e estimular a pesquisa (promove o desenvolvimento das capacidades de ouvir e de falar em público, oferece aos pais mais uma oportunidade de comunicação com qualidade com os seus filhos), projeto

que é desenvolvido na educação infantil; Projeto de português, “uma língua, várias culturas”; “Projeto Educar-se”, que em 2009 recebeu prêmio. A escola recebeu outro prêmio pelo melhor projeto de “Arte Educação” com a Feira do Livro de Sergipe que se estendeu a toda a sociedade sergipana em parceria com o governo de Sergipe. Em 2010, houve o projeto “Sustentar-se”, em que as famílias que se comprometessem a receber uma muda de planta da Mata Atlântica e cuidar dela, deveriam dar notícias à Escola, enviar fotos – isso é acompanhado pelo site – para informar sobre o cultivo das mudas, através dos alunos e familiares, em espaço adequado para plantá-las mas também compromisso de fornecer-lhes os cuidados básicos para que cresçam e se tornem árvores independentes. Em 2011 foi implementado o projeto “Implique-se” e, em 2012, o projeto “Tábua de Valores: Compromisso, Responsabilidade, Justiça”. Enfim, todos os projetos desenvolvidos pela escola possuem como objetivos, o cumprimento da sua missão que a escola possui, centrada na formação de pessoas que possam desempenhar a capacidade de construção de seus próprios caminhos, ao passo que desenvolvem suas potencialidades em busca da conquista do que idealizam, com base em princípios humanos e éticos.

A escola desenvolve um projeto de trabalho anual com programas permanentes. Existem na escola: Biblioteca Viva, Formação de Plateia, Cidadania em Ação, Sorriso Saudável, Caminhos da Educação (formação continuada de pais e professores), Rei/Rainha da Fruta, Prato Colorido, Arte com Ciência, Amigos da Paz, Minuto de Silêncio, Escola na Rua.

3.2.2 População/Amostra/ Sujeitos

Conforme referido, os participantes desse estudo foram os professores e gestores de uma escola de educação básica. A escola foi escolhida devido a sua especificidade e por aparecer como uma escola preocupada com boas práticas. O diferencial encontrado nela vem contribuir para o fortalecimento da perspectiva de que é possível preparar o cidadão para esse novo século.

A investigação abrange uma população de professores da escola básica, que lecionam entre a 7ª série e o 1º ano do ensino médio, ou seja, aos alunos de idade entre 12 e 14 anos, e as gestoras das duas unidades de ensino da escola. Em princípio, a seleção dos

professores foi traçada levando-se em conta as áreas do conhecimento Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, tendo em conta a disponibilidade de tempo dos que seriam entrevistados.

Esse trabalho de investigação teve como base inferencial o grupo de professores e diretoras pedagógicas com funções também de gestoras que atendem respectivamente às dimensões já citadas. O objetivo foi observar se há neste grupo a percepção acerca das mudanças na dinâmica social, as implicações que isso gera na Educação e o modo como os quatro pilares se inserem na prática educativa.

3.3 Instrumentos da Pesquisa

Definimos como objetivos da nossa pesquisa conhecer junto dos responsáveis a consciência das necessidades e das mudanças sentidas na sociedade e nas organizações na contemporaneidade, bem como a concepção de homem, a partir da qual se pensa a educação para o século XXI; queremos também verificar que práticas vêm sendo aplicadas no contexto do ensino médio em Aracaju. Para cumprir com os objetivos traçados, recorreremos a duas entrevistas semiestruturadas.

Há vários tipos de entrevista: a entrevista não estruturada é também conhecida como entrevista aberta ou não diretiva, a entrevista estruturada é conhecida como entrevista diretiva ou fechada, e a entrevista semiestruturada é conhecida com semidiretiva ou semiaberta. Uma das características da entrevista semiestruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado, deixando ao entrevistado a possibilidade de responder de forma aberta.

Na entrevista semiestruturada, tem-se atentado para a construção das perguntas que seriam requisitos básicos para a temática a ser investigada (Triviños, 1987 & Manzini, 2003). Na tentativa de conceituar esse tipo de entrevista, Triviños (1987, p. 146) informa que dentre as suas características, os questionamentos básicos apresentam-se apoiados em teorias e hipóteses que estão relacionadas ao tema da pesquisa. Esses questionamentos possibilitariam novas hipóteses, a partir das respostas dos informantes. O principal foco seria estabelecido

pelo investigador-entrevistador. O autor afirma, ainda, que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de permitir que o pesquisador participe de forma consciente e atuante do processo de coleta de informações (Triviños, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada se concentra em um assunto sobre o qual elaboramos um roteiro com perguntas fundamentais, que recebem complemento através de outras questões provenientes do momento da entrevista. Segundo o autor, esse tipo de entrevista pode suscitar informações de maneira espontânea e as respostas não seguem um condicionamento padrão quanto às alternativas.

Ambos os autores concordam que existe a necessidade de elaboração das perguntas básicas e principais para que o objetivo da pesquisa seja alcançado. Manzini (2003) reforça que através da elaboração de um roteiro que busque atingir os objetivos da pesquisa é possível haver um planejamento da coleta de informações. O roteiro, por sua vez, contribuiria tanto para a coleta das informações básicas, quanto para o pesquisador se organizar em relação ao processo de interação com o informante.

Para favorecer o planejamento das entrevistas propostas pela pesquisa, foram previamente preparados dois guiões como eixos orientadores da entrevista. Os guiões contém as temáticas levantadas no quadro teórico e permitiram organizar todas as questões levantadas pelos autores referidos. Eles foram estruturados em blocos tendo cada bloco as questões suscitadas no seu âmbito (Anexos I e III). Um dos guiões se concentrou nas mudanças vividas atualmente e o outro se voltou à vivência das práticas sugeridas pela Unesco a propósito dos Pilares da Educação.

3.4 Procedimentos e Técnicas de Análise

Nesta pesquisa, as entrevistas semiestruturadas foram gravadas com a permissão de todos os entrevistados. As entrevistas ocorreram em dois momentos, no próprio local de trabalho, ou no entre - aulas, ou em horário oposto ao do trabalho, exceto uma delas, em que, por motivos de saúde, ocorreu na residência da entrevistada. Depois de realizadas todas as

transcrições, os entrevistados foram procurados para que pudessem fazer a leitura e liberação do uso do material para análise.

Para a análise e interpretação dos dados foi adotado como procedimento a análise de conteúdo, pois como define Laurence Bardin (1977, p.142), a análise de conteúdo é:

“... um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção... destas mensagens”.

Exatamente por se tratar de um campo de aplicação muito vasto como é o caso das comunicações é que foi escolhido este tipo de análise, já que havia o desejo de conhecer as opiniões e concepções dos sujeitos pesquisados sobre as percepções de mudanças e as práticas educativas incrementadas.

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (Bardin, 2004, p.41)

Trabalhar com o recurso metodológico da análise de conteúdo foi acima de tudo envolvente e extremamente desafiador, pois permite relevante atração pelo que não está posto, subentendido, potencial de ineditismo (do não dito) e pelo que está entre o dito e o relatado nas mensagens (Bardin, 2004). Todas essas possibilidades foram cuidadosamente analisadas, de modo a favorecer a concretização dos objetivos propostos neste estudo.

A análise de conteúdo se estende às pesquisas de natureza quantitativa e qualitativa. Para a primeira, oferece “uma análise léxica do conjunto das palavras significativas do texto para fazer a mensuração da frequência média das ocorrências e estabelecer associações relevantes sobre os sentidos expressos na Mensagem” (Chizzotti, 2006, p. 116). Para as análises de cunho qualitativo possibilitam a penetração do pesquisador nas concepções, ideologias, valores e intenções do sujeito produtor da comunicação para compreender a sua mensagem (Chizzotti, 2006).

O uso da análise de conteúdo nesse estudo propiciou o confronto das mensagens captadas com as diferentes posições apresentadas pela literatura pertinente, sempre fazendo uma relação “com o contexto sociocultural do produtor da mensagem: as intenções, as pressões, a conjuntura, a ideologia que condicionaram a produção da mensagem [...] com a riqueza compreensiva, qualitativa” (Chizzotti, 2006, p. 116-117).

A análise de conteúdo é dividida em três fases, como alerta Bardin (2004): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise foi organizado o esquema de trabalho a ser seguido. Foi estabelecido o procedimento, embora seja flexível. Na fase seguinte, chamada de descrição analítica, o material coletado será analisado através de uma leitura flutuante, a fim de possibilitar a elaboração de categorias. E, na última fase, chamada de interpretação referencial, as respostas serão categorizadas para finalmente tornar os dados brutos significativos. Na presente pesquisa, foram realizados parágrafos sínteses após análise de cada categoria.

As informações presentes/ausentes no texto possibilitaram a efetivação de inferências do que possa, talvez, estar além das palavras proclamadas e, quem sabe, além do que conscientemente tenha tendido transparecer os relatos textuais. Foi utilizada a análise de conteúdo em suas três fases, conforme assinala Bardin (2004), a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação. Para a autora, a fase da pré-análise é a fase de organização propriamente dita e que busca viabilizar a sistematização das ideias iniciais, traçando um caminho de todas as atividades a serem realizadas durante o trabalho, com três missões distintas: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2004, p. 89). Assim, nesta fase, após a tomada de decisão pelo universo de documentos de análise (os discursos dos conselheiros, a postura nas reuniões, atas, estatutos), foi construído um roteiro de temáticas que foram enfocadas com os sujeitos entrevistados.

Com a definição dessas temáticas, organizou-se um cronograma para realização das entrevistas. Após sua realização, imediatamente, era realizada a sua transcrição, de modo a promover a sistematização das primeiras análises com o material construído. Este era o

momento da “leitura flutuante”, na qual se começava a fazer as primeiras inferências a partir das impressões suscitadas no texto em relação aos objetivos propostos *a priori*.

A fase da exploração do material que se constitui na administração sistemática das decisões tomadas, implicou na organização do material, a partir da codificação das informações veiculadas nos discursos dos sujeitos envolvidos. Esta codificação seguiu a técnica da análise temática que

[...] quer dizer, da contagem de um ou vários temas ou *items* de significação, numa unidade de codificação previamente determinada – apercebemos-nos de que se torna fácil escolhermos, neste discurso, a frase (limitada por dois sinais de pontuação) como unidade de codificação (Bardin, 2004, p.73).

A definição desta unidade de codificação aconteceu através de um recorte transversal das entrevistas a partir da definição de uma grelha de categorias e suas respectivas subcategorias. E por último a fase do tratamento dos resultados que teve o objetivo de promover a análise propriamente dita dos resultados de modo a tornarem-se significativos e válidos.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados neste capítulo foram recolhidos a partir de entrevistas com os professores e diretores da escola pesquisada. Sendo assim, neste estudo serão apontadas as análises e discussões dos resultados produzidos, fazendo as inferências e interpretações pertinentes nas operações onde se produzem os resultados mais significativos do corpus pesquisado, fazendo referência ao quadro teórico exposto anteriormente.

As mudanças que estão acontecendo no mundo envolvem toda a sociedade. A escola não está excluída desse processo. Foi essa preocupação que guiou os propósitos da pesquisa. Para cumprir com os objetivos do estudo, foram realizadas entrevistas com o seguinte público escolar:

- A diretora da escola: concentra seus trabalhos sobre os educandos de ensino fundamental e médio, tem formação em pedagogia e em psicologia, com 57 anos de idade. Recebe identificação, na análise, pela letra A;
- A sócia e também diretora: juntamente com a entrevistada A idealizou, planejou, construiu e tem mantido a administração da escola, possuindo, ambas, o mesmo interesse pedagógico, porém sua atenção está mais voltada à educação infantil. Ela tem formação em pedagogia, 48 anos de idade e está identificada pela letra B na pesquisa;
- A professora de história do ensino médio: atua na escola há cinco anos, é formada em história e em ciências econômicas, tem 50 anos e está identificada, na pesquisa, pela letra C;
- O professor de português da 8ª série: atua na escola há 13 anos. É formado em letras com habilitação em inglês e português, tem 42 anos e, na pesquisa, está identificado pela letra D;
- O professor de literatura: há 12 anos na escola está, também, como coordenador do ensino médio, formado em letras, tem 39 anos, está identificado pela letra E na análise;
- A professora de ciências: formada em ciências biológicas, faz parte da escola há 6 anos, ministrando aulas para o ensino fundamental maior (6º ao 8º ano), tem 26 anos de idade e está identificada pela letra F;
- O professor de química: com licenciatura e bacharelado na área, com 31 anos de idade, há 1 ano trabalha na escola.

Os entrevistados são profissionais de diferentes áreas que trabalham na instituição por um tempo considerável e com públicos (turmas de alunos) diversos. Todos os entrevistados ressaltam que nessa escola a interação entre direção, coordenação e professores ocorre sem entraves, todos têm liberdade para apresentarem seus posicionamentos. Participam em reuniões de planejamento, onde todos têm a oportunidade de se colocarem. Esse é um indicativo de trabalho participativo, o que favorece a sintonia entre os membros da escola, visto que o diálogo e a construção coletiva são considerados.

Inicialmente, para maior compreensão do leitor, será feita a descrição das etapas realizadas no processamento dos dados com base em categorias. Em seguida, serão apresentadas as falas dos sujeitos da pesquisa, agrupadas por estas categorias. As entrevistas seguiram a ordem de duas etapas caracterizadas segundo demandas de cada momento, mas com uma relação fundamental para o estudo. Elas seguiram uma organização por blocos temáticos. A primeira entrevista buscou questões pertinentes às mudanças ocorridas no mundo à volta das seguintes temáticas: Globalização, Meio Ambiente, Tecnologia e Informação e mais uma referente aos impactos gerados por essas mudanças na educação. No segundo momento, questões voltadas aos quatro pilares da educação foram levantadas e organizadas da seguinte forma: Pilar Conhecer; Pilar Fazer; Pilar Ser; Pilar Conviver. As respostas apresentadas foram organizadas e analisadas de acordo com as respectivas categorias.

4.1 Primeira entrevista: percepção sobre as mudanças

Como saber se os educadores estão conseguindo aplicar nas suas práticas os quatro pilares da educação, sem identificar se eles têm consciência das mudanças que estão ocorrendo no mundo? Partindo do pressuposto de que seria importante analisar a percepção deles em relação às novas demandas da educação, tendo em vista as transformações que a sociedade tem presenciado, a pesquisa seguiu pela concepção de que haveria a necessidade de se trabalhar com dois momentos, pois, caso contrário, uma lacuna poderia ser deixada. O primeiro momento vem responder à questão acima, visto que propôs uma entrevista voltada às

mudanças pelas quais o mundo tem passado. As perguntas se distribuíram por temáticas: Globalização, Meio Ambiente, Tecnologia e Informação e mais uma referente aos impactos gerados por essas mudanças na educação. Elas foram estabelecidas dessa forma por serem consideradas como os campos de maior visibilidade dessas transformações.

4.1.1 Processo de elaboração da primeira entrevista

Para a elaboração do roteiro da entrevista, alguns passos precisaram ser seguidos:

- Recolher informações sobre a identificação dos entrevistados e sobre as funções que desempenham na organização educativa da escola;
- Identificar se o entrevistado se apercebe das mudanças provocadas pelo processo de globalização e se a vê como provocador das diferenças sociais;
- Questionar se o entrevistado percebe mudanças com o advento da tecnologia e quais, como vêm os relacionamentos interpessoais e o processo de comunicação;
- Verificar se o entrevistado percebe as mudanças ocorridas no meio ambiente e quais ele acha que merecem ser mencionadas;
- Identificar se o entrevistado observa que há uma exigência para que o ser humano saiba trabalhar em equipe, se adapte às mudanças, seja criativo, capaz de aprender e de transformar a realidade;
- Saber se o entrevistado reconhece que as mudanças interferem na educação e se acham que as políticas que incrementam estão adequadas à realidade.

Inicialmente, como forma de organização da entrevista, as questões foram divididas em seis blocos temáticos – blocos A, B, C, D, E e F – (Anexo I), a cada um deles foram atribuídos objetivos, questões específicas e possíveis observações.

Essa organização conduziu o roteiro da entrevista ao estabelecimento de categorias e subcategorias. O objetivo foi relacionar questões e suas respectivas respostas aos temas determinados. Os temas são: Globalização, Tecnologia, Meio Ambiente, Informação e Mudanças. Os subtemas seguiram conforme o que se desejava saber quanto ao tema proposto.

Desse modo, para Globalização, questionou-se sob as seguintes questões: mudanças provocadas pelo processo de globalização; relacionamento interpessoal; provocador de diferenças sociais (fator econômico); vantagens e desvantagens da globalização. Quanto ao tema Tecnologia, a divisão seguiu dessa forma: percepção das mudanças com o advento da tecnologia; relações interpessoais com a evolução da tecnologia; comunicação. Meio Ambiente levantou o seguinte subtema: mudanças de atitude frente ao meio ambiente. Dentro do tema Informação, as questões relacionaram-se a: gestão de informações; necessidade do mercado de trabalho; preparação das pessoas. Sobre Mudanças, buscou-se saber sobre: impactos das mudanças na educação; papel da escola; políticas educacionais.

Um quadro (Anexo II) contendo temas e questões foi elaborado. A seleção e organização dos temas permitiu a análise das respostas apresentadas pelos entrevistados. A seguir, será apresentada a análise feita sobre essas falas.

4.1.2 Percepção dos entrevistados: análise das falas correspondentes à primeira entrevista

O mesmo roteiro de questões foi aplicado a todos os entrevistados. Eles não foram informados sobre as restrições dos temas, de modo que a entrevista, mesmo seguindo de forma cronológica, não delimitou sobre o que eles deveriam responder. Essa estratégia foi adotada como forma de não inibi-los. As respostas apresentadas foram transcritas, organizadas conforme os temas estabelecidos e os entrevistados receberam nomenclaturas fictícias. As análises foram feitas de acordo com os temas pré-estabelecidos.

4.1.2.1 Globalização

O primeiro tema contempla o advento da globalização, originando quatro direcionamentos que correspondem às subcategorias, a saber: mudanças provocadas pelo

processo de globalização; relacionamento interpessoal; economia e vantagens e desvantagens da globalização.

4.1.2.1.1 Mudanças provocadas pelo processo de globalização

Os entrevistados foram questionados quanto às mudanças provocadas pelo processo de globalização e se acreditam haver um impacto no meio em que vivemos e quais as mais impactantes. Dentre as falas, predomina-se a menção ao conhecimento de outras culturas, ou seja, a facilidade em termos acesso a outras culturas e a mistura de culturas, porém foi posto como aspectos observados com a globalização a necessidade de possuímos outros conhecimentos, a submissão a novas culturas, a ascensão da burguesia. Expuseram a globalização como provocadora de novas demandas à escola, passaram a receber alunos de outros países e com outras culturas e, para isso, tiveram que buscar conhecer essas outras culturas para poderem se relacionar. Eles demonstram que é preciso valorizar a cultura local.

Acredito que a gente começou a sentir a chegada de alunos, muitos deles vindos de outros Estados ou até de outros países e isso tem haver com essa questão, a demanda que isso trouxe, logo de início, foi a necessidade que nós estivéssemos sintonizados nisso, mobilizar conteúdos da cultura mundial. [...] quando eu penso no início da minha carreira, eu vejo como são as diferenças na questão do saber, é uma coisa impressionante, a gente tem hoje uma necessidade realmente muito maior de envolvimento em outros conhecimentos e com outras culturas também, para compreender melhor esse outro com quem agente lida na vida de modo geral (disse B).

(...) não importa o que vem de fora, não vamos deixar de olhar o que vem de fora, mas sem nunca deixar também de se encolher e olhar para dentro, para dentro de sua cultura[...] Então, você passa a ver coisas que você nunca viu antes, mas é claro que a gente tem uma tradição, submissão que a gente combate muito, a gente tem que combater aqui dentro da gente, tem que combater dentro das nossas constituições que às vezes faz a gente perder o amor próprio, né? Não preserva a nossa cultura, engloba a cultura de fora sem o ato de digestão, né? Aí fica muito feio (disse A).

Foi exposto, ainda, o consumo exacerbado e o poder que ele exerce sobre os jovens, através das mídias, a mudança de valores e, dentre eles, o de pertencimento ao qual, segundo os entrevistados, não temos mais.

(...) nós começamos a perceber nos jovens uma sede de consumo, porque o acesso maior seja através das mídias, começou a se desenvolver na sociedade uma “necessidade” de ter tudo, uma visão imediatista, que é uma visão da criança, vem se estendendo, o jovem continua com essa visão imediatista, consumista, o adulto vive isso e a gente faz de conta que isso não existe. Então, a escola vem enfrentando esse desafio, e não deixar de discutir essas questões, isso é a nossa diferença no nosso conteúdo (disse B).

Tratando da questão do consumismo e das mensagens, ou seja, das informações, mencionadas entre os entrevistados, como um dos impactos da globalização, podemos dizer que é exatamente essa comunidade calcada num ideal de pureza que é uma impossibilidade. A questão é que por mais que os indivíduos se lancem na tarefa de construção de sua identidade comunitária e por mais que incorra na certeza do êxito, essa sensação é sempre muito provisória. Ninguém está imune aos referentes identitários produzidos em abundância no mundo atual. Na sociedade de consumo, as mensagens e produtos circulam sem obstruções alfandegárias por todo ou quase todo o globo numa velocidade extrema, comprimindo espaço e tempo. Emerge uma cultura do efêmero, como nos diz Néstor Canclini: “As manifestações culturais [são] submetidas aos valores que ‘dinamizam’ o mercado e a moda: consumo incessantemente renovado, surpresa e divertimento”. Um modelo cultural que segue as regras da inovação e obsolescência periódica” (Canclini, 1997, p. 18). Essa dinamicidade, atrelada ao prazer sob uma perspectiva imediatista, tornam o descarte uma prática constante, visto que tudo aquilo que não mais suprir essa demanda (o despertar do prazer) perderá, por sua vez, seu valor, comprometendo, assim, o tempo de duração – fator não mais considerado diante dessa realidade.

A sociedade da modernidade líquida, diferentemente da que a precedeu, não se comporta como produtora, em que os indivíduos tendem a consumir apenas o imprescindível para atender às suas necessidades básicas. Na vida organizada em torno do consumo, o indivíduo orienta-se por desejos ilimitados. Se na sociedade produtora a sensação de desejar o luxo constituía um pecado, na sociedade consumidora o luxo não faz sentido, pois a ideia é tornar os luxos de hoje nas necessidades de amanhã. Sobre o assunto, o filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) registrou: “É o mundo dos simulacros em que as pessoas vivem, a sociedade de imagens idealizadas pela TV e rotuladas pelos meios de comunicação de massa”. Segue mais uma fala:

(...) as pessoas agem, é, muito consumista, muito materialista e tende a ser ainda mais por conta das propagandas, dos meios de comunicação, das indústrias que estão cada vez mais produzindo mercadorias e precisando de mercado consumidor. O que é que reflete isso, o homem está cada vez mais trabalhando mais para ter aquilo que é colocando com compra (disse E).

Assim sendo, os objetos são vistos como materiais de consumo, os quais perdem rapidamente seu poder de sedução. De acordo com Bauman (2001), com o consumo a sedução se perde. Para ser indivíduo é necessário estar consumindo constantemente, pois, ao consumir, através da posse dos objetos de consumo, que o homem se torna indivíduo. Ou seja, a individualização obtida através do consumo.

O mercado produz em abundância, de forma nunca antes vista, delineando um modelo cultural alicerçado no efêmero, onde as “coisas” já são produzidas para se tornar obsoletas. Bauman nos diz que “as coisas são os ornamentos simbólicos das identidades e as ferramentas dos esforços de identificação”, os referentes identitários fugidios:

(...) no mundo em que as coisas deliberadamente instáveis são matérias-primas das identidades, que são necessariamente instáveis, é preciso estar constantemente em alerta; mas antes de tudo é preciso manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes do mundo ‘lá fora’. (Bauman, 2001, p. 100)

São essas “coisas” que circulam rapidamente num universo aparentemente sem fronteiras, tencionando as narrativas de pureza das identidades nacionais pretensamente estáveis.

Veja só, eu acredito que a globalização, ela interfere na questão dos valores [...] tinha muito essa ideia de pertencimento das pessoas, da família que pertence, do bairro que ele pertence, a cidade. Qual, que ligação que eles têm? Não tem, eles não pertencem a lugar nenhum (disse C).

A palavra comunidade pode ser usada para descrever desde aldeias, clubes e subúrbios até grupos étnicos e nações. Não obstante esse largo espectro conceitual, a definição de comunidade tem passado, sobretudo, pela afirmação de sua dimensão subjetiva: a comunidade se estrutura a partir de um sentimento de comunidade, de um senso de pertença a determinada coletividade. A dimensão subjetiva se coloca, assim, como mais significativa do que outras dimensões, como a da espacialidade, também bastante associada à ideia de

comunidade. A comunidade pode ser tida como uma “entidade simbólica”, como propõe Anthony Cohen, comportando um sistema de valores e um código de moral, através dos quais se definem as modalidades de pertença. Por isso mesmo, a análise da comunidade torna-se algo problemático do ponto de vista sociológico, na medida em que exige sempre um tipo de “fixação” pouco condizente com os processos de construção de identidades nas sociedades contemporâneas. Podemos dizer que a comunidade em seu sentido mais original, tal qual definido na teoria social, passa a perder importância sociológica em decorrência da plasticidade que as identidades comunitárias assumem no mundo atual.

As condições para a existência da comunidade exalam quando a comunicação entre os de dentro e o mundo externo passa a ter maior peso do que as trocas mútuas internas. Essa “fissura” nos aparatos de proteção da comunidade se tornou possível com o “aparecimento dos meios mecânicos de transporte” e consequente dinamização do fluxo de informação entre pessoas participantes de coletividades diversas situadas distantes umas das outras. Esse fluxo de informação termina por tencionar o “conhecimento internamente disponível” e o repertório de códigos de reconhecimento mútuo que definiam o entendimento “natural”. Essas informações alternativas podem circular tão rápido quanto “as mensagens orais originárias do círculo de mobilidade humana ‘natural’”. Diz Bauman: “a distância, outrora a mais formidável das defesas da comunidade, perdeu muito de sua significação” (Bauman, 2003, p. 18).

Quisemos saber o que pensam da internet no meio escolar e da necessidade da escola estar inserida nesse processo – de acompanhar e não estar à margem – Para os entrevistados a escola não pode ignorar essas mudanças e isso advém da possibilidade das escolas estarem interagindo umas com as outras, fazendo intercâmbio dos processos aplicados. A facilidade do acesso à informação, o mau uso que algumas pessoas fazem da tecnologia e a necessidade de sermos mais criativos no mundo em constantes mudanças, em oposição à padronização do comportamento, ao qual nos temos submetido, principalmente entre os jovens, são fatores também observados nas falas dos entrevistados. É notável que existe a preocupação de que os alunos saibam gerenciar as informações da internet e que sejam críticos frente a elas. Apontam ainda, a dependência da tecnologia. É possível observar que existe a percepção das problemáticas geradas por essa nova realidade e a consciência da necessidade de uma mudança de posicionamento.

Hoje, o uso da internet no meio escolar, a mídia. Então, hoje, o aluno, o professor, têm que acompanhar muito essa mudança da globalização do mundo porque o aluno, hoje, ele acessa demais, frequenta muito mais a internet que se a gente não acompanhar (disse E).

(...) isso facilitou bastante, eu acredito que o acesso a essa informação, em conhecer a cultura, a buscar o assunto de onde originou, isso significativamente a gente melhorou, agora, a mudança dessa cultura da globalização, é natural que aconteçam algumas mudanças. É uma adaptação às origens e uma tradição, mais mudado para algo atual, moderno (disse G).

(...) todo mundo responde do mesmo jeito, fala do mesmo jeito, tá certo? E, se sair um pouquinho daquilo, o processo criativo é esmagado dentro desse processo, dentro dessa estória... É a questão da padronização (...) mercado globalizado, diz pra gente: “olhe, se nós não tivermos pessoas mais criativas, certo? Pessoas que chegam aqui e que inventam coisas, a gente tá, a gente tá na pior, tá certo? Nós não temos possibilidade para crescer”. Então, quando eu escuto na televisão, aqueles economistas dizendo assim, a própria Dilma recentemente falou no discurso dela algo assim: - Precisamos de cabeças pensantes porque se a gente não tiver pessoas com iniciativa, pessoas ativas, pessoas criativas, tudo com IVA (risos) o que vai acontecer, o Brasil vai ter uma economia sem sustentabilidade. O que sustenta uma economia é o seu povo e é a forma de educar, certo? É a forma de educar para o ato criativo (...) eu também acuso esta tecnologia de dar acesso aos bem intencionados e aos mal intencionados... essa coisa de que dá para fazer o melhor e também dá para fazer o pior (disse A).

Hoje em dia, a gente tem acesso a materiais eletrônicos, a roupas que são de outros lugares. Viagens, o conhecimento de culturas, que, hoje em dia, está muito mais próximo, né? A gente conhece, a gente consegue saber o que está acontecendo em outros lugares do mundo, em mensagem instantânea, você já tá sabendo. De comportamento que você tem, de acesso, de várias culturas que os indivíduos têm e que eles copiam (disse F).

Os posicionamentos trazidos demonstram, de forma generalizada, as proporções da globalização, ao passo que conseguem, através das novas tecnologias e interatividade, cada vez maior, superar as barreiras distritais. As distâncias tornam-se menores, concordando, assim, com o posicionamento de Paul Virílio citado por Bauman (1999, p. 16), ao trazer a seguinte questão: ele nega o “fim da história”, mas afirma o “fim da geografia”, pois “as distâncias já não importam, ao passo que a noção de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no ‘mundo real’”. O que antes tornava visível as proporções do espaço, por conta das condições de locomoção, com transportes ainda primitivos, e meios de comunicação que não correspondiam à velocidade atual, consegue ser superado e não mais realizável devido às possibilidades geradas.

A ampliação da velocidade e a “emancipação dos fluxos de informação proveniente do transporte dos corpos”, situação presente e acirrada a cada passo nas sociedades contemporâneas, implica a impossibilidade da manutenção de fronteiras rígidas entre os de dentro e os de fora. É no “capitalismo leve” de Bauman (2002), o mundo da era da globalização, que as orientações e os objetos perdem a fidelidade com seus territórios simbólicos e geográficos originários. Se, de acordo com Néstor Canclini (1977), o processo de internacionalização (que, podemos dizer nos voltando para Bauman, corresponde a uma característica do “capitalismo pesado”) foi uma abertura de fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos de outras, ainda que a maioria das “mensagens” e dos bens consumidos fossem gerados na própria sociedade e que houvessem leis alfandegárias protetoras da produção interna; a “globalização supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros, no qual é mais importante a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas a partir das quais está se agindo” (Canclini, 1997, p. 17).

4.1.2.1.2 Relacionamento Interpessoal

Perguntamos aos entrevistados se acham que estamos a viver mudanças nos relacionamentos interpessoais e quais seriam os mais notórios. Questionamos também sobre se acreditam que o homem está mais humano ou mais egoísta. Sobre os relacionamentos interpessoais, os entrevistado apontam suas percepções sobre a fragilidade e superficialidade das relações em oposição a tanta evolução. Este se apresentou como fator comum nas falas. Alguns entrevistados lamentam o quão distantes vivem as famílias, o quanto ouvem de seus alunos dizerem que eles, os professores, os conhecem mais que os seus pais.

(...) olhando mais cada um para si mesmo, eu percebo que hoje, o homem, a mulher, começa sentir que alguma coisa trincou nesse caminho, está exatamente nesse ponto a questão, eu acho que todo mundo começa a perceber que não é a toa que todos os pólos de discussão começam hoje a pensar, como é que a gente vai continuar andando nessa velocidade.(...) Então, acho que essas relações, tem se modificado

muito com o conhecimento novo que se tem hoje e com o novo homem que a gente tem. Nós somos novas pessoas, nós somos novas mulheres, as crianças que não se sujeitam a relação de qualquer um hoje (disse B).

Eu acho que a gente está vivendo muita instabilidade, homens e mulheres querem ser felizes, mas nisso, há muitas dificuldades em compreender o que é isso, então para muitas mulheres, para muitos homens, hoje, isso significa que no momento em que a relação surge como proibitiva da sua felicidade e os conceitos de felicidade são vários, então, pronto, se desfazem (...) estatisticamente tenho observado separações acontecendo mais cedo (...) então, isso é uma coisa que preocupa um pouco a gente porque na educação infantil, a criança está com 5 a 6 anos de idade. Hoje em dia, o casamento está acabando dentro desse tempo, antes mesmo da criança completar 5 ou 6 anos de idade. É uma coisa que deixa a gente um pouco preocupado. Que sujeito é esse que está abarcando o mundo e não dá conta das suas relações, então são àquelas contradições, acho que as relações estão melhores em alguns aspectos, mas sobre relações mais próximas, mais íntimas que do ponto de vista que oficialmente pode ser feito, que pai, mãe, filho, você se desfaz oficialmente desses laços, mas no caso do casamento eu vejo que essa possibilidade de viver no paraíso muitas vezes faz com que o sujeito homem ou a mulher abra mão disso mais cedo, antes de administrar de modo mais maduro a possibilidade de ver, é uma avaliação que talvez mereça mais aprofundamento, mas de fato a gente tem visto isso, esse crescimento no número de separações mais cedo (disse B).

Eu tenho alunos que costumam dizer que os pais não conhecem como eles são de verdade, porque os amigos conhecem mais, então à família, ela deixa de ter esse contato, tem pessoas que deixam de aproveitar momento em família, porque mesmo estando em uma mesma casa, cada um está no seu celular, no seu quarto, conversando com outra pessoa, então é um exemplo que eu vejo de afastamento até dentro de casa. É difícil as pessoas se desvincularem desse meio da internet e das redes sociais (disse F).

Não, é muito mais egoísta. . E quando os pais não tem tempo, que joga uma criança de 2 anos na escola, né? Então, ele não acompanha, então esse menino cresce egoísta, mesmo achando que não. Acha que tudo é dele, que ele tem que ser o melhor, que ele tem que passar por cima de todo mundo e não escuta, né? Não quer escutar, ele não respeita, não quer respeitar a fila do banheiro, não quer esperar a hora de falar, a gente tem muito esse problema. Antes de eu completar uma frase eles já interrompem, às vezes é uma besteira que não tem nada a ver com o que eu estou dizendo, mas eles tem que entrar, porque eles não deixam. (...) os pais não param mais para falar pra eles, não explicam mais pra eles. Aí, a questão da globalização vai afetando. O que é que ele vai querer, que ele faça inglês, que ele faça informática, que aprenda inglês e espanhol, ter mais de uma língua, não é? Você vai ter que aprender, faça uso de não sei o quê (...) Eu acho um dos grandes problemas hoje na própria escola é exatamente o mal relacionamento na família (disse C).

A gente tem na internet alguns grupos que fazem com que você consiga manter contato com muitas pessoas, todas essas relações elas são superficiais (disse F).

Os respondentes percebem o quanto, dentro das próprias famílias, criou-se certa liberdade até para a comunicação, o que não se tinha antigamente, momento em que os pais não podiam ser questionados, em que os filhos não conversavam com os pais, ao mesmo tempo, as pessoas não conversam, dentro de casa, cada um vive em “seu mundo”, as pessoas andam muito ocupadas. Foi apontado também que as pessoas estão muito mais intolerantes e que com a mesma facilidade que se casam, se separam. Para eles, está a haver mudanças na constituição das famílias, seja por pessoas de mesmo gênero e também uma maior aceitação desse novo modelo de família pela sociedade. Afirmaram que as pessoas participam de diversos grupos na internet, mas mantendo relações superficiais.

Por aceitação do homossexualismo, eu acho que aqui é tão forte esse movimento, é que a questão da quebra de alguns preconceitos, de casar mais tarde (...) (disse A).

(...) pensar nas famílias e nas convivências de pais e filhos, hoje tem mais opinião própria, tem mais condições de concordar e discordar de determinadas posturas em relação aos pais. (...) Quanto a família hoje, você já percebe que pode ser construída por pessoas do mesmo gênero. Isso já é uma diferença. As pessoas do mesmo gênero podem adotar filhos hoje, até mesmo, pode constituir matrimônio em determinadas culturas, isso é relevante. Eu acho isso positivo quando se pensa em progresso, principalmente em relação à liberdade (disse D).

(...) hoje em dia é diferente a gente se relaciona um relacionamento superficial, se casa e diz: “ah, enjoei, ah, enjoou, ah, enjoou porque, ah, não, fulano esquece a minha data de aniversário, entendeu? Ah, é falta de tolerância. Eu acho que a palavra não é essa, falta de tolerância, é mudança da cultura, é, antigamente a sociedade cobrava de você, que conseguir conviver com isso. Hoje em dia tem essa ideia de independência(...) Os casamentos, na verdade, é mais uma tecnologia, um equipamentozinho que você diz: ah, está ultrapassado, eu vou pra outra, entendeu? Entra na superficialidade das coisas(...) falta de tolerância(...) (disse F).

As colocações dos inquiridos sobre as relações familiares refletem um paradoxo: ao mesmo tempo em que existe maior abertura entre pais e filhos para o diálogo, há, também, a ausência de interação. Assim, as falas demonstram que a contribuição da globalização e tudo o que ela acarreta para a diminuição das distâncias segue uma lógica artificial. Para Bauman, (2001), na modernidade líquida, tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto, familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante, perde consistência e estabilidade. O indivíduo já não era determinado pelo lugar no qual nascia e por relações pré-estabelecidas. Segundo ele, ainda e conforme ratificam as falas

anteriores, a solidez das instituições sociais (do estado de bem estar, da família, das relações de trabalho, entre outras) perde espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para o fenômeno de liquefação. De acordo com essa metáfora, a concretude dos sólidos, firmes e inabaláveis derrete-se irreversivelmente, tomando, paradoxalmente, a amorfabilidade do estado líquido. Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas dos relacionamentos humanos, como os citados anteriormente pelos sujeitos entrevistados quando eles mencionam os casamentos que se desfazem e da fragilidade e superficialidade das relações familiares. Estas são as consequências de um tempo de transformações sociais aceleradas. Um dos entrevistados, inclusive, informa que um de seus alunos o chama de pai, refletindo assim, essa superficialidade das relações dentro das famílias. Hoje, os pais se preocupam em ocupar seus filhos de atividades, de cursos, diminuindo mais ainda a convivência entre eles.

Mas vejo hoje, né? Eu vejo a partir de meus alunos, hoje os meus alunos conversam mais comigo do que com os pais, que tenho um aluno que me chama de pai, triste isso né? Isso porque, porque ele não tem uma figura paterna, o pai vive viajando e manda muito dinheiro para o menino, mais não está presente e como eu o repreendia muito ele passou a me ver na figura de pai, então sempre me chamava, pai, pai, e não era na ironia, pois é, naquela coisa de respeito mesmo, e de me ouvir (disse E).

Sobre se o homem está mais humano ou mais egoísta, as falas apresentam-se da seguinte forma:

Egoísta. Hoje, é muito comum, quer dizer, sempre foi. Eu acredito que hoje pela questão de querer adquirir, de consumir, eu acho que isto está mais em evidência, tá mais notório para a gente, pelo menos para mim que não sou um sociólogo (disse G).

Infelizmente, mais egoísta, os motivos são inúmeros, né? Mas um dos motivos que eu vejo é essa questão mesmo do mercado de trabalho, do consumo, então o mercado de trabalho pede cada vez mais do ser humano. O ser humano, infelizmente, se acha que para se manter no mercado, tem que derrubar o outro (...) (disse E).

É uma coisa complicada de se responder porque vemos o egoísmo muito forte, cada um preocupa mais consigo, já que as relações são mais superficiais mesmo (...) Nas redes sociais você tem acesso de juntar uma série de pessoas que pensam como você, mas pessoas se juntam não para aceitar as diferenças de umas com as outras, elas se juntam para irem contra isso (disse F).

Eu acho que não sei se é egoísta, mas ele está mais egocêntrico, mesmo precisando muito do outro para poder realizar suas necessidades. Porque muitas vezes você faz com que o outro, viva em função daquilo que você quer alcançar, principalmente numa sociedade capitalista que a gente vive (disse D).

Bauman (2001) relaciona o termo indivíduo ao crescente processo de individualização. Ele afirma o exposto pelos entrevistados, sobre o desprendimento das redes sociais de pertencimento social, incluindo aí a própria família. O que o autor enunciou como consequência da globalização é percebido por todos os sujeitos da pesquisa, quando eles afirmam que o homem está mais egoísta que humano, denunciando essa individualidade. Nesse contexto, a cultura do Eu sobrepõe-se a do Nós e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas. O autor informa que relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de leveza e descompromisso que é, muitas vezes, associada à liberdade individual.

Há uma distinção entre o cidadão que é um indivíduo que busca seu próprio bem, através do bem-estar da cidade e o indivíduo que tende a ser morno, cético, ou mesmo prudente quanto a causa comum, ao bem comum, ou mesmo à sociedade justa. O indivíduo busca a sua auto realização através de meios que o permitam tal realização. Além disso, a individualização chegou para ficar com todas as suas implicações que decorrem de tal fato. A apresentação de seus membros como indivíduos é marca registrada da sociedade moderna. A individualização é uma atividade incessante e diária e muda seu significado constantemente, assumindo novas formas. A individualização consiste em transformar a identidade humana de um em uma tarefa, encarregando os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências de sua realização. Os indivíduos não mais nascem em suas identidades; precisam tornar-se o que já são, sendo esta uma característica da vida moderna. A modernidade antiga desacomodava para reacomodar, sendo essa reacomodação uma tarefa posta aos indivíduos. Relacionamentos pautados por preceitos consumistas acarretam em modelos do próprio consumo. Enquanto uma constante, esse fator permite o enfraquecimento das relações humanas.

Sob a perspectiva baumaniana, todas as relações passam a ser reduzidas a relações de consumo por meio da instrumentalização das relações sociais. Como o consumo que é passageiro – e se esvai com o fim do desejo – o indivíduo se torna algo móvel, passageiro. A questão, todavia, não se concentra no fator capital. Conforme apresenta Bauman, no presente período moderno, a centralidade desse fato se encontra no uso do dinheiro, no ato de consumo. Se hoje ele é tão importante é porque apenas através dele podemos nos realizar no consumo de bens.

Inclusive as mais profundas relações afetivas – amizades, namoros, casamentos – são afetadas pelo consumo como ideal do agir social moderno-líquido. O outro passa agora, a ser tomado também como objeto de consumo, útil enquanto oferece satisfação, e dispensável ao fim da utilidade. Todas as pessoas estão suscetíveis ao consumo, podendo desejar o ato do consumismo e até desfrutar das possibilidades que ele proporciona, entretanto não são todas que podem ser consumidoras, conforme alerta Bauman (2001).

A desintegração da família também tem consequências para as crianças. É uma das causas da pobreza, dos maus resultados escolares e da perda de segurança, manifestada dramaticamente por maior vulnerabilidade das crianças às violências sexuais e urbanas. Além de trabalhar no mercado, a mulher cuida das atribuições do lar, o que, de fato, causa maiores níveis de estresse e reduz o tempo para dedicar-se aos filhos. Portanto, caso seja impossível a concepção da “família tradicional” no futuro, é preciso desenvolver um processo de renovação social para reinventar a família e responder às necessidades das crianças, das mulheres e dos homens (Bloom, 2001, in OCDE, 2001b).

Como consequência da nova concepção de família e das mudanças no mercado de trabalho, no futuro, as crianças permanecerão mais tempo na escola e no seio das famílias, ocasionando, naturalmente, casamentos mais tardios e atraso no ingresso no mercado de trabalho. Além disso, as famílias serão menores, devido ao custo de criação de uma criança, desde o seu nascimento até a sua formação completa para as novas necessidades do mercado – economia do conhecimento (OCDE, 2001b).

4.1.2.1.3 Fator econômico como um provocador de diferenças sociais

Os entrevistados foram questionados sobre se o processo de globalização tem causado maiores diferenças sociais no nosso meio e se haveria algo que eles gostariam de citar como forma de exemplificação. Dentre as respostas, alguns conseguem notar os efeitos da globalização sobre as diferenças sociais e que os benefícios do mundo moderno não chegam a todos. Por outro lado, também é possível identificar respostas positivas em relação à indagação, quando os educadores dizem perceber as melhorias provocadas pela globalização como os benefícios que, segundo eles, geram na economia brasileira.

Eu fico pensando, quando foi a última eleição, eu não sabia em quem votar, meus funcionários não sabiam em quem votar, aí eu fiz uma pergunta pra uma menina que estava na portaria, funcionária nossa: “Veja, sua vida está melhor? – “Está”.- “Desde quando começou a melhorar?” Aí ela fala – “Olha, desse tempo pra cá, (ela não específica), mas está melhor, né? Ah... Acho que eu vou votar, vou dar continuidade a esta política”. Então, eu vejo assim que alguma coisa é, realmente, está melhorando de um jeito ou outro, e eu acho que houve uma dinamização, houve um acesso maior a questão de valores, de dinheiro, de poder gastar, não é? Da sustentabilidade desta política, eu realmente não sei, vou te dizer, eu não entendo de política e acho genial quem entende(...) Não é uma certeza, mas trouxe mais melhorias (disse A).

Diferenças sociais, eu acho que ela se evidencia (...) (disse B).

Os entrevistados percebem a globalização como provocadora de diferenças sociais. Eles percebem que os benefícios da modernidade não são para todos, conforme pode ser observado nas falas a seguir:

(...) as pessoas tem que buscar uma adaptação e vão ficar a margem àqueles que não conseguir acompanhar esse processo. Então, seja processo da internet, a informatização, seja na própria educação, a gente tem os intercâmbios que são processos globalizados, ele vai terminar selecionando àqueles que quanto mais globalizado estiver, mais voltado para o progresso você vai estar. Enquanto que você não busca essa globalização você vai ficar aquém disso aí (disse D).

(...) se hoje a gente tem tantas tecnologias a nosso favor, agente ainda tem o sujeito que não tem acesso a nada disso, não só por questão financeira e cultural (disse B).

Eu acredito que de Lula pra cá, caíram um pouco, eu não trabalho na rede pública, mas na rede pública tem havido uma miscigenação de classe, acredito que isso tenha aumentado, um dos fatores principalmente é a globalização (...) Eu acredito que isso tenha melhorado, não tenha distanciado pelas informações que a gente tem acesso na internet, jornal, a gente vê que essa globalização, ela tem diminuído algumas diferenças (disse G).

Os interlocutores deixam uma impressão de aproximação de classes. Bauman, no entanto, lembra que a promessa do livre comércio e o desenvolvimento econômico como profícuo à diminuição das desigualdades sociais, tem se mostrado uma falácia, o que se apresenta é um aumento cada vez mais elevado da riqueza dos mais ricos e uma diminuição drástica das condições de vida dos mais pobres. Este novo mundo proposto é o da fome, pobreza e miséria absoluta, onde 800 milhões de pessoas estão em condições de subnutridas e 4 bilhões de pessoas vivendo na miséria (Bauman, 1999, p. 81). A pobreza não pode estar de forma análoga ligada à fome, como é difundido. Outros fatores envolvem essa condição social como a qualidade de vida, habitação, acesso à educação e estrutura familiar.

Possivelmente, a globalização seja, ao mesmo tempo, causa e efeito de diferenças sociais, o que gera grandes preocupações quanto às suas repercussões. Dois problemas são identificados a partir dessa constatação: (i) o mundo não possui mecanismos que permitam que os vencedores da mudança (agentes da globalização) assegurem uma compensação aos perdedores; (ii) sem as infraestruturas necessárias para impedir a exclusão, há grandes riscos de que a heterogeneidade social da globalização conduza à fragmentação e à polarização, o que pode gerar desestabilização da sociedade no futuro (OCDE, 2001b).

Outros entrevistados percebem que essas mudanças provocaram melhorias, estas talvez possam ser justificadas pela melhoria da economia Brasileira, por terem limitado a visão apenas do Brasil. Para avaliar a veracidade do que foi percebido por eles, utilizamos como base teórica o relatório “Economia Brasileira em Perspectiva”, publicado pelo Ministério da Fazenda, este documento consolida e atualiza as principais variáveis macroeconômicas resultantes da condução da política econômica, resultado dos trabalhos realizados em conjunto das Secretarias de Política Econômica (SPE), do Tesouro Nacional (STN), de Assuntos Internacionais(SAIN), de Acompanhamento Econômico(SEAE) e da Receita Federal do Brasil(RFB) que compõem o Ministério da Fazenda, esse relatório é publicado bimestralmente. O relatório tomado como referência é o da 13ª edição, de agosto a novembro de 2011.

Dentre as variáveis e resultados estão:

- Confiança na economia brasileira segue positiva;

- A execução orçamentária da segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2) apresentou grande crescimento;
- Evolução dos anúncios de investimento no Brasil;
- O crescimento do investimento em segmentos essenciais;
- Educação profissional em expansão;
- Queda generalizada da taxa de analfabetismo;
- Diminuição constante da desigualdade de renda;
- Manutenção e criação de programas para a diminuição da miséria;
- Classe média ultrapassa metade da população.

Estas variáveis e resultados apontam para a diminuição das desigualdades sociais no Brasil, mesmo em tempo de crise na Europa.

4.1.2.1.4 Vantagens e desvantagens da globalização

Levantamos junto dos docentes se eles percebem mais vantagens ou desvantagens com o processo de globalização e quais enumerariam como vantajosas e como desvantajosas. As respostas indicam que eles percebem mais vantagens que desvantagens. As vantagens voltadas ao processo da globalização foram: o amor próprio do brasileiro; a interligações entre os povos, o que faz com que as pessoas não possam mais ignorar as outras; o conhecimento de outras culturas; a facilidade da comunicação; a tecnologia; o acesso à informação; a possibilidade de adquirirmos com mais facilidade outros produtos; o investimento em tecnologia para melhorar a vida das pessoas pobres; o acesso à educação superior que muitos não tinham antes e hoje é mais facilitado.

(...) você não pode mais ser um indivíduo num determinado ponto do globo que ignora a existência de um indivíduo que está no lado oposto (disse B).

Vantagem, o conhecimento muito mais acessível. Hoje, através da internet, você tem acesso ao conhecimento, a livros, a saberes que antes você não teria em tão pouco tempo (disse E).

Para mim, eu acredito que se têm mais vantagens, você ter a oportunidade de adquirir produtos, que na forma que a gente tinha nos governos anteriores, a gente não tinha tanta facilidade, isso em função da globalização, do acesso, pelo lado tecnológico, foi perfeito (disse G).

(...) Então, eu acredito que a globalização, ela melhorou do ponto de vista prático à educação. A gente tem recursos, temos uma linguagem hoje que você pode trabalhar em qualquer lugar do país com o mesmo material, as mesmas informações, o público é que vai responder a isso, os alunos (disse G).

A vantagem com relação ao mundo globalizado no acesso hoje fácil ao meio de comunicação. Todo mundo hoje tem um celular, por mais pobre que seja, em qualquer lugar que vai tem esse acesso, tem essa facilidade de comunicação, então eu converso com as pessoas que estão do outro lado do mundo. Você aqui no Brasil e a pessoa no Japão, você conversa com ela e pode até ver (disse E).

Sabendo utilizar, mais vantagens porque a minha área, que é a parte da ciência, essa mistura de cultura e conhecimento através de globalização ela faz com que você construa várias tecnologias que ajuda várias pessoas de diferentes classes sociais, então, você consegue ajudar desde pessoas que precisam, desde investimentos muito caros, que são tratamentos de doenças de difícil acesso até pessoas que são moradoras do sertão a cuidarem da água, a terem acesso a novas tecnologias para cultivarem suas plantações (disse F).

Traz uma vantagem também o aluno que mora num local que antes não teria acesso à educação superior e hoje tem (disse E).

Eu coloco como vantagem a ascensão profissional [...] (disse D).

Dentre as desvantagens citadas seguem alguns trechos de falas:

Então, você tem uma enorme parcela da sociedade despreparada para lidar com isso tudo, esse é um grande fator desequilibrador da coisa (disse B).

(...) embora essas tecnologias cheguem para essas pessoas de baixa renda, não são para todos, não é uma coisa que seja produzido para todo mundo (disse F).

(...) É que às vezes o aluno deixa de buscar esse conhecimento de forma mais controlada, de forma a atender e só aquela famosa, aquele famoso “CTRL+C, CTRL+V” e não se dedicam sobre aquilo que eles deveriam estar pesquisando. [...] O aprendizado se dá a distância e muitas vezes o professor só administra uma aula pra várias salas, vários polos, vários lugares, então isso é uma desvantagem, um desemprego (disse E).

Então, eu não tenho um levantamento de como era na minha época, a forma crítica, não tinha acesso aos que os alunos tem hoje, muito embora eu tinha uma visão crítica das coisas. Infelizmente a maioria não se tem hoje, eles são dependentes, eles passam despercebidos, eles sabem, conhecem, tem informação pelo menos, mas não

tem a curiosidade de buscar a fonte, as coisas hoje chegam de forma mais facilitada, não digo que a globalização tem sido ruim, é a forma do não direcionamento é que talvez não tenha resultados como se imaginam (disse G).

Olha só, a globalização traz coisas boas que eu vejo que os alunos não utilizam isso da melhor maneira. As coisas é esse acesso de informação que a gente tem, de uma maneira bem ampla, de uma maneira bem rápida. Agora, o problema é que os alunos não sabem utilizar isso, por exemplo, são muitas as informações que são divulgadas mas nem todas elas estão corretas. Então, a partir do momento que você pede para o aluno pesquisar uma coisa, ele não tem o cuidado de verificar se isso é verdade ou não. Então, eles simplesmente copiam o que tá ali e colocam para você. Então, eles não analisam aquilo que eles estão percebendo, então é uma era da informação que você tem que contar com muita coisa, mas às vezes não consegue filtrar (disse F).

Desvantagens, eu acho mais a exclusão, infelizmente ela não é assim democrática, quem tem mais consegue, quem não tem nem consegue (disse D).

Ao mesmo tempo que percebem vantagens, observam desvantagens tais quais: a dependência da tecnologia, o desemprego, inclusive entre professores, visto que, com a tecnologia, o professor acaba lecionando aulas em vários lugares ao mesmo tempo, ou seja, de forma não presencial; a falta de senso crítico para lidar com as informações recebidas e de analisá-las ao invés de copiar e colar, os alunos acabam copiando informações ao invés de realizarem pesquisa de forma efetiva; a exclusão social, nem todos tem acesso as maravilhas do mundo moderno.

Os entrevistados se dão conta que ocorreram diversas mudanças com a globalização: passamos a conhecer novas culturas, em contraponto à necessidade de valorizar a cultura local; acesso a novas tecnologias e novas demandas para a escola que precisa dar conta de tudo isso; necessidade de as pessoas serem mais criativas em oposição ao momento em que as coisas e as informações são facilitadas, ou seja, em que vivemos a dificuldade de análise crítica também foi ressaltado. Colocaram dentre as desvantagens, o desemprego e, em especial, aqueles que estiverem às margens dessas maravilhas do mundo globalizado, para eles a globalização é provocadora de diferenças sociais. Afirmam que os relacionamentos humanos se tornaram mais frágeis e superficiais, ainda vivendo em momentos de pertencimento a grandes redes sociais. As famílias vivem num momento de instabilidade e novas formações não vistas antes e, apesar da menção a essas fragilidades de laços afetivos, os entrevistados percebem que os homens se tornam cada vez mais desumanos.

4.1.2.2 Tecnologia

O presente tema originou três subcategorias: Percepção das mudanças com o advento da tecnologia; Relações Interpessoais com a evolução da tecnologia e Comunicação. A seguir, serão apresentadas as falas e análises.

4.1.2.2.1 Percepção das mudanças com o advento da tecnologia

Perguntamos aos inquiridos se eles se apercebem das mudanças com o advento da tecnologia, se há mudança na organização do estado, nas instituições, na vida das pessoas e se percebem desvantagens com a evolução da tecnologia. Nessa primeira subcategoria, relativa às percepções das pessoas em relação à tecnologia, destacam-se alguns fragmentos de fala:

(...) eu também acuso esta tecnologia de dar acesso aos bem intencionados e aos mal intencionados. Existiu um trabalho, que foi até a nossa feira de ciências, da exploração dos nossos desejos mais primitivos para incentivar o consumo, existe até um pouco da questão da sexualização, de qualquer produto que você vai vender (disse A).

Existem as dificuldades dos nossos limites na área de respeito a outro. Tem uma diferença de tempo em relação a isso, a gente ainda não caminhou na educação pessoal, interpessoal, para as relações interpessoais no mesmo nível que se têm esses avanços tecnológicos na comunicação. Isso, então, faz com que a gente, diante da ferramenta, tenha um outro rumo a adotar, se tem a realidade da pedofilia na internet, a realidade dos rackets, a gente tem essas coisas todas e eu acho que tem relação com essas diferenças de tempo de avanço numa área e não avança na outra (disse B).

A questão das câmeras é uma maneira de prender sua liberdade, né? (...) Essa questão, por exemplo, dos celulares que a gente tem que a gente pode filmar tudo, gravar tudo. Então hoje você não é uma pessoa livre e eu tenho uma vida particular (...) Então, essa nova tecnologia é fazer com que as pessoas se aproveitem pra tá suspeitando, pra tá se aponderando da vida do outro (disse C).

Com o aparecimento da tecnologia, as coisas ficaram mais práticas, o que se levava meses para se conseguir solucionar, hoje você consegue em questão de dias e de horas, tanto em relação ao Estado, processos muito burocráticos que se existia para

resolver determinados problemas, hoje se faz isso com determinada rapidez, a mesma coisa no nosso dia-a-dia (disse D).

Você tem profissionais que se alimentam dessa possibilidade também para ter que ministrar determinadas demandas de trabalho da instituição, você tem isso com o mundo, alguma coisa que vem a seu favor, a possibilidade de resolver problemas com a ajuda de quem está muito longe de você (disse B).

Sem dúvida, agora essas mudanças acontecem em níveis diferentes. Isso poderia significar atingir todos os indivíduos, mas nem chega a todo o mundo, as instituições. Então a gente tem de modo geral, no Estado Brasileiro, instituições que ficaram mais para trás em relação a isso, em tal acesso a essas mudanças (disse F).

Deveria facilitar, acho que o sistema burocrático, pelo menos para os brasileiros, ele não se vale muito em alguns setores da tecnologia. O sistema eleitoral brasileiro é modelo para o país, muito embora em outros setores do estado em si, onde deveria a tecnologia facilitar a vida do cidadão, ela pode, dependendo de quem opera, pode dificultar, mas o problema não está na tecnologia, está em quem opera, talvez por não saber ou talvez por descaso. Agora, com relação à educação, que é o setor que eu trabalho especificamente, a tecnologia lá, ela tem uma aplicação benéfica muito grande para a sociedade (disse G).

(...) a desvantagem da tecnologia é a falta de domínio do recurso que muitas vezes não sabemos lidar (disse D).

A tecnologia é, como eu já falei, hoje em dia se você não pensa, não tem reflexo sobre ela e a melhor forma de se utilizar, tem, sim, desvantagens até mesmo dentro do processo de conhecimento, às vezes tem alunos na educação superior que pegava trabalhos, cópias da internet, trabalho de outro, né? (disse E).

O uso da tecnologia para estimular o consumismo, inclusive pela sexualização; a pedofilia; os *rackers*, ou seja, o mal uso da tecnologia; a praticidade das coisas, encurtando os processos burocráticos; a falta de liberdade ou a liberdade vigiada, referindo-se a facilidade das pessoas em filmar as outras e usarem isso nem sempre com bom propósito, adicionaram ainda em suas falas. O acesso restrito da tecnologia, ou seja, não são para todos, o desemprego para os que não se encontram preparados para lidar com a tecnologia, o despreparo ou descaso por parte dos que operam; a possibilidade das pessoas resolverem demandas e dificuldades de trabalho; destacam que há falta do uso da tecnologia para facilitar os serviços nos órgãos públicos.

4.1.2.2 Relações interpessoais com a evolução da tecnologia

As pessoas foram questionadas se percebem mudanças nas relações interpessoais, a partir da evolução da tecnologia e eles colocaram que a tecnologia facilita as relações entre pessoas que vivem distantes geograficamente, entre casais, entre pais e filhos. Afirmam que com a tecnologia passamos a conhecer muito mais pessoas as quais não teríamos a oportunidade, porém temos tido cada vez menos contatos físicos. As pessoas se comunicam por mensagens, por e-mails, por ligações, mas não se olham olho no olho. Isso provoca acomodação a ponto de pessoas estarem bem próximas, mas usarem a tecnologia como ferramenta para se comunicarem ao invés de se encontrarem. Ou seja, o que deveria aproximar as pessoas, tem distanciado.

Há casamentos que sobrevivem disso, são alimentados por essa tecnologia, pessoas que moram em lugares diferentes administram uma relação afetiva, pais e filhos, marido e mulher, sejam onde for, porque essas tecnologias estão a serviço dessas relações (disse B).

É a questão que essas novas tecnologias afastam as pessoas (disse C).

(...) eu acredito que a comunicação direta de pessoa para pessoa hoje tem sido relativamente menor que há anos atrás, onde a tecnologia é mais fácil. Hoje, você passar e-mail, ou até mesmo ligar, acontece mais do que você encontrar alguém pessoalmente, numa relação interpessoal, eu acho o contato físico é bem importante. Você hoje compra na internet e nem fala com o vendedor e pessoalmente se conversa, e muitas vezes se torna até um amigo. Nos dias atuais, na relação interpessoal houve uma mudança devido à adaptação da tecnologia. Não sei se isso aí seria o foco de sua pergunta. O contato pessoal, eu não sei te dizer, pelo lado humano, muito embora digam as redes sociais, aproximam do ponto de vista de fato àquele instrumento, mas o contato físico, o conhecer, eu acho que não (...) (disse G).

Ambas as falas apontam o diferencial que as novas tecnologias proporcionam, porém admitem haver uma forma diferente de relacionamento que contradiz a perspectiva de relações humanas. Seria o início de novos sentidos ao termo, já que ao se relacionar com o outro, e cada vez mais com um número maior de pessoas, esse indivíduo se afasta, não de um convívio social, mas de uma aproximação física. O contato físico entre os seres humanos, tão essencial desde os primeiros momentos de vida, perde lugar para interações virtuais, artificiais, ou num plano de realidade não mais palpável. Troca-se o ser vivo por máquinas.

(...) você tem celular, você pouco vai à casa do outro (...) houve uma aproximação você passa a conhecer pessoas que antes você não teria esse acesso, distanciamento porque se você tem um acesso muito maior se torna mais distante, porque termina apenas se comunicam só através da tecnologia (disse E).

Ana Maria Leite e Maria Fernanda Nunes (2007), ao tratarem das relações entre as pessoas e os aparelhos computacionais, afirmam que “o poder dos computadores já não se limita à interação pessoa-máquina, mas está incorporado a um grande número de redes por meio das quais se pode interagir, falar, intercambiar ideias e sentimentos” (p. 204). Considerando a complexidade dos relacionamentos entre seres humanos e as dificuldades geradas por essa incógnita, é plausível que outros métodos sejam vistos como facilitadores dessa interação, mesmo que, de forma sucinta, distanciem os indivíduos.

4.1.2.3 Comunicação

Quando questionados sobre como veem o processo de comunicação nos dias de hoje, foram unânimes ao responderem que foi facilitada, que a comunicação está muito mais fácil e que até as próprias empresas exigem que as pessoas ampliem os meios de se comunicarem.

A comunicação ficou muito mais fácil (...) Hoje, todas as empresas exigem que você tenha um e-mail. Até dentro da gestão escolar você tem que ter um e-mail, é mais uma forma de comunicação, de encontrar você. Então, tem celular, tem telefone fixo, tem e-mail, aí hoje tem o face, o msn, então, o meio de comunicação está mais abrangente, mais eficiente (disse E).

Muito, eu acho que todo mundo pensa diante de uma pergunta dessas, em como as pessoas podem se comunicar com a distância através dos e-mails que chegam com tanta rapidez. Hoje, a gente está mais distante dos e-mails e agora estamos com mensagens instantâneas. Hoje, você acessa a pessoa que está do outro lado e vê a pessoa, conversa com ela, sabe o lugar onde ela está, é uma coisa muito louca isso, não é uma coisa simples, você significa muita coisa para muitas pessoas (disse B).

Adicionalmente, poderia ser considerada a criação do espaço virtual que se desenvolveu no início do século XXI, como os ‘avatars’, a fazenda virtual do ‘Facebook’ e assim por diante. A urgência de ir a algum lugar cede ao espaço virtual, no qual podemos ir a

qualquer lugar no momento que assim desejarmos. Ana Maria Leite e Maria Fernanda Nunes (2007) apontam que “no final do século XX, já se pode observar a utilização em larga escala do computador como importante instrumento de trabalho e de lazer, e afirma que a internet possibilitou a conexão do mundo por meio da informação” (p. 204).

Uma ressalva, porém, é feita em relação às novas tecnologias que permitem um processo diferenciado na comunicação:

Eu penso assim, às vezes funciona, às vezes não, mas hoje a gente tem muitos ruídos em relação a uma comunicação clara, ela vai depender de estado, de uma situação, de um contexto, através da interpretação no momento que se está comunicando (disse D).

A fala acima ilustra uma controvérsia presente nas inovações tecnológicas atuais que, ao mesmo tempo demonstram avanços e regressões. Bauman (1998) retrata algo relativo à instabilidade pós-moderna que dialoga com a afirmação do entrevistado:

É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza “avançada” ou “retrógrada”, uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetitivamente a ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. Não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é “para a frente” e onde “para trás”, e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é “progressivo” e qual é “regressivo. (p. 122)

Sobre esse tema, os responsáveis pela educação dizem perceber que a tecnologia tem facilitado algumas demandas de trabalho, diminuído os processos burocráticos, bem como tem facilitado a comunicação. Afirmam que as pessoas nunca se comunicaram tanto como tem acontecido atualmente. Porém, essa mesma tecnologia, através do seu mau uso pelos homens, tem servido de meio para a prática da pedofilia, o estímulo ao consumismo exacerbado e, por vezes, com apelo sexual, tem permitido que as pessoas exponham as outras nos meios de comunicação em um momento em que o homem se sente vigiado, sem liberdade. Afirmam também que o despreparo em lidar com as novas mídias pelas pessoas seja um dos provocadores de desemprego. Sobre as relações humanas e a comunicação, para eles, a comunicação foi facilitada, as pessoas tem se falado bastante, mas acabam priorizando os relacionamentos a distância que a interação física, reforçando o que já foi discutido:

potencialização dos laços superficiais. Fazem uma ressalva, de que a tecnologia tem contribuído para a relação entre pessoas, casais e familiares que precisam manter-se distantes.

4.1.2.4 Meio Ambiente

Os problemas concernentes ao meio ambiente estão entre os fatores externos com reflexo na economia. O aquecimento global pode gerar graves consequências em escala mundial, como precipitações, elevação do nível dos oceanos, aumento da ocorrência de catástrofes naturais e desaparecimento de parte da fauna e da flora do planeta (Mouline & Lazrak, 2005). A deterioração dos solos cultiváveis, o desmatamento e a ameaça sobre as reservas de água contribuirão para o empobrecimento das populações rurais (Mouline & Lazrak, 2005). O Millennium Ecosystem Assessment (2005) destaca cenários para o período de 1990 a 2100 que projetam o acréscimo significativo da temperatura superficial de 2°C a 6,4°C; o aumento da incidência de dilúvios e secas e a elevação do nível do mar em até 88 centímetros. Estudos do Greenpace Brasil (2006) mostram que aumentos da população, do consumo e do ritmo de produção elevarão em níveis altíssimos as emissões de gases estufa, o que levaria a modificações drásticas para toda a vida na Terra.

Perante o contexto, é fundamental o envolvimento e percepção do corpo escolar com a temática ambiental. Nesse sentido, emergiu a seguinte subcategoria: Mudanças de atitude frente ao meio ambiente.

4.1.2.4.1 Mudanças de atitude frente ao meio ambiente

Sobre essa temática, questionamos os docentes sobre se há mudanças de atitude face ao meio ambiente quais as mudanças e se elas vêm da parte do estado, das instituições ou dos cidadãos e se os empresários se têm preocupado com o meio ambiente. Eles afirmaram que houve mudança de atitude com relação ao meio ambiente, porém essas mudanças são

advindas de pessoas físicas e não dos que eles veem como grandes poluidores, ou seja, as grandes empresas. Para eles, está existindo certo modismo como diz um desses entrevistados:

Quase parando. Mas a mudança não é tanto de quem destrói (...) a gente sabe que a questão do meio ambiente é uma questão de grandes empresas, de grandes grupos, né? Dos países mais ricos que não estão nem aí para o meio ambiente, eu acredito que já tem uma postura bem pequenininha, quase nada mais que uma preocupaçãozinha (disse C).

Essa preocupação talvez tenha virado moda (...) Eu não acredito que existe uma preocupação ambiental de mobilizar para fazer. Eu acho que isso vai de ponto de vista de benefício em gastar menos, ou estar politicamente correto. Mas essa preocupação aí, é para estar bem perante a sociedade. Agora, a atitude eu creio que ainda não existe. Eu desconheço uma atitude veemente. Coleta de lixo, tem coisa mais absurda? Não tem coleta seletiva, tem o lixão, aproveita e joga tudo lá (disse G).

Mais pessoas estão se mobilizando para ajudar, as coisas estão muito ruins, a gente chegou num nível que a mudança de comportamento é necessário, então você tem uma quantidade maior de pessoas se mobilizando para sensibilizar a população, então se vê mais pessoas preocupadas com o meio ambiente de que antes, não são todas as pessoas que conseguiram mudar de projeção, não conseguiram se conscientizar dessa necessidade. Hoje em dia a gente tem muito mais pessoas se mobilizando (disse F).

Olhe, do estado não é, eu acho que eu elimino, das instituições eu acabaria colocando em segundo lugar, primeiro dos indivíduos, porque o que eu vejo hoje em dia muitas empresas que tem essas responsabilidades ambientais, ela é pressionada pelo indivíduo que teve essa ideia primeiro (disse F).

Durante muito tempo, as interpretações das mudanças foram fundamentadas sobre uma visão do mundo herdada da epistemologia do século XXI, de certo racionalismo científico, o que implicava em um módulo de análise dos fenômenos sociais sob o ângulo das convicções, das particularidades.

Eu acredito que as mudanças do cidadão, elas tem muito mais retorno, que são bem mais plausíveis do que as que vem como campanha [...] eu acredito que a sociedade hoje tem conseguido mais do povo, do que do próprio governo (disse D).

Percebe-se que as mudanças de atitude vistas por eles se concentram nos indivíduos, para eles os grandes países e empresas pouco fazem, porém há grande preocupação já que o meio ambiente tem reagido cada vez mais ao que o homem provocou, com o excesso de consumismo, usando para isso os seus recursos naturais, aos prejuízos emergidos pelas

empresas. Estudo do Greenpeace Brasil (2006) afirma que os recursos naturais se esgotarão se houver a manutenção do atual padrão de consumo e produção e se países como a China, a Índia e o Brasil atingirem crescimento econômico e de consumo semelhantes aos níveis atuais da Europa e dos Estados Unidos.

É cada vez maior o número de países, organizações e indivíduos que buscam direções estratégicas fundamentadas nas questões de proteção do meio ambiente. De acordo com o estudo da OCDE (1999), o uso desordenado dos recursos não renováveis e a extensão da poluição e seus riscos (efeito estufa, resíduos radioativos, acidentes com energia nuclear, gases e petróleo, deterioração da paisagem, poluição atmosférica etc.) devem ser avaliados rigorosamente, para que seja possível evitar efeitos multiplicadores de novos riscos. As atitudes precisam ser vistas, portanto, enquanto sociedade que não está desvinculada e que precisa caminhar junta. Vertendo essa perspectiva para a educação, a necessidade de trabalhar em todas as instâncias a sensibilidade para as questões ambientais, segundo demandas políticas, relação homem-natureza e sustentabilidade permitem a nitidez na identificação da mudança dos atos.

Para os respondentes, o meio ambiente tem sofrido modificações e dentre as causas está o consumismo exacerbado. Eles se dão conta de que tem havido uma mudança pequena no comportamento das pessoas, tem existido uma preocupação, para alguns dos entrevistados, é como se seguissem a moda, mas não percebem mudanças advindas de empresas ou do estado.

4.1.2.5 Informação

A inclusão deste tema é imprescindível, visto que: “Os meios de comunicação e as redes informatizadas são um dos principais motores desta nova sociedade global, indispensáveis para entrelaçar todas as dimensões da sociedade, sua vida econômica, cultural, produtiva, de lazer, etc.” (Santomé, 1998, p. 83). O quarto tema desencadeou três subcategorias: gestão de informações, necessidades do mercado de trabalho e preparação das pessoas.

4.1.2.5.1 Gestão de informações

Questionamos se os entrevistados sentem que temos recebido um fluxo intenso de informações, se temos sido capazes de gerenciar as informações que recebemos no dia a dia e que exemplos de sucesso e de insucesso percebem. Segundo os entrevistados, temos recebido uma torrente de informações e não temos sido capazes de gerenciá-las, assim como também, não temos sido capazes de escolher o que pode ser útil ou não, o que seria plausível para nos atentarmos.

Ao mesmo tempo, eles ressaltam que a mídia tem dado grande ênfase a coisas ruins e que nós temos perdido a sensibilidade diante de tantas desgraças, por já estar sendo corriqueiro. Apontam para a facilidade que temos em descartar as notícias, em torná-las esquecidas ao tempo que outras tantas notícias circulam.

Então, a facilidade com que as notícias circulam faz com que elas sejam descartadas bem rápido e também é, o impacto que a mídia dá, não sei, o impacto, mas a ênfase que a mídia dá às desgraças, as coisas ruins, faz com que as pessoas vejam aquelas coisas com banalidade, como se fosse corriqueira [...] E aí a violência passa a ser algo corriqueiro, então eu acredito que essa mudança na tecnologia, globalização, da rapidez do jeito que as notícias circulam, prejudicam no sentido de você não pertencer a lugar nenhum. E você se liga que o que está na televisão, que está na internet é só um lado da moeda, você se liga porque se habitua a ver esta miséria e você não se situa a nada. Seus valores vão modificando, eles vão passando tão rápido, tanto... se dá ênfase só a essas coisas ruins, as catástrofes, as misérias (disse C).

Verifica-se ainda que os entrevistados percebem que o fluxo intenso de informações que temos recebido, tem provocado angústia e ansiedade nas pessoas.

Mas a gente tem recebido isso, essa montanha de informações que a gente recebe acaba deixando a gente naquela ansiedade, às vezes apressado não dando conta de aprender as coisas direito, porque quando pensa em assimilar algo, já está chegando outras coisas para aprender. É complicado dar conta disso tudo (disse D).

Muitas vezes se usa a informação para manipular as pessoas, para elas concordarem comigo, e me apoiarem a tomar determinadas atitudes. A crítica maior que eu faço é o uso, que você tem da informação. Infelizmente a informação ainda é manipulada pelas pessoas que tem maior poder (disse F).

A preocupação não é aleatória, com o advento das tecnologias e exposição a informações diversas, a sociedade passa a uma posição de subordinação ao que é veiculado. Manuel Castells (2000), após vasto estudo nesta relação sociedade-informação, chega ao termo “sociedade informacional”, indicando, dessa forma, o nível atual de envolvimento entre as partes. Esse contexto gera insegurança, pois um fator primordial diante dessa realidade é o manejo do número exacerbado de informações com as quais se convive.

Enfrenta-se a influência dessas novas ferramentas informativas e de comunicação na própria identidade das pessoas e dos grupos, principalmente dos jovens – geração que vem se socializando e explorando possibilidades das novas tecnologias de informação e comunicação. (Leite & Nunes, in Abramovay, Andrade & Esteves, 2007, p. 204)

4.1.2.5.2 Necessidades do mercado de trabalho

Perguntamos se os inquiridos acham que as empresas têm buscado no mercado de trabalho um perfil de profissionais a pensar no futuro. Eles revelam que sim, que as empresas têm buscado esse profissional bem preparado, que seja especialista e, ao mesmo tempo, que tenha uma visão do todo e que, cada vez mais, esse perfil de profissional tem sido exigido pelo mercado de trabalho, incluindo os dos concursos públicos. Para eles, espera-se que esse profissional saiba se relacionar bem, tenha conhecimento e saiba aplicá-lo. Se irão exigir um profissional preocupado com o meio ambiente, isso decorrerá do interesse particular de cada empresa, mas para a área educacional, sim. Apontam que até mesmo para a sobrevivência e destaque das empresas é necessário esse tipo de profissional preocupado com o futuro.

Hoje as empresas sabem que elas precisam se destacar principalmente nas suas linhas, e também investir em profissionais que são modelo, pois são qualificadas muitas empresas sérias. Estão trabalhando dessa forma, seja empresa pequena, ou grande (disse D).

Hoje, se busca aquele profissional mais bem preparado, que ele tenha uma visão de todas as áreas. Ele tem que ter uma especialidade, tem que ser bom nisso, bom naquilo, tem que ter uma especialidade, mas tem que conhecer tudo. Eu acredito que hoje, pela quantidade de concorrentes, essa qualidade seja muito mais cobrada. Concurso público é fundamental para a gente entender isso, a quantidade de concorrentes que você tem hoje em relação há 20 anos atrás. E dentro dessa quantidade vem a questão da qualidade, a empresa tem buscado isso (disse G).

As empresas de certeza querem profissionais que saibam se relacionar. A preocupação ainda maior é de encontrar profissionais que saibam se relacionar uns com os outros, do que profissionais que saibam se relacionar com o meio ambiente. Escolas sim, além de ter que saber se relacionar também tem que se preocupar com o meio ambiente. Empresa dependendo de qual, tem aquelas que tem o trabalho de responsabilidade ambiental sim e buscam isso dos profissionais (disse F).

Com o advento da globalização, o acesso tornou-se mais ampliado e as pessoas têm, hoje, maior facilidade para buscar conhecimento e constituir valores. Este contexto, sob uma análise panorâmica, poderia apresentar-se como um indicador de melhores oportunidades e, com isso, suscitar uma nova ordem no crescimento da economia que seguisse parâmetros de igualdade em relação às pessoas. O capitalismo social, no entanto, não apresenta uma performance paritária, mas, sim, um “patrimônio genético” (Bloom, 2001) de modelos sociais que se adequam ao progresso circunstancial, às demandas sociais e situação econômica.

De acordo com Karoly e Panis (2004), está surgindo uma proposta de trabalho sob uma perspectiva de maior participação e desempenho por parte das pessoas, o que requer um trabalho mais protagonista na resolução de conflitos, retirando, assim, a visão de liderança apenas representada por gerentes ou pessoas afins. A abordagem proposta pelo trabalho coletivo contribui, nesse sentido, e amplia os norteamentos trabalhistas, passando a um perfil mais flexível e a envolver os indivíduos de forma colaborativa. A atitude de compartilhar perpassa pela troca de informações e abertura quanto à comunicação.

Eu acho que é uma demanda nos dias atuais e a gente percebe que as empresas, sobretudo as maiores praticamente, incluindo de todas as áreas, em que precisam aperfeiçoar, não tem como não pensar nisso e vejo nos programas de televisão, pois gosto e assisto muito (disse B).

A educação e aprimoramento de práticas concernentes aos avanços tecnológicos, cada vez mais rápidos, e o crescimento da concorrência internacional são fundamentais e precisam ser vistos como atividades contínuas. A dinâmica do mercado demonstra a necessidade de um corpo de funcionários que sigam outras perspectivas. As ações precisam, dessa forma, voltar-se a um aparato de conhecimento que possibilite ao trabalhador atuar explorando suas capacidades cognitivas, como abstração, resolução de conflitos, comunicação

e colaboração. Os recursos tecnológicos, nesse contexto, são parceiros desse processo e podem auxiliar na educação, seja em concepções tradicionais ou modernas.

4.1.2.5.3 Preparação das pessoas

Para uma boa gestão das informações, é imprescindível que haja o preparo por parte das pessoas que irão fazer uso disso. Considerando a demanda, os entrevistados foram questionados se estamos preparando as pessoas para responderem a essas necessidades e expressaram que no curso superior acontece uma grande falha, advinda desde o ensino básico, um distanciamento entre teoria e prática. Expressam também que ainda há carências presentes no ensino básico, ou seja, para eles, os estudantes estão adentrando nas Universidades sem os requisitos básicos necessários para esse nível, como o exemplo de não conseguir construir um relatório. É posto que tem existido uma mudança, uma preparação melhor das pessoas para o mercado de trabalho, mas que ainda está aquém do ideal.

Nos cursos de nível superior, eu acho que estamos caminhando mais lentamente, sobretudo em algumas áreas e a área de educação é uma delas (...) quando você avalia o sujeito que sai da faculdade, aí a gente se surpreende e eu vejo que esse problema tá anterior à faculdade porque o garoto que está entrando na faculdade, ainda está entrando sem os elementos, talvez, de que ele já precisasse (...) Esses alunos já deveriam ter entrado na faculdade com conteúdo, pois é esse conteúdo que vai ser trabalhado lá e não ser iniciado lá. Sujeito esse com uma dificuldade de construir e redigir um relatório, então eu acho que a gente tem perdido tempo da Universidade com elementos que deveriam ser adquiridos antes (...) tem que ter oportunidade para relacionar teoria e prática, coisa essa que amarra a gente por tantos anos. Eu acho que a gente ainda vive essas deficiências na formação, a demanda é grande, as empresas estão buscando isso, mas a gente ouve também das empresas como é preciso e como ainda tem uma oferta reduzida (disse B).

Na medida do possível tem se tentado, a gente tenta. É, são passos de formiguinha, cada um parece uma formiguinha, mas alguma coisa está sendo feita. Não na velocidade que a gente queria (disse C).

Sim. Mas ainda é um critério que está aumentando. Ainda não é geral, mas está aumentando cada vez mais, mas ainda não é uma regra (disse E).

Eu vejo que o dia-a-dia, pelo menos como participante da vida escolar, como eu pratico, eu vejo que sim, os professores estão preocupados que seus alunos estão

bem atualizados politicamente, sim, que eles se questionem bastante, que eles quebrem alguns tabus, alguns preconceitos, que eles estejam mais atentos às necessidades dos indivíduos e dos ambientes, sim! Então é um pensamento que os educadores de maneira geral estão modificando; nesse aspecto, sim. – A grande maioria (disse F).

Nós como educadores, é nossa função e nosso objetivo, porque a gente sempre busca estar sempre preparado, usamos tecnologias inovadoras, metodologias onde as pessoas possam cada vez mais objetivar o que queremos. E que as pessoas sejam capacitadas a dar o próximo passo, como educadores (disse D).

Os entrevistados sentem que temos recebido um fluxo intenso de informações, mas que não temos sido capazes de gerenciar essas informações, pelo contrário, isso tem provocado angústia e ansiedade, além de insensibilidade, visto que como assistimos a tantas notícias ruins, isso se tornou corriqueiro, a ponto de não nos surpreendermos mais com o que acontece a nossa volta. Todavia, acreditam que as empresas estão a buscar no mercado de trabalho um perfil de profissional que pense no futuro, um profissional adaptado ou apto a adaptar-se às mudanças e demandas que regem esse novo mundo. Mas revelam que esses profissionais não estão sendo bem preparados, apesar de estar havendo preocupação e mudanças no ensino, sentem que há um distanciamento entre o que se aprende e o que se faz.

4.1.2.6 Mudanças

Este tema foi subdividido em três subcategorias: impactos das mudanças na educação, papel da escola e políticas educativas.

Vivemos em tempos de grandes transformações, radicais e rápidas demais. Como toda mudança gera mudança, no mundo globalizado que pertencemos, tudo isso acaba afetando também a educação. Ao longo dos anos a Educação evoluiu e continua a evoluir. A escola acaba tendo de lidar com as novas demandas nesse mundo de intensas mudanças e as políticas educativas são reavaliadas e modificadas.

4.1.2.6.1 Impactos das mudanças na educação

Questionamos como, diante dos impactos provocados na educação pelas novas tecnologias, as mudanças ocorridas no meio ambiente, a era da informação e a globalização, a escola tem enfrentado essas mudanças.

Os entrevistados apontaram que existe uma carência de professores preparados para abarcarem essas transformações. Há professores que possuem acesso às ferramentas tecnológicas, mas não as usam para realizar seus trabalhos. O educador precisa interagir com seus alunos que fazem uso e levam para a sala de aula tais recursos, como o celular. Fora da sala de aula, através das redes sociais, alunos e professores preparados continuam interagindo. Apontam, também, a mudança do processo seletivo para as Universidades, com o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – fazendo com que o professor redefina a sua prática pedagógica. Mencionam o desapontamento com estudantes que tem acesso à informação e à tecnologia, mas que não fazem uso disso, dessa facilidade de acesso ao conhecimento, porém, também, afirmam se surpreenderem com seus alunos, quando pesquisam de forma mais aprofundada os assuntos e, por vezes, trazem informações que nem mesmo eles, os professores sabiam. As diretoras que foram entrevistadas colocam que precisam constantemente estar capacitando os seus profissionais para essas novas demandas.

Com a chegada de novas propostas educacionais, professores que haviam sido formados sob perspectivas estabelecidas por um modelo ditatorial sentiram uma quebra muito forte no que concebiam sobre o ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por exemplo, precisaram ser reescritos para que houvesse maior compreensão por parte dos educadores. O famoso pedagogo, Paulo Freire, não foi visto como um autor palpável diante da realidade desses professores. Tendo em vista o recente período de ditadura militar, é possível encontrar respostas para essa dificuldade de acompanhamento das mudanças, visto que algo que deixa marcas tão profundas numa nação consegue perdurar, mesmo diante do dinamismo atual.

(...) o primeiro impacto é esse desequilíbrio desse profissional que ainda não recebeu uma formação que abarque tantas mudanças (disse B).

As mudanças propostas por estudiosos como Freire e tantos outros precisam, todavia, ser consideradas e adotadas. Os métodos do século passado não acompanham a dinâmica

atual, pois a demanda é diferente e muito maior. A urgência de uma educação baseada nos preceitos norteadores de uma educação para a vida e a construção de cidadãos é notável. Este ser humano depara-se com uma realidade envolta de competitividade que exige qualificação e acompanhamento dos avanços tecnológicos e científicos. Os currículos, desse modo, precisam estar em consonância com esta realidade, assim como os professores que necessitam abandonar suas vendas e alargar seus olhares para o novo.

Porque você tem na educação o mesmo profissional que você abre uma rede social, ele está na rede social, ele está utilizando algumas ferramentas tecnológicas para acessar materiais, como vídeos etc. e eles não usam uma dessas ferramentas para o seu trabalho de educador, então o que aconteceu? O que faz com que construções hoje interessantes como programas, programas Brasil, TV Escola, você tem alguns ambientes virtuais, simplesmente fantásticos com ofertas incríveis de material que não são bem aproveitados. Às vezes, isso é tudo criação do Ministério da Educação, mas às vezes você não tem a escola pública utilizando, como deveria utilizar, às vezes você tem mais escola particular usando do que escola pública, então onde é que a coisa não está funcionando? (disse B).

Tudo modifica tudo, na verdade as novas tecnologias, elas são muito importantes. Hoje, em sala de aula ela é muito necessária, a gente não pode ignorar. Eu citei milhares de vezes aqui a questão do celular, a questão desses computadores novos. É isso tudo, então que você tem que ter um jeito de utilizar essa tecnologia na sala de aula, então, a internet, entendeu? Do conhecimento, mostrar os pontos positivos, então, tudo que você pode trazer para a sala de aula e pra mostrar que é algo útil e que é você que tem que dominar, a realidade para você. Então, é de grande importância. Então, a tecnologia realmente tem que acompanhar o seu trabalho, interagindo o tempo todo e acompanhar essas mudanças (disse C).

Mais desafios para o educador, para os gestores, quando se pensa em um órgão público na área da tecnologia, os gestores tem que pensar na forma de adquirir os equipamentos para preparar os seus profissionais. A mesma coisa acontece aqui nas particulares, a questão das novas tecnologias elas já são recursos comuns no nosso didático que a gente utiliza, não só o professor leva o recurso para sala de aula, como o aluno também utiliza desses recursos. Isso no ambiente escolar. Tem projetos que a gente constrói usando esses objetivos, porque é a eminência da necessidade de trabalhar partir do futuro que a partir, lógico que a partir do presente usando o futuro (disse D).

Então, a educação está inserida nesse processo, então houve mudança, não só tecnológica dentro da sala de aula, não só informativa, quando um professor se comunica com seu aluno quando ele vai para sua casa, pelos meios como a internet. As preocupações ambientais talvez ainda sejam fatores que queiram dizer que estão preocupados – não estão. E a questão da globalização que faz parte desse processo que é natural, já vem de muito tempo isso, então não é algo assim tão inovador como para uma sala de aula de educação ambiental. A educação mudou e muito, os livros

mudaram, a formação acadêmica tem mudado. O professor que você tem hoje, em sala de aula, se ele não está buscando, ele vai buscar outras áreas para ele conhecer, então a necessidade dele obter aquelas informações está aí. Uma das provas é essa, do governo de começar a abordar questões como no ENEM, que são assuntos múltiplos para atender as necessidades (disse G).

(...) provoca, não da maneira que a gente esperava tanto, que é esse acesso à informação, em sala de aula eu esperava que alunos discutissem mais esses aspectos em sala de aula, já que eles tem acesso a essas informações tanto quanto eu, mais é o paradoxo que a gente vê. Eles tendo possibilidades de acesso a tudo isso, e eles não acessam, então é vantajoso eles terem o acesso? Sim, o uso que eles fazem disso, ainda não é um uso satisfatório para a gente, considerando na sala de aula mais tem alguns alunos que conseguem discutir com a gente no mesmo patamar do professor, eu tive uma aluna que ela chegou para me falar de uma espécie de baleia, professora aquela espécie de baleia tal, ela já foi extinta, eu nunca mais ouvi falar sobre ela. É interessante quando você vê um aluno que utiliza essa tecnologia. Professora eu ouvi falar que existe um tratamento assim, para tal doença você coloca a sua opinião dizendo eu já ouvi falar de uma outra forma, assim mostra que existe o outro lado da estória. Aí você percebe que tem um retorno positivo dos alunos, que é bastante agradável para o professor. Tecnologias sendo usada de maneira erradas, mais quando se é utilizada da maneira correta em sala de aula, tanto em recursos que os professores utilizam em sala de aula, tanto os recursos que o professor tem trabalhar com o aluno, acompanhando aquilo que o professor está comentando (disse F).

4.1.2.6.2. Papel da escola

Perguntamos aos entrevistados como a escola tem enfrentado essas mudanças e se existem políticas para a escola trabalhar valores. Eles disseram que a escola tem enfrentado essas mudanças, dando oportunidade aos seus funcionários que querem aprender, se capacitar. Enfrentam as novas demandas, com seus projetos educacionais em que o aluno precisa ser estimulado a tomar consciência sobre o cuidado que tem que ter com o meio ambiente e com outros valores como o respeito ao outro, em oposição a atitudes que evidenciam o *bullying*. A escola tem trabalhado de forma veemente para a inclusão e tem usado as crianças como meio para reeducar os pais, para um posicionamento ético perante a sociedade, seja ao combate do consumismo, do respeito às leis de trânsito e da mudança de postura frente ao meio ambiente. Sobre o Enem, eles colocam que já existia um cuidado na escola, em não enfatizar a avaliação, mas a aprendizagem, assim estão em processo de revisão das práticas, porém não

de forma radical como tem vivenciado outras escolas que focam (elucidam) o vestibular, o passar no vestibular diante de todo o papel que a escola tem.

Toda teoria pedagógica tem seus fundamentos baseados num sistema filosófico. É a Filosofia que, expressando uma concepção de homem e de mundo, dá sentido à Pedagogia, definindo seus objetivos e determinando os métodos da ação educativa. Nesse sentido, não existe educação neutra. Ao trabalhar na área da educação, é sempre necessário tomar partido, assumir posições. E toda escolha de uma concepção de educação é, fundamentalmente, o reflexo da escolha de uma filosofia de vida. Quando os entrevistados foram indagados sobre essa questão, apresentaram o seguinte posicionamento:

A gente traz o profissional para mais próximo da execução de ações de atividade que por algum tempo ficaram a cargo de alguns técnicos, esses conhecimentos que estão se ampliando e transformando o profissional e o tornando mais independente, tendo mais autonomia para produzir suas matérias, aulas, para produzir materiais de avaliação para enriquecer, mesmo não somente a velha técnica, mas a técnica que vai aparecer mesmo para atingir seus objetivos importantes (disse B).

O evento que a gente tem, é isso a conscientização ambiental, começando de um lixinho jogado no chão até o bullying que estão sendo comentado. Então você percebe que a escola se importa, sim, em manter a saúde do indivíduo, considerando o ambiente e o indivíduo nas relações interpessoais; se preocupando ainda mais com a exclusão. Você percebe que a educação especial é uma realidade bem maior que antigamente, talvez as escolas passem isso querendo que seus alunos tenham mais informações através da tecnologia, exigindo é claro dos professores tudo isso (disse F).

(...) investir na formação do profissional que você acolhe, que você recebe como alguém que tem interesse em crescer, porque não adianta você pensar: “há é assim que a gente acredita num profissional que chega pronto”, mas é bobagem pensar em alguém que está pronto. Então, você tem que pensar em alguém que tenha uma condição mínima realmente para levar as coisas adiante, mas que tenha sobretudo, desejo de aprender, desejo de se aperfeiçoar, desejo de estudar, que seja um curioso, que seja um estudioso, que seja um pesquisador, então esse indivíduo, ele muda rapidamente de perfil quando você investe nele (disse B).

Então, mantemos esses encontros sistemáticos onde estudamos, discutimos entre nós ou com intervenções de profissionais, de pessoas que são importantes para nos ajudar a apenas sobre determinadas questões, esses nossos encontros, estudos, geram a criação e desenvolvimento de ações que vão aparecer nos nossos projetos de trabalho, de aprendizagem (disse B).

(...) se o aluno começa a apresentar determinado comportamento, como desrespeito, esse vai ser chamado a refletir, às vezes sozinho, na coordenação ou a três ele, aquele que foram atingidos e a coordenação funciona como medicação [...]na verdade o objetivo da nossa escola nunca foi avaliação, mais é a aprendizagem baseada na construção. A partir do nosso conteúdo que está baseado na construção (disse D).

Os entrevistados informaram a atenção voltada aos valores e como trabalham isso no dia a dia:

A primeira coisa que eu vejo aqui é o respeito; É uma das escolas que eu vejo que os alunos mais respeitam os professores, então por trabalhar muitos anos aqui com a educação especial, eu tenho aluno que sabe respeitar as diferenças [...] O respeito aqui com o professor, não é baseado no medo, o vínculo de aluno x professor aqui tem um vínculo muito próximo, então ate mesmo na hora de você dar uma bronca, a gente, por exemplo, aqui, a gente chama o aluno e a 1º coisa que o aluno faz quando desrespeita o professor é pedir desculpas, em outras escolas você não vê. Tem uma história muito bonitinha entre um aluno e outro, você brigou com fulano, ofendeu fulano de alguma coisa de que realmente ele não gosta, então nós o incentivamos a esse aluno comprar alguma coisa que o “aluno” gosta muito e vai dar de coração, que seja um livro, um bombom, qualquer coisinha (disse F).

O projeto da escola e os projetos ocorridos no decorrer do ano. Por exemplo, o Implique-se, eu acho fantástico, tem vários outros, mas o Implique-se, eles está mostrando exatamente essa responsabilidade, se você está como cidadão, se você está se questionando, se você está preparando o indivíduo e quando eu estava conversando com uma das coordenadoras, um pequenino mexeu lá nos jogos e deixou tudo desarrumado ai ela vai lá e diz: “Você não encontrou arrumado?”. Então, a gente tem que mostrar, assim, porque que você tem essa natureza, você encontrou tudo arrumado. Ai ela começa a questioná-lo pra ele perceber e dá uma lição na criança. É um trabalho interessante, assim, no dia a dia, dá para conversar, estimular a leitura, a reflexão, acho que tudo isso faz parte dessa política (disse C).

Aqui a questão do valor, como a gente sabe que o nosso trabalho está pautado na educação, que é uma construção feita através de valores, então se o aluno começa a apresentar determinado comportamento, como desrespeito, esse vai ser chamado a refletir, às vezes sozinho, na coordenação ou a três ele, aquele que foram atingido e a coordenação funciona como medicação. Então os valores aqui são pautados no respeito, (o espaço do outro) em todas as áreas toda mudança provoca um impacto. Então o Enem tem mudado a nossa postura? Tem porque temos que fazer agora trabalho não pautado na prova; na verdade o objetivo da nossa escola nunca foi avaliação, mais é a aprendizagem baseada na construção. A partir do nosso conteúdo que está baseado na construção, no Enem já tínhamos essas práticas, só incrementamos, para que ficassem dentro dessas regras que se existe nessa postura, nas mudanças que ocorreram foi mais em função de função de um objetivo maior que a gente já vinha praticando antes. Enquanto escola (disse D).

Os meninos não conseguem viver a adolescência, ser adolescente. Eles nem se sentem mais adolescentes, eles se sentem adultos, pulam bastante etapa e isso é justamente esse processo de mudança (disse C).

As crianças são um instrumento poderoso que eu vejo, se por um lado a escola não consegue muito que a família faça, em algumas áreas a gente consegue mudanças na família a partir da escola, a partir da interferência da criança, de um modo geral, não falando só em relação a Nossa Escola. Acho que as ações de educação a partir da infância, eu acho que provocam mudanças na família e conseqüentemente mudanças na sociedade (disse B).

Dentre as problemáticas que acompanham o novo perfil das crianças e jovens, os entrevistados ainda citam a família como fator muito importante nesse processo de construção de valores. Uma informação imprescindível é o fato de apresentar-se a relação escola-família como um meio de resolução de conflitos.

O “não” era uma palavra de ordem na escola, na família, na sociedade de modo geral. A figura autoritária era muito presente, conseguiu mudar isso com o extremo oposto, um sistema que retirou a figura da autoridade, como professor, pais, conhecimento e essa falta de organização se tornou um caos e o ponto de equilíbrio é o que, a volta da figura da autoridade, mas não aquela autoridade autoritária, mais uma autoridade que dialogue e a volta do olhar para o conhecimento, como mediação que se necessita da coletividade (disse B).

Os posicionamentos respondem, em certo ponto, aos anseios trazidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, visto que procuram mudar estratégias abominadas pelos documentos, devido à carga ditatorial como o uso do termo “não” e a posição repressiva de professores e pais, através de abordagens que visam um trabalho coletivo.

4.1.2.6.3 Políticas educativas

Questionamos aos entrevistados quais impactos essas mudanças tem provocado nas políticas de educação e como estão sendo incrementadas.

É um só que é muito grande. Por exemplo, a gente tem políticas públicas nessa área, se discute muito aqui, a gente tem projetos maravilhosos para a chegada de verbas. O MEC está sempre comentando sobre as novas tecnologias. As escolas particulares, elas trabalham na medida do possível, nessa linha, mas ainda se brinca muito em fazer educação, tem muita coisa na base da teoria, principalmente escola pública. Mas tem escolas que são comprometidas com a questão da educação. Mas

têm outras que, até particulares, finge tratar os meninos, assim, só fazem provas, é, por isso, que o vestibular da Universidade daqui já é um impacto, ainda não é o ideal, mas já é uma mudança, porque você não tem como preparar um menino para acertar uma questão, você vai ser obrigado a pensar e raciocinar em cima da questão. Então, eu acho que isso é um processo de mudança, um bom impacto, mas é como eu digo para você, está bem devagar, quase nada, mas é um começo (disse C).

A educação liga o passado e o futuro, entre os sujeitos e as sociedades e entre o desenvolvimento de competências e a formação de identidades. Por ela chegamos ao caminho pelo qual, as sociedades compartilham o seu legado cultural, em que as gerações edificam e pronunciam os seus momentos históricos; do mesmo modo, torna possível que os sujeitos se apropriem dessa missão e, a partir dela, construam a sua própria identidade que os distinguem em seu trajeto de vida. Por meio da educação, os indivíduos e as sociedades tornam-se capazes de sobreviver, existir e de conviver e ao Estado cabe a atribuição de oferecer possibilidades concretas para que todos tenham acesso a educação, permaneçam e alcancem os melhores resultados em cada contexto.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9394/96 e a Reforma Curricular conferiram uma nova identidade ao Ensino Médio e este passou a ser a educação básica e a sua oferta passou a ser dever do estado. Isto significa que o ensino médio passa a integrar a etapa do processo educacional que a nação considera básica para o exercício da cidadania, base para o acesso às atividades produtivas, para o prosseguimento nos níveis mais elevados e complexos de educação, e para o desenvolvimento pessoal, referido à sua interação com a sociedade e sua plena inserção nela e desenvolvendo o educando para a cidadania e para o mundo do trabalho. Esta vinculação é orgânica e deve alcançar toda a prática escolar. E assim, a lei estabelece uma perspectiva para este nível de ensino que integra, numa mesma e única modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos.

Outra modificação que houve no currículo do ensino médio foi a divisão do conhecimento em áreas, já que houve o entendimento de que os conhecimentos estão cada vez mais imbricados aos conhecedores seja no campo técnico-científico, seja no âmbito do cotidiano da vida social. As três áreas são: Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas tem como base a reunião daqueles conhecimentos que

compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade.

Para concretização das competências e habilidades que se pretende objetivar, ao longo do Ensino Médio, a área deve envolver, de forma combinada, o desenvolvimento de conhecimentos práticos e contextualizados, que respondam às necessidades da vida contemporânea. Garantir o desenvolvimento de competências e habilidades básicas comuns a todos os brasileiros é uma garantia de democratização. A definição destas competências e habilidades servirá de parâmetro para a avaliação da educação básica em nível nacional.

Quando a LDB destaca as diretrizes curriculares específicas do ensino médio, ela se preocupa em apontar para um planejamento e desenvolvimento do currículo de forma orgânica, superando a organização por disciplinas estanques e revigorando a integração e articulação dos conhecimentos num processo permanente de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Essa proposta de organicidade está contida no Art.36.

Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas no currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica, que depois também deixou de existir. As contribuições dessas duas disciplinas são preparar veemente o homem para ser um cidadão do mundo, a Filosofia que propicia a significação dos processos culturais e históricos e estimula o homem a pensar e interpretar e a Sociologia que se trata de orientar o currículo no sentido de contribuir para que o aluno desenvolva sua autonomia intelectual, de forma a ser capaz de confrontar diferentes interpretações e construir sua própria versão do mundo.

As considerações gerais sobre legislação indicam a necessidade de construir novas alternativas de organização curricular comprometidas, de um lado, com o novo significado do trabalho no contexto da globalização e, do outro, com o sujeito ativo que se apropriará desses conhecimentos para aprimorar-se, como tal, no mundo do trabalho e na prática social. O fato desses parâmetros terem sido organizados em cada uma das áreas por disciplinas potenciais não significa que estas são obrigatórias ou mesmo recomendadas. O que é obrigatório pela

LDB ou pela Resolução nº 03/98, são os conhecimentos que estas disciplinas recortam e as competências e habilidades a eles referidos e mencionados nos citados documentos.

Então você tem a lei contra o bullying, prevenindo-o, já é uma maneira de você melhorar essas relações interpessoais. A gente tem os PCN, que são os parâmetros curriculares nacionais, que desde o começo, ele fala dessa relação interpessoal com o meio, então o governo está se preocupando com isso até na forma de avaliar, a gente adotando o Enem, essa nova exigência do mercado, que são os profissionais, tem o conhecimento dessas áreas, responsabilidade social, ambiental, até leis contra bullying, é a forma que o governo está tendo de investir em tudo isso que a gente está esperando, que são consequências boas da globalização, acesso a informação que a gente tem, e do respeito que pode vir de tudo isso. Então a estratégia que eu vejo que o governo está utilizando são essas, mudanças na forma de avaliação e a criação de leis específicas (disse F).

É possível ver as modificações da educação nesse novo contexto tendo por base os objetivos dos PCN que são um guia curricular organizado por disciplinas e por ciclos, e com eles, os alunos devem adquirir o conhecimento relevante e socialmente necessário. Além das questões urgentes a serem tratadas: a violência, a saúde, o uso de recursos naturais e os preconceitos. Dentre os temas transversais: a ética, a saúde, o meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural.

Essas novas competências são as exigidas pelo Enem – Exame Nacional de Ensino Médio, criado pelo MEC, em 1998, tem por objetivo avaliar os alunos de escolas particulares e públicas do Ensino Médio. Os dados tanto servem para avaliar o desempenho pessoal como para repensarem e definirem políticas públicas educacionais e diferente dos modelos que temos de avaliação, onde se reforça a valorização da memória e dos conteúdos em si, no Enem, valoriza-se a formação pautada no aprender a fazer e no aprender a conhecer, aprendizagens necessárias a essa nova ordem mundial.

Renovam-se, periodicamente, no mundo, os métodos pedagógicos, em razão da conquista do conhecimento nas suas diferentes áreas. Nos últimos anos, a valiosa contribuição da psicologia infantil abriu espaços para o mais profundo e claro entendimento em torno das possibilidades de aprendizagem da criança, ensejando novas técnicas para a educação. A analogia com a prática pedagógica se mostra quando propõe que a educação se preocupe em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais que serão, para cada indivíduo, os pilares do

conhecimento: aprender a conhecer (indica o interesse, a abertura para conhecimento que verdadeiramente liberta da ignorância); aprender a fazer (mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar, mesmo na busca de acertar); aprender a conviver (apresenta o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento); aprender a ser (visto, talvez, como o mais importante, por explicitar aí o papel do cidadão e o objetivo de viver).

Diante do que foi expressado pelos docentes, eles são conscientes de que, com a globalização, aconteceram diversas mudanças na sociedade – mistura de culturas, surgimento de novas tecnologias, consumismo exacerbado, o que torna um dos provocadores da degradação do meio ambiente, excesso de informações. Em contraste com tudo isso que acontece, eles sentem que o homem não está preparado para lidar com esse aparato de transformações, havendo aumento de desemprego, de desigualdade social, participação intensa das pessoas nas redes sociais, inverso às relações familiares que, assim como as da rede, são superficiais, frágeis e instáveis. Revelam que tem acontecido mudanças de postura frente ao meio ambiente só que em pequenas proporções e não são advindas das empresas ou do Estado. As pessoas não têm sido capazes de gerenciar as informações que recebem e nem ao menos usá-las a favor. Para os entrevistados, as políticas educativas estão sendo modificadas, tem havido uma preocupação advinda da educação e mudanças no preparo do cidadão para o mundo, porém eles acreditam que ainda está aquém do que seja necessário acontecer e para atender ao mercado de trabalho.

4.2 Segunda entrevista: da percepção à prática

Partindo da análise que a primeira entrevista possibilitou, é levantada outra questão: se os educadores afirmam ter conhecimento das mudanças que o mundo tem passado e das demandas que isso suscita, que práticas eles têm adotado para responder às novas demandas? Elas têm presentes os pilares da educação, tidos como fundamentais para a educação na atual conjuntura?

Para responder a essas interrogações, recorreremos neste segundo momento da pesquisa a uma nova entrevista. As questões, agora, fundamentam-se nos quatro pilares da educação propostos pela Unesco. O objetivo é verificar se esses atores educacionais vivem, nas suas práticas diárias na escola, em conformidade com as mudanças que eles dizem ter percebido, confirmadas através das respostas apresentadas na primeira etapa da pesquisa. Em um intervalo de oito dias e seguindo a disponibilidades dos entrevistados, realizamos a segunda entrevista na qual questionamos os entrevistados sobre as suas práticas, para saber se a escola incrementa os quatro saberes da educação propostos pela Unesco.

Com o processo de globalização que o mundo tem vivido, envolvendo-o no sentido político e geográfico, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem se mobilizado em relação a um novo perfil de educação. As agências da ONU têm promovido espaços de discussão e aprovado documentos favoráveis às mudanças dessa nova era. Desse trabalho, são definidas orientações para os diversos níveis de ensino. Elas propõem uma modernização no sistema de ensino e reforçam que a educação básica é fundamental para suprir necessidades básicas de aprendizagem, que se referem desde a instrumentos voltados ao letramento linguístico e matemático até ao desenvolvimento de fatores básicos à aprendizagem – conhecimentos, habilidades, valores e atitudes.

As incompatibilidades do ensino tradicional, cerrado aos muros das escolas, com o nascente desenvolvimento tecnológico, as exigências de um novo trabalhador, flexível, atento às mudanças de seu tempo, às dificuldades de alcance da educação a todos que dela necessitavam fizeram com que o ensino fosse reestruturado. Dessa forma, as atenções de todo o mundo se voltam para a educação básica que atenderia a todos, utilizando, entre outros meios, a tecnologia que permitia a educação fora do espaço escolar.

O relatório para a Unesco da Comissão Internacional de Educação para o século XXI é um documento que aponta discussões e orientações para a educação na busca do desenvolvimento dos países, a paz e a superação de problemas gerados num mundo que se desenvolve de maneira rápida e a proporções gigantescas. Dentre esses problemas, destacam-se a pobreza, os conflitos étnicos, raciais e religiosos, a devastação ambiental e a tecnologização do trabalho. Evidencia-se aqui o raciocínio de Octávio Ianni sobre as

contradições da produção e reprodução ampliada do capital globalizado nos seguintes aspectos:

Na essência da racionalidade do capitalismo, como modo de produção material e espiritual, como processo civilizatório, encontra-se sua irracionalidade, a sua negatividade, o seu absurdo. Pode-se falar em capital e trabalho, pobre e rico, centro e periferia, industrializado e subdesenvolvido, dominante e dependente, mas também se pode falar em produção e consumo, emprego e desemprego, afluência e pauperismo, integração e fragmentação, massificação e solidão. (Ianni, 1999, p. 65)

Assim, nessa segunda etapa, buscou-se investigar com esses mesmos professores se a escola em que atuam está ou não próxima do programa de uma educação para o futuro proposto pela Unesco. Se a escola está também a mudar-se para responder às mudanças. As perguntas orientaram-se pelos quatro pilares da educação, propostos no quadro teórico: Pilar Conhecer, Pilar Fazer, Pilar Ser e Pilar Conviver.

4.2.1 Processo de elaboração da entrevista

Para a elaboração do roteiro desta entrevista, os objetivos estabelecidos foram:

- Analisar se na escola utilizam os fundamentos da dimensão conhecer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela Unesco, em sua prática escolar;
- Analisar se na escola utilizam os fundamentos da dimensão aprender a fazer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela Unesco, em sua prática escolar;
- Analisar se na escola utilizam os fundamentos da dimensão aprender a conviver dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela Unesco, em sua prática escolar;
- Analisar se na escola utilizam os fundamentos da dimensão aprender a ser dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela Unesco, em sua prática escolar.

Assim como na primeira entrevista, a estratégia adotada para organização do roteiro (Anexo III) foi a divisão dos temas a serem estudados por blocos. Os cinco blocos, A, B, C, D e E, compreendem as seguintes temáticas, respectivamente: pessoal; Pilar Conhecer; Pilar Fazer; Pilar Ser; Pilar Conviver. Para cada um deles, foram formuladas questões específicas.

Com o roteiro organizado e os devidos norteamentos estabelecidos, foi possível realizar a entrevista a cada um dos entrevistados que foram abordados com as mesmas questões. Seguem abaixo as falas já analisadas.

4.2.2 Aplicação dos Pilares da Educação: análise das falas correspondentes à segunda entrevista

A análise das falas centralizou-se nos indicadores de práticas adotadas na escola para saber se estão ou não próximas do programa de uma educação para o futuro proposto pela UNESCO.

4.2.2.1 Pilar Conhecer

Quanto a este primeiro pilar, foram formuladas nove questões a cada um dos entrevistados, tendo em conta as orientações que regem o Pilar Conhecer. Foram elas:

- Que critérios utiliza para tomar decisões sobre o que ensinar hoje?
- Acha que a Educação deve estar orientada para preparar o cidadão para o mercado de trabalho ou para o seu desenvolvimento como pessoa?
- Que estratégias usa para promover a aprendizagem?
- Promove a tomada de consciência do aluno sobre seus próprios processos cognitivos?
- Estimula nos alunos o interesse em aprender ao longo da vida? Como?
- Desperta nos alunos a vontade de aprofundar os assuntos? Exemplifique.
- Relaciona os conteúdos com a experiência do estudante e de outros personagens do contexto social, ou seja, contextualiza o conteúdo?
- É adepto de um ensino mais generalista ou virado para a especialização? Por quê?

- Acha que é necessário fornecer aos alunos os próprios instrumentos de construção do conhecimento? Como fazer?

Procurou-se saber por meio das interrogativas quais critérios os entrevistados utilizam para tomar decisões sobre o que ensinar hoje. Eles colocam que tudo é feito diante um planejamento, do cronograma, e buscam nisso a parte mais contextualizada, ou seja, aquilo que tem de maior importância no dia a dia. Esse planejamento é construído pelo que determina o Ministério da Educação (MEC), o que é determinado de currículo mínimo e os demais conteúdos são definidos pela direção, professores e coordenadores, sobre o que está sendo vivenciado, temáticas da atualidade. No ensino médio, o conteúdo é o exigido pelos vestibulares principalmente.

Eu sempre escolho a parte mais contextualizada do conteúdo, por exemplo: digamos que estejamos estudando atmosfera, eu já vou para o efeito estufa, para a importância da camada da atmosfera, para a vida na terra, eu uso questões de contextualização, corpo humano, o que me interessa é que o aluno aprenda e conheça a saúde e o funcionamento do corpo. Então, a seleção é de acordo com aquilo que tenha importância no dia-a-dia, o bom é que se pode escolher, quando não pode se trabalhar todo o conteúdo, mas hoje em dia a gente prioriza a contextualização (disse F).

Esse conteúdo estava previsto que eu fosse trabalhar com a turma do 2º ano, radioatividade, no final do ano. Foi o 1º que eu trabalhei, eu adiantei para aproveitar a ocasião que era todos os dias em jornais, estavam comentando um problema que estava na região devido a radioatividade. Então, eu fiz uma adequação, eu vejo a necessidade daquele tema que vai gerar aquele conteúdo (disse G).

Seguir o cronograma básico e fazer com que os alunos assimilem o melhor daquilo que vai ser dado. É o critério que eu costumo usar (disse D).

Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Questionamos se os entrevistados acham que a Educação deve estar orientada para preparar o cidadão para o mercado de trabalho ou para o seu desenvolvimento como pessoa. Eles responderam que acreditam que a educação deve estar orientada para o desenvolvimento do ser humano como pessoa e para preparar o cidadão para o mercado de trabalho, que é preciso trabalhar os princípios básicos da educação, como os valores morais. Para eles, trabalhar o desenvolvimento humano é também preparar para o mercado de trabalho, para a vida.

Para os dois, eu acho que a gente, o desenvolvimento em 1º lugar, mas não podemos fugir da preparação do aluno para aumentar a área de trabalho, preparando ele para uma exigência que são muito específicas (disse F).

Sabe que o que mais me perturba no momento, é você colocar essas duas coisas em contradição, ou é isso, ou aquilo (disse A).

O aluno tem que ser preparado sim para o mercado de trabalho que está cada vez mais competitivo, cada vez mais cobrando, exigindo mais do cidadão. Então, nós como profissionais conhecedores desse mercado que está mudando todos os dias, devemos preparar o nosso aluno também para esse mercado. Então, uma coisa não deve ser dissociada de outra, mas na minha concepção, primeiro pessoa, primeiro cidadão, primeiro valores morais (disse D).

Eu acredito que muitos valores que a gente trabalha em sala de aula, ou até mesmo alguns conteúdos químicos e por aí vai, ele tem um suporte básico pra que ele entenda aquilo como uma pessoa, um cidadão, e venha levar aquilo pra sua sociedade para seu trabalho futuro, para o mercado de trabalho (disse G).

Desenvolvimento dele como pessoa, a escola trabalha exatamente com isso, o desenvolvimento do aluno como pessoa, claro que nesse processo, se trabalha para o mercado de trabalho, a gente não consegue desassociar das coisas. Nós damos a informação necessária para que ele possa vencer nas atribuições, no que vai chegar para ele e também orientamos como pessoa (disse C).

O professor deve se voltar muito para a educação, para os princípios básicos da educação, como valores morais, então ele não pode estar voltado ao conteúdo dele e observar um aluno xingando, fazendo bullying com o outro e achar que não, isso aí é entre eles, não tem nada a ver comigo (disse E).

Mas eu acho que quando o indivíduo se prepara também para a vida, aproveitando a educação também pra isso, é o caminho mais viável, porque termina é, enfrentando os obstáculos no dia a dia e diante mão conseguindo também os seus objetivos no mercado de trabalho (disse D).

Perguntamos quais as estratégias que eles utilizam para a aprendizagem e eles responderam que o conhecimento precisa ter sentido para o educando, ter esse aspecto funcional. Para isso acontecer, é preciso haver interação, participação e diálogo.

Colocaram que as aulas são expositivas dialogadas, são feitas leituras, interpretação de textos, contextualização das situações. Debates, entrevistas, visitas a determinados lugares, como em ambientes naturais, também ocorrem. Discutem conteúdo de jornais, revistas, vídeos e filmes. Para o ensino médio, ainda mostram e trabalham conteúdos de provas e concursos de outras instituições. Fazem o uso de textos, seminários, estratégias que o próprio livro didático propõe, buscam relacionar o conteúdo com o cotidiano. Ou seja, estimulam o desenvolvimento da competência de interpretar e representar a realidade que é propiciado pelas atividades lógico/racionais que mobilizam esquemas mentais como análise crítica, comparação, classificação, argumentação, tomada de decisões e classificação de prioridades e relevâncias. Os alunos são provocados a observar, comparar, argumentar, questionar, organizar, posicionar-se e estabelecer correlações. Desse modo, contribuem para formar cidadãos críticos e reflexivos. Estimulam a realização de experiências de aprendizagem que exigem maior complexidade e elaboração, tais como crítica ou julgamento de princípios ou teorias, com os júris que organizam, análise e produção de novos conhecimentos. Antes de expor os assuntos, provocam a atenção para o conteúdo. O professor de química, por exemplo, faz muito o uso de *quizzes* (jogos) e episódio da série *Senzai* para análise, além de experimentos preparados pelos próprios alunos.

A primeira coisa que eu procuro é aprender a relacionar meu conteúdo com o cotidiano, porque o cotidiano é literatura [...] não posso falar do século XII sem tentar relacionar com o século XXI e que o homem do século XXI mudou em relação ao homem do século XII, mas que ainda há uma relação, seja sentimento, o amor, aquilo que era retratado no século XII como sentimento, como expressão do sentimento, não é diferente como retratado no século XXI (disse E).

É primeiro chamar a atenção do aluno para o conteúdo que eu quero alcançar, né? Que eu quero passar pra eles (...) eu sempre trabalho a partir de textos, né? Então, é, determinados conteúdos que é dado em sala de aula, eu costumo saber se foi assimilado pelo aluno, a partir da produção do que foi colocado por ele [...] Outra metodologia que eu costumo utilizar são seminários, a partir do tema que é, que funciona como texto temático de uma unidade. Os alunos, no período de culminância, no final do bimestre, agente apresenta uma feira cultural ou uma produção de recital, ou uma produção de material de cordel, ou um teatro, ou

mesmo um seminário, então isso fazendo com todo o conteúdo que agente trabalhou durante o bimestre, com estratégias que o próprio livro ele traz (disse D).

Dessa forma, a partir dessas estratégias utilizadas, eles respondem a outro questionamento feito, referente à tomada de consciência do aluno sobre os seus próprios processos cognitivos, já que essas estratégias contribuem para isso. Com a elaboração dessas atividades, o aluno pode perceber, pode se dar conta da sua aprendizagem. Eles sempre estão questionando se os alunos aprenderam, o que aprenderam, como compreenderam. Além disso, eles afirmam que até mesmo a forma de avaliação da escola instiga a isso. Acrescentam todas as atividades que são realizadas e que são apoiadas pelo corpo pedagógico da escola, além da avaliação, ou seja, a prova típica, existe a que o aluno precisa se autoavaliar, chama-se autoavaliação justificada. Nesta, inclui comportamento, comprometimento com o seu desempenho, o que tem dificultado a aprendizagem dele e ele ainda traça as próprias metas para a melhoria do seu desempenho. Com essa atitude, o aluno vai se dando conta, também, do que tem facilidade para aprender e o que tem maior dificuldade. Um ponto destacado por eles, é que por se tratar de turmas pequenas, isso facilita para que eles, os professores, possam acompanhar o desenvolvimento dos seus alunos e sempre que necessário, buscar ajuda de outros profissionais ao processo de ensino-aprendizagem.

Então, a avaliação é de forma diferenciada. A gente tem aqui outras atividades, claro que o modelo que a gente vive na educação no nosso país, ele zela para que numa prova, tenha o valor maior, mas aqui a gente tem uma série de atividades, o diferencial dessa escola para uma outra que eu trabalhei é a liberdade de você poder fazer isso (disse G).

Tanto a escola tem esse costume, por exemplo, a cada unidade, depois da avaliação, ele vai preencher uma ficha de avaliação, o que ele acha do comportamento dele em sala de aula, se ele fez as atividades em sala de aula, se cumpriu com os prazos, o que ele acha do desempenho dele, o que ele pode fazer para melhorar (disse F).

A metacognição corresponde ao “conhecimento sobre o conhecimento e o saber”, de acordo com Nickerson, Perkins e Smith (1994). Eles falam sobre conhecer as capacidades e limitações do processo de pensamento humano que é uma autoavaliação em que o aprendiz procura trabalhar sua percepção para novos saberes e busca administrar isso. Essa atividade favorece o desenvolvimento cognitivo. Sobre a metacognição, aborda-se um importante fator

que é o ato de refletir sobre a aprendizagem, o que seria uma atitude de aperceber-se no exercício do conhecimento.

Procuramos saber se os entrevistados estimulam nos alunos o interesse em aprender ao longo da vida e eles afirmam que sim. Colocaram que, através do diálogo, buscam fazê-los entender da necessidade de estudar sempre e que o conhecimento vive em processo de mudança. Assim, evocam o quão é preciso aprender sempre. Dialogam também com os alunos o quanto é bom aprender, mesmo com o esforço necessário, reforçam exemplificando o quanto eles ficam felizes com as novas descobertas que fazem e que isso deve ser sempre lembrado.

Esse tem sido o maior objetivo (...) isso deve ser estimulado (disse E).

A gente está sempre chamando para uma compreensão mais profunda das coisas e sempre dizendo, como é bom aprender (...) tentar ajudar a criança a superar o esforço, dizer a ela que o esforço faz parte, viver não é só alegria, dizemos a ela que quando ela alcança algo, a gente também se realiza (disse A).

Na minha área, fica muito mais fácil, porque é ciências, assim, eu trabalho com informações que em um ano é uma coisa e em outro são outras (...) Há necessidade da gente aprender sempre por que as coisas estão sempre mudando (disse F).

Então, quando desperta pra ele algo no dia-a-dia dele, que ele consegue daquela forma, isso acontece constantemente, acaba um investigador natural, talvez aquilo ali seja um ponto de partida pra ele continuar o resto da vida (disse G).

O processo de aprendizagem nunca está acabado e pode enriquecer-se com qualquer experiência. Neste sentido, liga-se cada vez mais à experiência do trabalho, à medida que este se torna menos rotineiro. O sucesso da educação primária será possível se for trabalhada de maneira a despertarem nas pessoas o interesse por continuarem a aprender ao longo da vida, no trabalho, mas também fora dele. A aprendizagem de forma continuada é vista como um desafio propício para o perfil adotado pela economia do conhecimento. G. Mulgan (2001) informa que por volta de 80% das tecnologias caem em desuso no intervalo de dez anos e que a mesma percentagem da população têm conhecimentos que foram adquiridos há mais de dez anos. Esses dados reforçam a necessidade da atualização constante e de autoaprendizagem.

“No futuro, serão exigidas, como requisitos de seleção, competências cognitivas como: (i) trabalho em equipe; (ii)

colaboração e apoio interpessoal; (iii) gestão de conflito; (iv) intuição. Com a tendência de automação das tarefas rotineiras em praticamente todas as esferas organizacionais, as competências interpessoais e a inteligência emocional adquirirão mais importância e relevância no mercado de trabalho. Para um grande número de trabalhadores, esse fato tornou-se um problema essencial, o que levanta indagações quanto à capacidade dos sistemas educativos de fomentar tais aptidões sociais” (Goleman, 1995; Cooper; Sawaf, 1997; Goleman, 1999; Mulgan, 2001).

Indagamos se os entrevistados despertam nos alunos a vontade de se aprofundar nos assuntos e eles expuseram que já existe um projeto na escola chamado “Desafio”, que desperta nos alunos a vontade de se aprofundarem nos assuntos a partir de um problema que os professores colocam e que para os alunos responderem eles precisam pesquisar mais sobre os assuntos abordados em sala de aula. Com a estratégia dos debates em sala, isso provoca nos alunos uma inquietação que o fazem pesquisar mais, eles acabam levando novos livros para sala de aula, fazem questionamentos, que por vezes amplia o tempo destinado ao conteúdo. Com os seminários apresentados pelos alunos, os professores dizem que algumas vezes eles se aprofundam tanto nos assuntos que acabam concluindo antes do planejado. Os professores passam muitas atividades para casa, em que precisam se aprofundar nos assuntos e estimulam para que isso seja feito com os pais, já pensando em estreitar esse relacionamento e estimular a comunicação entre eles.

Aqui, na Escola, é de prática sempre deixarmos algo para despertar o interesse do aluno, nós chamamos de desafio, então, é de praxe de todas as matérias, o desafio pra desencadear no aluno o interesse de correr atrás, de resolver aquele desafio e conhecer mais, e vai buscando mais conhecimento (disse E).

Eu também passo muitas coisas pra que eles façam em casa. Eu passo por que às vezes o pai está o dia todo fora, aí passamos essas atividades mais na sexta feira, para que no final de semana eles conversem com a família (disse G).

Porém, fazem uma ressalva, apesar de ser necessário esse incentivo, no ensino médio, fica difícil alcançar esse propósito sempre, por conta dos vestibulares e de todas as demandas que os alunos já têm em todas as matérias.

Nem sempre, o objetivo maior deve ser sempre esse, o despertar do aluno, o interesse do aluno em buscar cada vez mais. Agente não consegue sempre isso, quando a gente fica muito voltado para o vestibular. O vestibular tem conteúdo

difícil para ser trabalhado, então dentro daquele contexto você tem que trabalhar esse conteúdo. O aluno por sua vez tem 11 matérias e ele tem que saber lidar com todas elas, ele não pode desprezar nenhuma. Então, dizer que sempre eu vou conseguir fazer com que meu aluno desperte um interesse pra se aprofundar naquilo, eu estaria sendo demagogo (disse E).

Quando perguntados se relacionam os conteúdos com a experiência do estudante e de outros personagens do contexto social, eles afirmaram que sim, que contextualizam o conteúdo, que trabalham em rede com outras matérias, outros conteúdos e há uma demanda maior dessa contextualização já praticada por eles, devido ao Enem. Lamentam ainda por não haver contribuição dos pais para essa prática.

(...) nossos alunos estão pobres de sentido, então os pais dão qualquer coisa ao filho menos um livro, não leva o filho a um teatro, não leva o filho para ouvir uma boa música, mas o filho vai a um showzinho, sem querer discriminar ninguém, mas só anda nesses shows que toda semana estão por ali na cidade, mas um livro, um filme interessante, que o pai deveria assistir com o filho não ocorre (disse D).

Eu procuro fazer, eu procuro levar meu aluno ao cinema, nós estamos com um filme nacional baseado numa obra de Jorge Amado, chamado “Capitães de Areia”, que eu já idealizo há um tempo essa obra, que eu li com eles há pouco tempo e que quando vi o filme eu disse: “Êpa”! Vamos todos ao cinema (disse D).

O nosso objetivo é o Enem e como esse é um objetivo, a gente tem que fazer com que o aluno perceba que o que está sendo dado em sala de aula é o que está acontecendo no dia a dia. Seja através da mídia, de textos, de palestras. Em tempos de eleição mesmo, a gente convida políticos de partidos diferentes para que eles venham fazer palestras para que os alunos percebam a importância daquele momento, a questão da cidadania. Tudo isso a gente consegue fazer com que realmente esteja concentrado no seu dia-a-dia (disse E).

Com certeza, é a minha prática, tem que contextualizar, até para ficar interessante para eles. E, hoje em dia, eles estão tendo essas experiências através da internet. Com essa ferramenta, eles vão me dando dicas, como usar determinado tipo de material, eles dão muitas dicas. Então, trocamos experiências (disse C).

(...) eu trago os filmes pra eles, eu trago os filmes pra sala de aula, pra que a gente possa discutir, fazer a discussão. Então, relacionar aquele filme com a proposta do autor, relacionar aquele filme com o cotidiano, relacionar aquele filme até mesmo com, o que é que há de valores da sétima arte (disse E).

Indagamos se os entrevistados são mais adeptos de um ensino mais generalizado do que voltado para a especialização. Alguns responderam que há necessidade desses dois polos

a depender da demanda, do contexto e outros entrevistados responderam que são mais adeptos ao ensino generalizado.

Eu acho que o ensino deve ser sempre mais geral, mais abrangente, que o mundo está caindo mais com a especificidade [...] O meu planejamento me dá liberdade de eu ousar um pouco mais, de me soltar um pouco mais, desde que aqueles conteúdos básicos sejam também trabalhados (disse E).

Contudo, como o conhecimento é múltiplo e evolui infinitamente, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo e, depois do ensino básico, a monodisciplinaridade é um engodo. A especialização, porém, mesmo para futuros pesquisadores, não deve excluir a cultura geral. É de fundamental importância que haja no indivíduo a capacidade de visualizar os fatos sob um olhar panorâmico e focal. Conhecimentos culturais diversificados propiciam a aprendizagem de fatores importantes para especificidades, como é o caso da aquisição de línguas estrangeiras que possibilitam melhor e maior comunicação. Um indivíduo, porém, não conseguirá ter conhecimento de tudo. É preciso selecionar o que lhe cabe e buscar uma cultura geral.

Procuramos saber se eles acham que é necessário fornecer aos alunos os próprios instrumentos de construção do conhecimento e eles expuseram que já é uma prática da escola. Essa prática provoca nos alunos a habilidade de pesquisar e o prazer da descoberta. Os experimentos em química, por exemplo, são planejados e executados principalmente pelos alunos. Outro exemplo é o estudo dirigido, em que os professores solicitam aos alunos que façam o estudo antes do assunto ser ministrado e eles já chegam à aula discutindo o assunto e trazendo novas informações, o que reforça mais uma vez a busca dos alunos pelo aprofundamento do conteúdo. Os professores ainda disseram que indicam caminhos, tais como a biblioteca, sites para as pesquisas, outros.

É uma proposta já antiga, é uma proposta que a gente já trabalhava, já buscava isso, que o aluno deveria a partir dos seus conhecimentos, evidentemente buscar seus mecanismos do aprendizado e conhecimento (disse E).

Com certeza, é muito importante você começar a dar aula com uma palavra chave; relacionada ao assunto, e a partir daquela palavra, eles dão significado, eu escrevo trevas, e pergunto o que vocês pensaram quando ouviram essa palavra? A partir daí eu inicio o assunto. E vamos trabalhando assim, e eles revisando o que sabem. Tudo que estiver no cotidiano deles, eu puxo para a sala de aula (disse C).

Tem as estratégias que eu uso que aqui na escola a gente usa que são os estudos dirigidos, por exemplo, no capítulo do livro tem uma referência de perguntas para seguir, às vezes peço para eles fazerem o estudo antes de eu dar o assunto. Outra forma, peço que leiam o livro, em outra peça para que pesquisem o tema, especificamente é o que a gente faz. É uma forma de ele adquirir o conhecimento antes de chegar em sala de aula e às vezes eles já vem discutindo, ah mas eu não li isso, o que eu li foi isso, isso e isso. No início, eu ficava muito surpresa, hoje perguntam coisas e quando eu não sei digo que vou pesquisar. Agora para mim é mais fácil lidar com isso (disse F).

Oferecer para eles os próprios instrumentos de construção de conhecimento, eu acho assim que quando a gente oferece, eles acabam tendo que encontrar as respostas. Oferecer os instrumentos [...] Nós como educadores temos esse papel, isso a gente faz, damos o caminho, vai numa biblioteca, ou nesse site, quando a gente faz essa abordagem. São os instrumentos que a gente mostra, mas são eles que vão buscar (disse D).

Sim, olhe eu vou dar um exemplo pra você se fica claro. O 1º ano daqui no nosso colégio, trabalha isso da seguinte forma, eu deixei que eles trouxessem todas as sextas-feiras uma atividade prática, a 2 meses atrás eu trazia minha prática, eu elaborava. Isso porque está dentro do meu programa, aí eu mudei, a partir de agora vou fazer o seguinte: vocês vão buscar uma prática, do livro e vão fazer aqui em sala de aula, não pegue algo absurdo que você não consiga montar, não consiga obter, então vocês vão montar uma prática. Professor essa substância não encontro, então vá ver no laboratório, se não estiver, procure em outro lugar, porque em algum lugar vai ter isso aí [...] Eu acredito que isso tenha rendido tanto porque eu acho a prática legal em casa que tem a ver com o assunto, não acho interessante aqui. Então, a prática é um instrumento do aprendizado deles, ele está tendo a liberdade de montar aquela aula pra ele mesmo. Aí tem uma situação, como a turma do 1º ano, é uma turma entre 15 e 16 anos ou até 17 anos, É uma turma muito jovem, alguns são imaturos, eles veem com a prática bonita, fazem de forma espetacular, mais não sabem a explicação científica, aí fica a atividade pra procurar na próxima aula, não precisa refazer e sim explicar. Os primeiros tiveram essas dificuldades os mais recentes, eles já vinham com a explicação, já pegaram a ideia que era pra trazer a explicação e apresentar a prática. Então, tivemos um simulado agora há pouco, e eu coloquei uma questão no simulado de acordo com o que eles apresentaram. Então é uma forma deles produzirem isso pra o próprio conhecimento (disse G).

Claro. Porque se você não fornece esses instrumentos, que vem da fórmula da palavra, em como é que o sujeito compreende isso. Como é dentro do laboratório, como é que pensa determinadas coisas. Agora eu falo de funcionamento, e se alguém criou algo, se é útil para isso, se traz uma certa satisfação (disse A).

Considera-se a aprendizagem que objetiva não apenas a decodificação de saberes, mas principalmente o manejo dos instrumentos do conhecimento como uma finalidade da

vida humana. É importante que esse indivíduo compreenda o espaço em que está inserido para que, dessa forma, possa viver de forma mais digna, desenvolvendo sua capacidade de profissionalismo e comunicação.

O constante exercício da aprendizagem para o conhecimento – aprender a aprender – estimula a memória, o pensamento e a atenção. A dinâmica vivenciada pela sociedade nesse mundo moderno requer um processamento de informações veiculadas sob uma lógica diferente. É preciso saber pensar para melhor administrar o número imensurável de dados constantemente recebidos. A autonomia do aprendiz, com criticidade e criatividade, acarreta bons resultados para a formação deste cidadão crítico e protagonista no meio a que pertence. A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois, dentro de suas ações educacionais, muito lhe cabe. Ela precisa estar sintonizada com a realidade e as demandas desse mundo. Promover atividades que visem estimular o aluno a desenvolver o hábito de conhecedor – ser aprendente – é seguir estratégias que englobem o planejamento coletivo entre os educadores, fornecendo instrumentos e instruções favoráveis ao manejo de situações que esse sujeito encontrará durante toda a vida.

As falas dos profissionais da educação indicam que a instituição está preocupada em desenvolver suas atividades pensando nesse público. Através de projetos ou ações pontuais, eles buscam estimular os seus alunos à pesquisa e autoavaliação, intercalando conhecimentos gerais e específicos. Estimulam os alunos a dominarem profundamente um grande número de assuntos e provocam a abertura e interesse pelo conhecimento. Trabalham com a interpretação e representação da realidade e o desenvolvimento de conhecimentos cognitivos como: análise crítica, reflexão, comparação. Os respondentes colocaram que planejam sobre o que ensinar hoje, diante do que é estabelecido pelo MEC, seguem as demandas dos vestibulares (para o ensino médio) e do momento. Eles acreditam que a educação deve preparar o cidadão para a vida, ou seja, desenvolvimento dele como pessoa e para o mercado de trabalho. Utilizam em suas aulas participativas, jogos, filmes, visitas, experimentos, júris, debates, dentre alternativas que proporcionam a aprendizagem e a autoaprendizagem. Estimulam a tomada de consciência dos alunos sobre os seus próprios processos cognitivos, bem como o interesse em aprender ao longo da vida. Despertam, nos alunos, o interesse de pesquisar, ou seja, de aprofundar os assuntos, mas fazem a ressalva de que com o vestibular e a sobrecarga já existente de assuntos abordados, nem sempre é possível isso ao ensino médio.

Buscam, em suas práticas pedagógicas, contextualizar o conteúdo. São adeptos do ensino generalista, pois para eles, há necessidade do conhecimento abrangente e por as pessoas hoje estarem tão voltadas à especialização. Para eles, é necessário fornecer aos alunos os próprios instrumentos de construção do conhecimento.

4.2.2.2 Pilar Fazer

Aprender a conhecer e aprender a fazer possuem um vínculo muito forte. Este segundo, no entanto, está mais ligado à formação profissional. Nesse sentido, uma incógnita é trazida: como possibilitar, através do ensino, que o aluno ponha em prática os seus conhecimentos e como propiciar que a educação se adapte ao trabalho futuro, ao passo que a sua evolução não é previsível?

Os entrevistados foram indagados sobre essa questão, através das seguintes perguntas:

- Como os alunos concretizam a aprendizagem? Há espaços para vivências? Existem laboratórios na escola?
- Os alunos são encorajados à ação?
- Estimula a capacidade empreendedora? De que forma?
- Quais as reações dos professores frente às intervenções e contribuições dos alunos no processo de aprendizagem?
- Promove espaços para discussões e partilha de experiências? Como ocorre?
- Faz relação entre o que se aprende e o que se faz?
- Os alunos são estimulados a interpretar e a selecionar, na torrente de informações que recebem, quais são essenciais ou não?

Foi investigado se na escola há espaços para vivências, se existem laboratórios na escola, enfim, como os alunos concretizam a aprendizagem e se os alunos são encorajados à ação.

Os entrevistados afirmaram que há espaço para vivências, já que na escola há auditório, existem laboratórios e uso desses espaços. Disseram que os alunos concretizam a aprendizagem com experimentos. A partir destes, fazem relatórios, com a produção de textos, com a realização de projetos, desde o planejamento à sua execução, fazem atividades denominadas como solução de problemas e realizam seminários. Sobre a feira de ciências, até a 5ª série, os projetos são feitos pelos professores e pelos alunos, a partir daí, a participação dos professores se restringe à supervisão. Esses projetos, voltados para a feira de ciências e afins, são estruturados com a fundamentação teórica, a pesquisa de campo, enfim, são completos. Afirmaram que encorajam os alunos à ação, inclusive para a tomada de decisões, para interpretar e modificarem o meio.

O que a gente busca é vivenciar mesmo, se deslumbrar diante daquilo que está aprendendo, si inquietar com isso e isso pode acontecer de várias formas, laboratório, excursão, cinema, diálogo, desafios, essa atenção mais mobilizada, essa vontade de interferir, dizer, não é dessa forma, por que eu compreendo de outra forma (disse A).

Toda a aprendizagem aqui é uma culminância, então a gente pode fechar o bimestre com um seminário, com um recital, com uma produção, com uma exposição de materiais confeccionados por eles, seja um sarau, uma filmagem. (disse E)

Sim, as duas coisas no caso da matéria história, fazemos visitas a museus, pesquisas, textos, memórias, visitar cidades, observar arquitetura de cada lugar. A escola dá todo apoio (disse C).

Aqui nós temos processos que o aluno tem que desenvolver, então o aluno tem que agir aqui. Nós temos, que eu acho muito legal e a escola disponibiliza, que outras escolas não disponibilizam, espaço e tempo desde que você se coordene pra que o aluno possa ministrar o seu trabalho, apresentar o seu trabalho, é o que chamam no jardim comum de seminário, isso é muito produtivo (disse E).

A ação que mais temos na sala de aula, pelo pouco tempo que temos, é mais interpretando o meio. Determinados fenômenos que acontecem. É o que digo para eles, que precisam usar o conhecimento e uma das formas é a interpretação do meio (disse F).

Procuramos saber se os entrevistados estimulam a capacidade empreendedora nos alunos, não limitada apenas à criação de empresas, nos alunos e eles responderam que sim, inclusive no desenvolvimento de projetos. Mencionaram que mesmo as festas juninas, são organizadas pelos alunos, os menores se responsabilizam pela parte cultural e os maiores

desenvolvem todo o projeto. Encorajam os alunos a correrem riscos, a errarem com o propósito de acertarem, a criarem coisas novas.

Ter iniciativa é do empreendedor, ter coragem, arriscar, são valores que eu sei que a gente admira muito, você até falou de valores, então, esse equilíbrio entre coragem e prudência, às vezes ser menos prudente e mais corajoso, arriscar ou errar, agora eu posso arriscar. Mas a gente sim, a gente tem muitas atividades nesse sentido, deles tomarem iniciativa, façam e vamos vendo no que vai dar. Se errar agente também está aqui. [...] como é feito o nosso São João, os menores se identificam com a parte da dança, a retomar essa parte cultural e se apresentar. Os maiores, eles produzem as festas, as barraquinhas, são eles que produzem, a arrumação, a pesquisa para ver como será feita, como se arruma. Apesar de parecer estar no automático, há a possibilidade de criar coisas (disse A).

Nós tivemos há uns dois anos, uma parceria com o SEBRAE, passaram mais ou menos um semestre aqui, tendo curso de empreendedorismo. [...] Era um trabalho desde o planejamento do produto, até o produto final. Toda a escola do 1º ao 9º ano, eles passaram por essa experiência (disse E).

Errar, cair, levantar, faz parte de tudo o que a gente faz na vida. Quando você fala em arriscar, você fala do empreendedor. Viver é arriscado como dizia Guimarães Rosa. O erro dentro da escola, ele precisa ser tratado de outra forma, teve uma época que uma mãe chegou e disse para mim, vocês não corrigem nada de caneta vermelha não é? Porque a caneta vermelha está relacionada com a questão do erro, no erro sempre tinha uma conotação assim, de que é uma forma de desencorajar você, para continuar. Então é uma forma de sempre trazer o homem acreditado nele mesmo. O homem cresce a partir das suas possibilidades e com a clareza dos seus limites, tentando superar os seus limites (disse A).

Na educação, o trabalho com o empreendedorismo pressupõe uma prática que busque construir conhecimento e desenvolver competências no aluno, colaborando, assim, para um desempenho maior no seu cotidiano. O mercado de trabalho está cada vez mais transitório, incerto e as transformações são constantes, assim como os imprevistos. Ele exige um profissional apto às adversidades, capaz de lidar com qualquer tipo de situação, superando-as e transformando dificuldades em desafios propícios ao sucesso.

Questionamos quais as reações deles frente às intervenções e contribuições dos alunos no processo de aprendizagem e eles responderam que a interação entre eles é muito boa e necessária. O aluno não pode mais ser aquele depósito em que o professor vai encher de informações. Então, eles colocam que apreciam e estimulam as intervenções e contribuições dos alunos. Outros mencionam também, que existe um projeto na escola chamado Pesquisa

Espontânea, em que os alunos são estimulados a fazerem pesquisa e a prepararem o material para apresentarem em sala. Esse processo é livre, ou seja, não obrigatório, mas há participação efetiva dos alunos.

Aqui a gente procura ser o mais democrático possível. A gente tem também um projeto que é pesquisa espontânea, então sobre o assunto que estou dando, o aluno tem todo o direito de pesquisar espontaneamente e preparar o material e traz para a gente para apresentar e ele é compensado com décimos. É outra leitura de que o aluno pode adquirir conhecimentos sem ser definido pelo professor e a gente termina fazendo essa troca. Na ficha avaliativa tem avaliação semestral das atividades de criatividade, é a participação, dúvidas tiradas, as intervenções, então isso é visto com bons olhos (disse D).

Procuramos saber se os professores promovem espaços para discussões e partilha de experiências e todos eles afirmaram positivamente, o tempo todo e em todas as aulas. Como já foi dito, as aulas são sempre participativas. Existe uma prática na escola, chamada de relaxamento, no início de cada aula, voltada ao compartilhamento das experiências dos alunos.

A gente faz em um momento, antes da aula que a gente chama de relaxamento, são 5 minutos de mobilização, antes de iniciar o conteúdo. É o momento que a gente vai colher as experiências dos alunos, e avaliamos a utilidade disso, enquanto eu estiver dando os outros minutos de aula. Buscamos fazer isso em todas as aulas, é um bate papo, o que pode ser simbólico, o que pode ser vivenciado. Ouvimos os relatos, as experiências. Isso acontece no ensino médio também (disse D).

Foi questionado, também, se os entrevistados fazem relação entre o que se aprende e o que se faz e todos afirmaram que sim, sempre.

Você tem que estar sempre interagindo, estimulando a memória deles. História trabalha com memória, é uma informação atrás da outra, então resgata assuntos antigos como atuais (disse C).

Principalmente no 8º ano, quando damos o corpo humano. Aí você vê tudo o que deve fazer com o corpo e que não fazemos. Eu alerto a eles quanto à saúde. Ano passado teve a crise do H1N1 e eu dizia a eles que é um absurdo, já que a causa principal é a falta de higiene (disse F).

Interpelamos os entrevistados se os alunos são estimulados a interpretar e a selecionarem, na torrente de informações que recebem, quais são essenciais ou não. Alguns responderam que isso ocorre desde quando pequenos na escola, com as histórias contadas, que

ao mesmo tempo em que eles ouvem, se discute e se faz o discernimento. Outros falaram que estimulam os alunos a interpretarem e a verificarem a veracidade das informações. Como algumas pesquisas são realizadas nos laboratórios de informática da própria escola, junto com os alunos, os professores instruem os alunos a como pesquisarem, enfim, a identificarem o que é importante. Aproveitam também para fazer com que os alunos tomem consciência de que não pode fazer pesquisa copiando e colando o que encontram na internet. Professores expuseram que ao iniciar a exposição de um assunto, colocam o esquema no quadro ou resumo, sendo uma forma também de direcionar o aluno a aquilo que é mais importante.

Esse momento de filtragem é feito justamente quando a gente vai fazer na prática. O que foi dado que é mais importante. A gente faz esquema e quando a gente vai iniciar a gente põe no quadro o resumo do que a gente vai dar (disse E).

Os entrevistados exprimiram que os alunos concretizam a aprendizagem realizando experimentos, fazendo pesquisas, construindo peças de teatro, planejando e executando projetos. Na escola, existem espaços para a vivência, como auditório, laboratório de informática e laboratório de biologia, física e matemática e os alunos são encorajados à ação, seja com pesquisas livres, seja com o que é planejado pelo professor. Estimulam a capacidade empreendedora, além de oferecerem curso de empreendedorismo. Os professores reagem frente às intervenções dos alunos de forma entusiasmada, aproveitam as contribuições quando percebem que é para acrescentar. Promovem espaços para discussões e partilha de experiências constantemente, por as aulas serem sempre participativas, isso é facilitado, ou quando ocorrem as apresentações de trabalhos ou de pesquisas feitas pelos alunos que como mencionadas, os alunos fazem quando é exigido e por conta própria também. Fazem relação entre o que se aprende e o que se faz. Os alunos são estimulados a interpretarem e a selecionarem, na torrente de informações que recebem, quais são essenciais ou não.

4.2.2.3 Pilar Ser

O Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação (1972) já apresentava a preocupação quanto às proporções que os avanços tecnológicos poderiam tomar, com o risco, inclusive, de desumanizar as pessoas. A forma radical com que

o consumismo e a publicidade têm imperado, alimentando conformismo nos comportamentos das pessoas e ludibriando-as quanto às reais necessidades, justificam a atenção dada ao Pilar Ser. Para analisar as ações da escola no que se refere ao Pilar Ser, foi necessário abordar os entrevistados com as questões abaixo:

- O aluno é estimulado a desenvolver as suas potencialidades? Como?
- Estimulam o comprometimento, o realizar com qualidade?
- Estimulam a responsabilidade pessoal? E a autonomia?
- Propiciam o desenvolvimento de atitudes orientadas para valores éticos universais? Quais merecem a vossa atenção?
- Há preocupação de ensinar o aluno a lidar com a complexidade do seu ser? Como o fazem?
- Incentivam o desenvolvimento da capacidade de autoconhecimento, da autocrítica e da avaliação quanto às próprias competências?
- Estimulam a criatividade? De que modo?
- Como lidam com a espontaneidade?
- Estimulam a sensibilidade?

Algo que vem sendo salientado nas discussões sobre educação é que ela deve colaborar para todo o desenvolvimento do indivíduo, seja espiritual, físico, inteligível, sensitivo, estético e qualquer outra abrangência. A educação ofertada na juventude possui um papel primordial, nesse sentido, pois os primeiros passos desse ser cidadão, político, profissional são dados na educação básica. Com ela, o jovem aprende a elaborar pensamentos autônomos e críticos e a construir seu próprio juízo de valor e tomando suas próprias decisões.

Perguntamos se os alunos são estimulados a desenvolver as suas potencialidades e como o fazem. Os entrevistados responderam que estimulam sim e dentre as formas existem a feira de ciências, feira de livros, apresentações teatrais, projetos que fazem para realizarem os seminários, que podem ser com uma filmagem, uma reportagem de determinada época. Os maiores apresentam aos menores e buscamos conscientizá-los sobre a importância da

produção deles. Eles acrescentam que trabalham as fragilidades dos alunos, ou seja, as suas carências de habilidades, como exposto na fala que segue:

Tem muitos alunos que são bons no falar, é melhor falar do que escrever, mas aí eu estimulo a interpretar, a escrever: “se vocês vão apresentar um texto, eu peço a parte escrita”. A questão da timidez, eu digo que não precisa falar muito, fale aos pouquinhos, vá lá à frente que eu lhe ajudo, ou apresente daí mesmo seu texto (disse C).

Aprender a ser significa voltar-se ao desenvolvimento integral do sujeito e inserir diversos aspectos da personalidade, desde a riqueza e complexidade dos processos intelectivos e estilos cognitivos, até aos modos de comportamento e criatividade baseados em valores, ideais e metas de vida, pessoais e profissionais. A ideia que alguém faz de si é refletida da formação de descrições, inferências, juízos e sentimentos que demonstram sobre os outros e sobre ela. O incentivo à autoestima é, nesse sentido, um fator fundamental para que o indivíduo tome iniciativas, apresente novas alternativas e posicione-se como uma liderança, protagonizando as situações.

Procuramos saber se estimulam a responsabilidade pessoal e a autonomia. Eles deram a resposta que sim. Buscam provocar a consciência de ter responsabilidade pessoal e cobram a mudança de atitude, como exemplificam as falas abaixo:

Responsabilidade pessoal, sim, e cada coisa que a gente vai comentando, existe intervenção, mudança de atitude. Ah, eu vi uma coisa no meu bairro, não está certa. A gente já viu sobre isso que não pode, então tome atitude. Cobramos isso, essa mudança de atitude e em ciências isso é muito mais fácil (disse F).

A gente procura chamar a atenção ao máximo para aquilo que compete a ele. Do mesmo jeito que o professor prepara a aula, o conteúdo que será dado, ele também tem condições de preparar o conteúdo e trazer para a gente o material que foi pesquisado (disse E).

Interrogamos se os entrevistados estimulam o comprometimento, o realizar com qualidade. Eles responderam que na escola isso também é uma prática. Na escola há curso de oratória, o que facilita no desempenho deles para a apresentação dos trabalhos. Os trabalhos que são destinados aos alunos. Se eles não executam no tempo planejado, eles perdem pontuação. Os professores acompanham o planejamento desses trabalhos e quando percebem que o aluno vai apresentar um material sem qualidade, eles solicitam que seja providenciado

outro. As correções das produções de texto, tanto ocorrem no âmbito gramatical, de coerência e coesão, quanto em termos de formatação – os textos devem seguir as normas científicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Eu acredito que uma das coisas importantes do sistema não é encher de conteúdo, é ter um conteúdo interligado, não adianta o cara saber uma fórmula de física ou uma equação química, decorar, se ele não sabe aplicar, se ele não tem uma ideia real como funciona, então pra mim quantidade de conteúdo não é interessante, mas sim a qualidade e a prática (disse G).

Foi perguntado na entrevista se eles propiciam aos alunos o desenvolvimento de atitudes orientadas para valores éticos universais e quais deles destacariam. Eles afirmaram que sim e dentre os valores colocados por eles, os que predominaram foram a cidadania, obediência a regras, o valor da família, respeito, respeito ao meio ambiente, respeito a outras culturas e a saberes diferentes, respeito ao ponto de vista de cada um. Alguns, inclusive, fizeram uma ressalva e disseram que apontam também, o respeito ao ponto de vista científico. Falaram ainda, da ética, do coleguismo e sobre uma prática deles que é a do trabalho de monitoria, onde os alunos são os próprios monitores dos colegas com dificuldades, reforçando o compromisso e a responsabilidade para com os outros. Para isso, o monitor precisa estudar mais, se preparar mais e ter paciência. A cidadania foi o tema da escola do ano de 2011.

A gente falou da questão do respeito. A gente trabalha bastante sobre o meio ambiente, da cidadania, o compromisso com as outras pessoas. A cidadania é o tema da escola desse ano. A gente trabalha com isso em sala de aula, eu tenho essa preocupação de trazer para os alunos a responsabilidade que ele tem em relação aos outros e aí entra a questão do respeito. Sabendo que tem saberes e culturas diferentes e a gente precisa respeitar (disse F).

Respeito. O professor tem que dar atenção àquele que está jogando papelzinho, que está bagunçando. A educação é muito mais do que o conteúdo, cabe ao professor mostrar ao aluno que àquela atitude não está correta, que se ele joga o papel na sala de aula, amanhã ele joga na rua (disse D).

O desenvolvimento de atitudes pautadas na ética universal, assim como realização espiritual, um olhar voltado à justiça, paz e harmonia comum são requisitos que a educação precisa abraçar nas suas práticas.

Pedimos para os entrevistados esclarecerem se há preocupação de ensinar o aluno a lidar com a complexidade do seu ser e como o fazem. Alguns responderam afirmando que um

dos exemplos é quando, na divisão das equipes de trabalho, os alunos são orientados a não formarem grupos apenas com os que eles consideram como mais competentes ou mais amigos. Quando não o fazem por iniciativa própria, eles, os professores, interferem. Trabalham em sala o respeito às diferenças, às preferências, as limitações dos outros e buscam atentá-los a momentos delicados em que os colegas podem estar passando por problemas de família. Mas esclarecem que não é um trabalho fácil de ser praticado.

É difícil, pela sociedade em que vivemos, em que a sociedade é muito mais caracterizada pelo ter muito mais que pelo ser (disse E).

Perguntamos se os entrevistados incentivam o desenvolvimento da capacidade de autoconhecimento, da autocrítica e da avaliação quanto às próprias competências e eles afirmaram que sim. Eles retomaram o que foi colocado por eles quando perguntados se promovem a tomada de consciência dos alunos sobre os seus próprios processos cognitivos e eles mencionam a avaliação feita pelos próprios alunos, provocando a autoanálise, a autocrítica, isso principalmente no ensino médio. Destacam mais uma vez que isso é facilitado por terem turmas pequenas, por poderem acompanhar de forma mais próxima os seus alunos. E os debates e discussões em sala também contribuem a isso.

A discussão é super proveitosa e eles percebem que o papel da educação é deles também. Aqui nessa escola a gente percebe que o aluno é mais consciente, de que ele tem que correr atrás (disse D).

Interrogamos se eles estimulam a criatividade e de que modo. Eles responderam que sim, e que isso é fomentado por sempre haver trabalhos e outras atividades produzidas pelos alunos, em especial, a partir dos trabalhos como a feira de ciências, as peças de teatro os trabalhos de rua, que são feitos por eles. Eles, os professores, solicitam as atividades e ainda que seja o mesmo tema, veem atividades diferentes.

Eu acredito que a gente começa a discutir, a pensar em alguma coisa. Eu viajo, às vezes, fazendo atividades, então eu acredito que estimula, até porque eles buscam na internet uma prática, uma informação. Começam a se sentirem instigados a fazer aquilo. E eu acredito que o mais importante aí, não é somente o momento, na sala de aula, é depois dela. Eles irão fazer o que em casa? Buscar algo para dar continuidade à aula? Ou só preso à televisão, à rede social, então a coisa não funcionou (disse G).

No dinamismo que o mundo moderno apresenta, com suas inovações sociais e econômicas, a imaginação e a criatividade precisam ser considerados como fatores relevantes na educação, pois a inovação é uma das demandas dessa nova era. Na escola, manifestações artísticas deveriam receber um destaque maior que o recebido atualmente. Ao desenvolver a imaginação e a criatividade, seria interessante revalorizar a cultura local e os conhecimentos retirados da experiência da criança ou do adulto.

Sobre a espontaneidade, como eles lidam, eles expõe que são orientados pela escola a observarem e tratarem com discernimento, se essa espontaneidade é com a intenção de prejudicar a aula, caso contrário, para os professores é sempre proveitosa a espontaneidade e buscam aproveitá-la na aula.

Eu estimulo muito a eles serem espontâneos. Eu quero que se estabeleça uma comunicação agradável. Isso é muito importante, porque se não for assim não funciona (disse C).

Para a gente, a espontaneidade é lucro, então quando o aluno consegue ser espontâneo e autêntico, então isso é bom. Isso é estimulado como uma característica de crescimento para o aluno e aí a gente aproveita para que essa espontaneidade seja colocada a favor (disse E).

Procuramos saber se os entrevistados estimulam a sensibilidade. Alguns disseram que sim, que assim o fazem, dialogando, tentando conscientizar os alunos. Outros expuseram que a sensibilidade é estimulada nos relacionamentos, quando, por exemplo, um aluno machuca o outro, eles são estimulados a repensarem a atitude que tiveram. Eles colocam que já existe uma prática na escola que quando algum aluno faz algo que desagrada o outro e ele percebe que errou, ele tenta providenciar um presente como forma de expressar o seu arrependimento, seja uma flor, uma bala, um chocolate, algo simbólico, mas esclarecem aos alunos que o presente não deve ser interpretado como uma “compra”, e sim como o exposto, demonstração de arrependimento mesmo. Outra maneira utilizada são as atividades culturais, textos lidos, apresentações assistidas ou executadas por eles, vídeos que os professores selecionam para usarem em sala, para trabalhar valores. Percebem que os trabalhos facilitam para que os alunos sejam estimulados à sensibilidade.

Toda a escola, da diretoria à coordenação e professores, tem que se mobilizar e procurar artifícios para poderem romper com esses pré-conceitos que existem não

só na escola, mas na sociedade em geral. Passamos vídeos estimulando o amor e o respeito ao próximo, independente de raça, cor, classe social (disse C).

Quando a gente fala do meio ambiente, de diferentes pessoas, culturas. Essa percepção que a gente tem que ter com o meio (disse F).

No meu caso, uma pessoa que trabalha com arte, não tem como não trabalhar com a sensibilidade. Não tem como mostrar o artista, o poeta, sem lidar com a sensibilidade para compreender essas obras e mesmo com o momento do materialismo e do consumismo é preciso trabalhar com a sensibilidade (disse D).

Eu acredito que sim, eu penso assim, quando ele trabalha em grupo, um vai pra casa do outro, aí pesquisam ali, eles tem uma amizade tão grande, brincam, conversam, isso gera uma preocupação mútua, você acaba percebendo quando o outro não está bem e a turma se une pra ajudar um colega (disse G).

O desenvolvimento da dimensão ser envolve todas as atividades que tenham significado para o sujeito, que lhe despertam atenção, envolvendo seus sentimentos e emoções. Nessa dimensão, incluem-se as atitudes e as percepções que o indivíduo tem sobre si mesmo e sobre os outros e sua capacidade de conviver em seus vários ambientes: familiar, profissional e social.

Os inquiridos responderam que os alunos são estimulados a desenvolver as suas potencialidades e estimulam o comprometimento, o realizar com qualidade. Afirmam que estimulam a responsabilidade pessoal e a autonomia e isto é bem percebido pela realização dos trabalhos e pesquisas que são frequentes. Expressaram que propiciam o desenvolvimento de atitudes orientadas para valores éticos universais, como a cidadania, obediência a regras, o valor da família, respeito, respeito ao meio ambiente, respeito a outras culturas e a saberes diferentes, respeito ao ponto de vista de cada um e o respeito ao ponto de vista científico. Se preocupam em ensinar o aluno a lidar com a complexidade do seu ser. Incentivam o desenvolvimento da capacidade de autoconhecimento, da autocrítica e da avaliação quanto às próprias competências e para isso a forma de avaliação da escola contribui bastante a isso. Estimulam a criatividade. Lidam com a espontaneidade dos alunos, aproveitando a participação deles e contribuição e quando julgam tratar-se de algo que irá apenas atrapalhar, eles buscam controlar. Estimulam a sensibilidade dos alunos.

4.2.2.4 Pilar Conviver

Em sociedade, é indispensável que os indivíduos consigam se relacionar. Sendo o humano, um ser social que dificilmente consegue sobreviver isoladamente, saber estabelecer relações torna-se uma questão de vida ou de morte. Assim, não é por acaso que a convivência apresenta-se como um dos pilares educacionais. Este pilar propõe trabalhar conceitos de interdependência e inter-relacionamento entre os seres. Está relacionado com o aprofundamento de conhecimentos sobre o elo das questões ecológicas, sociais, políticas, profissionais, mercadológicas, de comunicação, culturais, afetivas, que ilustram a interdependência entre os seres vivos, entre si e o seu ambiente. Para analisar como esse fator relevante na formação das pessoas é considerado e trabalhado na escola, algumas questões foram formuladas:

- O que a escola faz para promover a boa convivência? Que valores são trabalhados para isto?
- Preparam o aluno para lidar com a diversidade cultural? De qual modo?
- Estimulam a tolerância e o respeito pelas diferenças?
- Como lidam com os alunos silenciosos ou mais lentos?
- Estimulam a cooperação, as parcerias e o compartilhamento de descobertas?
- Promovem trabalhos em equipe? Com que frequência?
- Acha que os alunos vivem de preconceitos? Por exemplo? Como os combatem?
- Como lidam com os conflitos em sala de aula?
- Promovem a liderança e responsabilidades partilhadas?
- Como a escola lida com casos de rivalidade?
- Estimulam mais a competição ou a cooperação?

Educar as pessoas sob esse parâmetro é considerado um desafio para a educação. Atualmente, a violência tem sido mais que um empecilho para o progresso da humanidade. A história mostra uma série de conflitos que acompanharam o percurso humano, porém fatores novos representam um risco mais acentuado como a capacidade de autodestruição que foi, durante o século XX, se potencializando. A opinião pública, por meio da comunicação social, torna-se observadora impotente e mesmo a mercê dos que desenvolvem ou mantêm os

conflitos. Até então, a educação mostrou-se pouco ativa na transformação desta situação real. Será, então, possível intervir diante desse fato gigantesco?

Pedimos esclarecimentos aos entrevistados sobre o que a escola faz para promover a boa convivência e que valores são trabalhados para isso. Os entrevistados afirmam que na escola há uma liberdade e interação entre diretores, coordenadores, professores e alunos e que isso facilita para que todos tenham uma boa convivência e que propiciam o desenvolvimento de atitudes e valores como a flexibilidade, coerência, tolerância, colaboração, prestatividade, interação, compartilhamento, imparcialidade, solidariedade e honestidade. A escola exige sala limpa, arrumada, uso de farda. Para a escola, o aluno que faz algo de errado, precisa pedir desculpas e a depender do caso deverá pedir a família também. Estimulam o respeito ao outro, ao modo de ser do outro, independente de como ele seja, de suas características, cultura e opções. Para haver o respeito mútuo, frisam com os alunos, que eles precisam se conhecer e os grupos de estudo contribuem muito a isso.

Os projetos, os estímulos à cidadania, as leituras, todas as vivências possíveis que se vive no dia-a-dia. Tudo é conversado, isso é muito importante, um pedido de desculpas, respeitar o funcionário, limpar o que suja. Essas atitudes que a escola toma no dia a dia é de suma importância. Chamar os pais e conversar sobre o comportamento do filho, com a presença do filho e ele mesmo falando sobre o que se anda passando (disse C).

A começar pela educação inclusiva, educação especial, então, desde cedo trabalhamos com esses alunos na aceitação dessas diferenças. Mas sem preconceito, pois não é tratando o outro de forma diferente, não é assim que a gente faz (disse F).

Quando ela, a escola, deixa livre para que o professor possa fazer o seu trabalho, como eu faço dessa forma, é uma forma que ela encontra de trazer um equilíbrio, para você não se sentir inferior e ter que estar sendo submetido a alguém que está naquela posição, e ter que fazer como aquela pessoa que está coordenando. Então, ela tem a liberdade de você ter a interação entre coordenação, direção, professor, aluno, sem ter um ponto no centro. Então, ela trabalha essa questão da liberdade, então isso é bom porque evita que um professor prejudique um aluno por ele ter o contato com direção e coordenação (disse F).

Eu trabalho muito a questão de você não fraudar, você buscar um recurso lícito pra você ficar bem, porque aquilo ali não vai provar nada (disse G).

É compreendendo os outros que melhor nos compreendemos. Arelado a isso, a construção da identidade é favorecida por essas leituras, pois a relação com o outro permite a

construção de conceitos, princípios, perfis. A descoberta da multiplicidade destas relações direciona a busca de valores comuns, que funcionem como fundamento da “solidariedade intelectual e moral da humanidade”, abordado no documento constitutivo da Unesco.

Perguntamos se eles preparam o aluno para lidar com a diversidade cultural e de que modo. Eles reafirmam que sim, já que foi algo já apontado por eles em outras questões. Para isso, discutem o tema em sala, levam para a escola a vivência de outras culturas ou levam os alunos para conhecerem outras culturas. Alguns colocaram que como recebem alunos de outros países, a escola chama as famílias dos alunos para contarem, compartilharem a sua cultura. Chamam a atenção dos alunos de que não há uma cultura melhor do que a outra e que elas são diferentes. Reforçam a necessidade de valorizar a própria cultura também.

A gente começa a trabalhar aqui com a diversidade cultural, desde pequeninhos, com o respeito, com a valorização da cultura, desde o que é nosso, digamos, o que eu tenho como cultura na minha comunidade, trabalhamos muitas culturas. Já tivemos aqui, folclore em todos os sentidos, trouxemos o folclore aqui para a escola, seja afro, seja de origem francesa ou portuguesa, como em visitas a quilombolas. Valorizamos muito isso (disse E).

Sempre percebemos a necessidade de desenvolver ações que possibilitassem a construção de uma identidade cultural a partir da exposição e da valorização das raízes de cada um, saber mais do outro, conhecer o outro, a outra pessoa, o outro povo, o outro lugar – é o que nos ajuda no nosso próprio delineamento. O programa de contação de histórias e de leitura, sempre foi uma fonte de estratégia para estabelecermos o contato dos alunos com as outras culturas, com outras gerações (disse B).

A gente valoriza muito todo o conteúdo que diz respeito à cultura local. Esse lugar onde agente instalou a Escola, mas agente não ignora que as crianças estão no mundo, que as escolas estão no mundo, que estão em contato com esse mundo todo, como agente recentemente trouxe mais essas ações propostas daqui de Sergipe, em Laranjeiras, agente trouxe aqui na Escola, ao mesmo tempo que agente faz isso, a gente trás a cultura. A gente tem um aluno Holandês, a gente conversa com essa família e traz o conhecimento através de manifestações, para fazer esse diálogo. Depois que a gente abriu a escola se tem mostrado como é importante esse olhar que é mais limitado, quando você não olha para os lados, é uma demanda muito grande porque agente percebe que não foi educado para isso. Essa é uma geração, a gente tem uma geração de profissionais da educação que não teve em sua formação ferramentas para olhar para esse povo, a gente está nesse mundo globalizado, mas a gente ainda tem na formação de educadores uma dificuldade de aprender dentro da escola. Você tem que ter a consciência que precisa desenvolver um trabalho de formação dos professores, é uma necessidade (disse A).

A educação precisa trabalhar na construção de um indivíduo consciente de suas raízes que carregue consigo as referências que lhe permitam encontrar-se no mundo, respeitando o que há de diferente em relação às outras culturas. Certos conhecimentos como os históricos que fundamentam muito do que há de identidade nacional procuraram estabelecer uma relação de superioridade, diferença em termos de direitos e acessos. Essas ideias precisam ser quebradas, através do estímulo à criticidade dos fatos e da percepção de que as delimitações sociais e territoriais não podem esconder a situação de igualdade em que se encontram os seres humanos, todos em uma mesma condição. É importante que a educação abrace uma prática que busque abordar conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, ao mesmo tempo, conduzir o aprendiz à tomada de consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos.

Para haver coesão em uma sociedade, não é necessário que todos sigam os mesmos valores. É necessário, porém, que haja um compartilhamento de valores mínimos para a manutenção da harmonia. Essa sociedade precisa respeitar as regras que propiciam uma boa convivência. É fundamental que as sociedades tenham o traquejo para lidar com as diversidades de credos. Nesse sentido, a tolerância e capacidade de integração precisam ser ensinados.

Uma educação que considere a tolerância e o respeito ao outro é fundamental para que haja democracia. Esses valores, porém, não podem estar restritos a disciplinas, enquadrados em determinados espaços e momentos como se apenas para aquele momento fosse significativo. Menos ainda trabalhá-los de forma impositiva, visto que o ato em si já seria contraditório, considerando que esses princípios objetivam justamente quebrar com posicionamentos ditatoriais.

Quando questionados, os entrevistados afirmam positivamente sobre o estímulo à tolerância e ao respeito pelas diferenças. Esse é um feliz indicativo, pois caminha com os norteamentos dessa proposta de educação. A responsabilidade da escola é de criar situações que permitam a visualização, na prática, desses valores. Essas condições permitirão que o aluno considere diferentes pontos de vista se disponha a discussões sobre dilemas morais ou casos que impliquem opções éticas. Também é preciso esclarecer questões referentes ao

substrato histórico, cultural ou religioso das diferentes ideologias que possam repercutir na comunidade escolar e se estender a outros espaços sociais. Essa explicação requer a participação não só da escola, mas de agentes da sociedade que compreendam, de fato, o tema (preconceitos raciais, fatores de violência e de exclusão) e que tenham os cuidados necessários para conduzir o discurso.

Investigamos como eles lidam com os alunos silenciosos ou mais lentos. Eles responderam que são orientados pela escola a observarem esse silêncio, pois o aluno pode estar participando, pode estar ativo, que na verdade só não quer falar e será respeitado. Em outras situações, lidam com os alunos mais silenciosos estimulando-os a falar, a participarem e quando mesmo assim não houver a participação deles, eles serão chamados à atenção para verificar com o professor o como ele poderá ser ajudado, ou seja, receberão apoio. Existe um projeto da escola em que os alunos mais lentos são ajudados pelos demais colegas e que isso além de ajudar na convivência, também contribui para que todos aprendam mais.

Então, aqueles que sempre participam de forma de menor intensidade. Eu tento fazer com que eles abordem temas na aula, para que eles vão ao quadro explicar alguma coisa, eu tento puxar isso, não de uma forma na sala de aula, é depois dela, eles irão fazer o que em casa? (disse F).

Indagamos se os entrevistados estimulam a cooperação, as parcerias e o compartilhamento de descobertas e eles responderam que sim, principalmente nos momentos dos debates, frequentes em sala de aula. Colocam que os constantes trabalhos em grupo ajudam muito nisso, cada um expõe o seu ponto de vista e isso torna-se enriquecedor. Como estímulo a produção de textos, a exposição de trabalhos a outros alunos também contribuem a cooperação e ao compartilhamento de descobertas.

A própria discussão, essa tempestade de ideias. Eu acho que essa discussão onde algumas situações da ciência são colocadas, você tem uma aplicação para vida direta, você acaba abrindo a discussão para uma questão (disse F).

As abordagens de ensino precisam contemplar o reconhecimento do outro. Seguindo seus dogmas, alguns professores preferem inibir a curiosidade, instinto investigativo, questionador e crítico dos alunos. Para acompanhar as novas demandas e essa proposta educativa, é preciso tomar o caminho oposto. As falas dos entrevistados demonstram esse

posicionamento e, ao invés de buscarem cessar as palavras, eles procuram desenvolver nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar problemáticas entre pessoas, grupos e nações. Confrontar ideias através do diálogo e intercâmbio argumentativo é um dos instrumentos indispensáveis à educação desejada para o atual momento.

Procuramos saber se os entrevistados promovem trabalhos em equipe e com qual frequência. Todos responderam que frequentemente.

Todo o tempo. Trabalho em grupo aqui ele é muito valorizado, a gente sabe que a troca é muito positiva, principalmente porque os alunos são estimulados a troca de experiência desde pequenos e eles levam isso para o ensino médio (disse E).

O trabalho conjunto é uma proposta indispensável na prática escolar, pois é através dele que o aluno terá a possibilidade de vivenciar situações que são comuns quando se vive em sociedade. O mundo que se apresenta exige muito mais que o trabalho em grupo, já é possível perceber que o sentimento de coletividade consegue viabilizar os resultados do trabalho conjunto. Essa perspectiva considera cada um como uma liderança no grupo. Todos desempenham papéis indispensáveis e, se enxergando como protagonista de uma determinada atividade e atribuição, sentir-se-ão mais pertencentes e importantes para o processo.

Identifica-se nas falas o que compete à educação formal que é proporcionar momentos em os jovens possam trabalhar em projetos de cooperação, começando na infância, seja em atividades desportivas ou culturais, assim como em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. Enquanto isso, na sala de aula, os professores podem, junto com os alunos em projetos comuns, dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e construir referências para a vida futura dos alunos, fortalecendo a relação professor/aluno.

Pedimos esclarecimentos, se os entrevistados acham que os alunos vivem de preconceitos e como os combatem. Alguns expuseram que não presenciavam situações em que se evidencia o preconceito e outras pessoas colocaram que quando percebem, traz o tema em discussão em sala, falam da liberdade que as pessoas têm de escolhas, buscando conscientizar os alunos ao não preconceito e se for algo mais grave, mais agressivo, fazem o aluno se retratar. Afirmam que o trabalho desempenhado na escola é mais preventivo.

Quando falo do homossexualismo, eu trago o lado científico da coisa, mostro que as pessoas têm o direito de escolher o que mais lhe atraem, assim como existe o lado genético da coisa, mostro que pode ir além da vontade do indivíduo. Coloco o que as pessoas passam e que precisam respeito (disse F).

Um ou outro vive de preconceitos. [...] Aqui nessa escola a gente não tem muito essa disseminação do preconceito, muito pelo contrário, você vê muito pouco ou quase nada. [...] Quando percebemos, discutimos em sala, a turma discute, se manifesta (disse D).

É louvável ensinar sob a perspectiva da não violência na escola, pois, é trabalhando essa percepção desde a infância que as chances de que se tenha uma sociedade mais harmônica se fortalecem. As vivências sociais também fazem parte da escola e ela precisa mediar essas relações de maneira a ajustar a um posicionamento ético em que o aluno possa se perceber enquanto ser social e também o outro, respeitando-o e colaborando para uma boa convivência. Desenvolver a atitude de empatia, na escola, é favorável aos comportamentos sociais por toda a vida. Ensinar aos jovens a compreenderem a perspectiva de outros grupos étnicos ou religiosos pode evitar desentendimentos geradores de ódio e violência entre adultos. A história, nesse sentido, vem colaborar ao abordar as religiões ou os costumes e pode servir de referência útil para futuros comportamentos.

Foi perguntado como eles lidam com os conflitos em sala de aula. Alguns se referiram ao conflito de ideias em sala e que resolvem com diálogo, tentando conscientizar os alunos sobre o respeito às diferenças de ideias. Outros responderam se referindo a “confusão” e disseram que isso pouco ocorre, mas quando existe e o professor não consegue dar conta, ou seja, controlar, os provocadores do conflito são levados à direção ou a coordenação para conversarem e também, depois da conversa, eles são encaminhados à biblioteca para realizarem uma atividade referente ao assunto que estava sendo abordado em sala.

A escola tem uma metodologia pra isso, que o aluno é levado à direção, a diretora vai conversar com ele, ele é retirado da sala de aula naquele momento, para evitar que aquilo se torne algo desagradável para a turma inteira. E, ele vai fazer uma atividade referente àquele conteúdo [...] Então eu tenho que aprender a tolerar certas coisas e também preciso ser duro em algumas situações, porque aqui é uma preparação que futuramente eles vão chegar à sociedade. Então, entre os próprios alunos, eu vejo menos, percebo entre os que estudam juntos a anos, que eles tem uma relação muito afetiva de irmão, não são todos [...] (disse F).

Procuramos saber se os entrevistados promovem a liderança e responsabilidades partilhadas. Os entrevistados responderam que para a realização dos trabalhos em equipe, são escolhidos líderes e eles devem delegar e cobrar as tarefas dos demais. Eles buscam incentivar a ajuda mútua. Acrescentaram que para a feira de ciências do ano de 2011, os alunos participaram de uma oficina de liderança, à qual foi bastante produtiva.

Procurou-se obter informações de como a escola lida com casos de rivalidade. Segundo eles, lidam ouvindo as duas partes, isso já foi mencionado em outro momento, que aprenderam isso, e que é uma política da escola. Eles declararam que quando há casos de rivalidade, são em decorrência de rivalidade por conhecimento, disputa por notas e a escola enfrenta trabalhando o autoconhecimento, que todos possuem suas potencialidades, e que precisam saber trabalhar com essa potencialidade, de forma sábia e não gerando rivalidade e informaram também que trabalham com a ideia de fracasso e frustração, para os alunos conseguirem enfrentar as situações adversas. Colocam que por vezes, os pais são quem provocam essa discussão, desconstruindo o que é trabalhado na escola.

Buscamos declarações se os entrevistados estimulam mais a competição ou a cooperação e responderam que a competição quando sadia, mas o que predomina é a cooperação. Esse é um ponto positivo, visto que a atual geração está inserida em um mundo no qual a competição impera de forma exacerbada. A economia é um ponto chave, nesse sentido, pois configura o espaço gerador de grandes conflitos. Em nome do capital, as relações interpessoais, governamentais e mercadológicas são comprometidas. O sentimento de vitória individual, ainda muito valorizado em determinados espaços, gera desequilíbrio nas pessoas que, por vezes, traçam como objetivo de vida a condição de ser sempre o melhor. Para um jovem, lidar com o sentimento de perda e erro, diante desse contexto – vencer sempre – pode ser um passo crucial para sua formação ética, cidadã e profissional. O cooperativismo impede que o outro seja visto como adversário. A relação estabelecida pode, inclusive, colaborar para que esse indivíduo se preocupe com o bem comum e proponha atividades que gerem um favorecimento coletivo.

Aprender a viver de forma comunitária envolve as relações interpessoais, o que resulta em sinergia, em um meio de aprendizagem que ajuda as pessoas na resolução de

conflitos, e, progressivamente, o sujeito vai descobrindo o outro, respeitando seu desenvolvimento e participando de projetos comuns.

Envolta ao aprender a conviver, existe na escola, liberdade e interação entre diretores, coordenadores, professores e alunos, o que facilita para que todos tenham uma boa convivência e propiciam o desenvolvimento de atitudes e valores como a flexibilidade, coerência, tolerância, colaboração, prestatividade, interação, colaboração, compartilhamento, imparcialidade, solidariedade e honestidade. Estimulam o respeito ao outro, ao modo de ser do outro, independente de como ele seja, de suas características, cultura e opções. Para haver o respeito mútuo, frisam com os alunos, que eles precisam se conhecer e os grupos de estudo contribuem muito a isso. Com os alunos mais silenciosos ou mais lentos, eles avaliam esse comportamento e quando necessário, acompanham de forma mais presente o aluno e os demais alunos são convidados a colaborar para o conhecimento do outro, como o projeto de monitoria existente na instituição. A cooperação, as parcerias e o compartilhamento de descobertas são sempre estimulados. Promovem trabalhos em equipe frequentemente. Quando presenciam casos de preconceito, os professores tratam da situação com diálogo, com discussão em que ouvem opiniões dos demais colegas, porém expõe que o foco da escola está na prevenção. Com os conflitos em sala de aula eles lidam dialogando também e quando assim persiste a situação, eles encaminham os alunos a direção ou coordenação. Promovem a liderança e responsabilidades partilhadas sempre, especialmente por que sempre estão promovendo trabalhos em equipe, assim os alunos já são orientados a escolherem um líder e a este cabe delegar as atividades. Com os casos de rivalidade, a escola enfrenta essa situação mais por disputa de notas e percebem que os pais contribuem a isso e lidam também dialogando. Tanto em casos de rivalidade como os de conflito se os alunos não chegarem a harmonia em sala, eles são convidados a irem a sala da direção ou coordenação e depois de conversarem são encaminhados a biblioteca onde fazem atividades referente ao conteúdo que estava sendo dado em sala de aula. Estimulam sempre a cooperação, a competição apenas quando percebem ser saudável, como o exemplo do uso de jogos em sala.

É, portanto, viável e necessário que se tenha uma educação pluridimensional que se estabeleça de forma continuada por toda vida. As proposições, no entanto, encontram sérios obstáculos na rotina escolar, porém iniciativas como as observadas através das falas dos educadores entrevistados nesta pesquisa reforçam a certeza e a necessidade de tornar propostas realizáveis.

4.3 Percepção e prática: a relação entre as duas fases da pesquisa

As etapas propostas e aplicadas foram essenciais para o estudo. Elas possibilitaram os esclarecimentos necessários para a problemática levantada na pesquisa. Uma importa a outra, já que apresentam informações complementares – enquanto a primeira contribui para identificar a percepção dos entrevistados sobre a atualidade, a segunda traz elementos que demonstram a postura deles diante das demandas suscitadas pelo contexto educativo.

Quanto ao processo de globalização, os entrevistados afirmam que as pessoas passaram a conhecer outras culturas e, em contraponto, existe a necessidade de valorizar a cultura local. Eles alegam que, nesse sentido, procuram contribuir para a valorização dos aspectos culturais da localidade, procurando salientar nas suas práticas a importância dessa identidade, não excluindo, porém, a diversidade cultural. Os educadores buscam, portanto, mesclar o trabalho perante as diferentes culturas. A escola recebe alunos de outros estados e de outros países e para acolhê-los melhor e aproveitar para o conhecimento dessas novas culturas, eles envolvem esses familiares nesse processo. A escola trabalha a cidadania e ser cidadão é também respeitar o jeito e a cultura do outro. Trabalhar a sensibilidade, que é o que eles fazem, é também trabalhar o respeito a outras culturas. Eles chamam a atenção dos alunos de que não há uma cultura melhor do que a outra, que elas são diferentes, que precisam ser toleradas e respeitadas.

Eles expuseram a necessidade de as pessoas serem mais criativas em oposição ao momento em que as coisas e as informações são facilitadas, temos dificuldades em analisar, e a isso, respondem que estimulam a criatividade, a pesquisa, o aprofundamento dos assuntos.

Mesmo a globalização sendo provocadora de desigualdades sociais e desemprego, os professores preparam o aluno para o mercado de trabalho, capacitam a sua equipe de trabalho e, para amenizar a desigualdade social e sensibilizar os alunos sobre essa questão, eles desempenham um trabalho junto à comunidade local.

Frente aos relacionamentos humanos, considerados por eles como sendo mais frágeis e superficiais e pela percepção que eles têm de os homens estarem a tornar cada vez mais desumanos. Na escola, existe a liberdade e interação entre as pessoas que fazem parte da escola e propiciam o desenvolvimento de atitudes e valores como a flexibilidade, coerência, tolerância, colaboração, prestatividade, interação, colaboração, compartilhamento, imparcialidade, solidariedade e honestidade. Estimulam o respeito ao outro, ao modo de ser do outro, independente de como ele seja, características, cultura e opções. Para haver o respeito mútuo, frisam com os alunos, que eles precisam se conhecerem e os grupos de estudo contribuem muito para isso. Estimulam nos alunos a colaboração com os que estão com dificuldades nas matérias, com o projeto de monitoria. Em casos de preconceito, os professores promovem o diálogo, a discussão, mas a prioridade está em prevenir. Com o diálogo, eles, os professores, lidam com os conflitos e com os casos de rivalidade em sala de aula. Os professores vivem a promover atividades em que os alunos necessitam cooperar, como forma de manterem relações interpessoais saudáveis. Estimulam a humanização das relações.

Sobre a tecnologia, os entrevistados percebem os seus benefícios: a melhoria dos processos burocráticos e a facilidade na comunicação. Mas apontam também, o mau uso pelos homens, tem servido de meio para a prática da pedofilia, o estímulo ao consumismo exacerbado e, por vezes, com apelo sexual. Isso tem permitido que as pessoas exponham as outras nos meios de comunicação em um momento em que o homem se sente vigiado, sem liberdade. A essas mudanças, a escola responde promovendo espaços de discussão. Trabalham com a interpretação e representação da realidade e o desenvolvimento de conhecimentos cognitivos, tais como, a análise crítica, reflexão e comparação. Outro item temido pelos educadores é a banalização da sexualidade. Houve, inclusive, pesquisas na escola sobre o apelo sexual. Ao abordar o tema, os professores suscitam uma questão delicada, mas que precisa da escola como aliada para elucidar a discussão.

Afirmam também que o despreparo em lidar com as novas mídias pelas pessoas seja um dos provocadores de desemprego, mas nessa escola, os colaboradores são capacitados a isso, não ficando a responsabilidade a um único setor. Preparam os seus alunos, na escola há laboratório de informática.

Sobre as relações humanas e a comunicação, para eles, a comunicação foi facilitada, as pessoas falam entre si bastante, mas acabam priorizando os relacionamentos a distância mais do que a interação física. Acontecem diálogos com os alunos para que não percam o contato olho no olho, já que às vezes, conversam com estranhos, familiares ou vizinhos pelo computador ou celular, mas não pessoalmente. O controle que o professor tem do uso dos celulares em sala pode funcionar como um estímulo à valorização das relações presenciais entre as pessoas. Fazem uma ressalva, de que a tecnologia tem contribuído para a relação entre pessoas, casais e familiares que precisam manter-se distantes.

Os relacionamentos humanos, considerados pelos educadores como frágeis e superficiais na escola, são trabalhados, ao passo que eles buscam promover o estreitamento dos laços afetivos. Das atividades que são passadas para casa, algumas delas já são planejadas para que os alunos possam dialogar mais com os pais, com a proposta de estreitar esse relacionamento e estimular a comunicação entre eles. Procura-se trabalhar valores e promover um bom relacionamento entre os alunos, professores, coordenadores e diretores, assim como demais funcionários da escola. Com a família, existe a realização de encontros e com quem cuida da criança, com os processos de intervenção. Enfim, conversam com os alunos sobre esse assunto, o da necessidade de reforçar os laços afetivos.

Para os respondentes, o meio ambiente tem sofrido modificações e dentre as causas está o consumismo exacerbado, eles se dão conta de que tem havido uma mudança pequena no comportamento das pessoas, mas não percebem mudanças advindas de empresas ou do estado. Para alguns dos entrevistados, há um modismo em relação às questões ambientais. A isto, a escola responde promovendo ações. Em relação ao consumismo exacerbado, fator que os entrevistados demonstraram preocupação, há projetos na escola que visam levantar a temática e diminuir os efeitos dessa atitude nas práticas dos alunos e dos familiares. Outra ação, é que os alunos se responsabilizam pela manutenção dos jardins da escola.

Os entrevistados acreditam que as empresas estão a buscar no mercado de trabalho um perfil de profissional que pense no futuro, um sujeito adaptado ou disposto a adaptar-se às mudanças e demandas que regem esse novo mundo. Eles revelam, porém, que esses profissionais não estão sendo bem preparados, sentem que há um distanciamento entre o que se aprende e o que se faz. Já na escola, os alunos aprendem também fazendo, exercitando a relação entre o que se aprende e o que se faz. Na escola, são realizados experimentos,

pesquisas apresentadas peças de teatro seguindo a organização que prevê planejamento e execução de projetos. Os discentes também vivenciam experiências no auditório e nos laboratórios. Em todas as atividades, os alunos são encorajados à ação, seja com pesquisas livres, seja com o que já é planejado pelo professor. Juntamente a isso, as aulas são participativas e há promoção de espaços para a partilha de experiências. Eles estimulam nos alunos o interesse em aprender ao longo da vida, dialogam com seus alunos sobre a necessidade de se aprender sempre, mesmo por que o conhecimento passa por mudanças, que o processo de aprendizagem nunca está acabado. Estimulam a capacidade empreendedora, competência que é valorizada no mercado de trabalho. O incentivo à autoestima é, nesse sentido, um fator fundamental para que o indivíduo tome iniciativas, apresente novas alternativas e posicione-se como uma liderança, protagonizando as situações. Para os entrevistados, as políticas educativas estão sendo modificadas, tem havido uma preocupação advinda da educação e mudanças no preparo do cidadão para o mundo, porém eles acreditam que ainda está aquém do que seria necessário acontecer e para atender ao mercado de trabalho.

Na aplicação das entrevistas, a entrevistada A prestou o seguinte depoimento:

Um grupo de alunos em idade da adolescência, em movimentação inconsequente, acabou por quebrar uma porta da escola. Consideramos, como em outras situações (mesmo que o dano seja mínimo), a importância de que os garotos assumam a responsabilidade de suas ações. Nesse caso, a sanção resultou na necessária reparação da falta.

Combinamos um encontro na escola, durante o final de semana. Os alunos, um professor, a diretora e um marceneiro. Objetivo do evento: fazer nova porta. O trabalho exigia um manejo que o profissional de marcenaria se encarregou de orientar os garotos.

As mãos pouco experimentadas em serviços daquela natureza ganharam alguns arranhões, que todos exibiam como troféus e que recebiam os cuidados da diretora. Nesse verdadeiro empenho reconhecido, ratificamos o respeito pelo bem coletivo como um valor fundamental no convívio escolar, solidificamos a autoridade necessária à organização social e firmamos o vínculo afetivo entre professores e alunos (disse A).

Esse depoimento vem reforçar a relação feita entre a compreensão de uma sociedade com valores diferenciados e que vive sob a influência de fatores contraditórios, mas que

precisa portar-se conforme preceitos estabelecidos no curso histórico como forma de ordem de convivência, e o exercício de práticas que venham corresponder a essas expectativas. A aula que esse grupo de alunos vivenciou, consegue refletir os pilares educacionais e a clareza dos educadores ao identificarem a necessidade desse exercício. Práticas como essa são exemplares, mas exigem planejamento e são processos delicados, o que significa trabalho árduo com verdadeiro comprometimento. Além disso, por tratar-se de educação formal, requer fundamentação. A escola, por sua vez, revelou, através da entrevista, possuir todos esses requisitos. Existe, por parte dos entrevistados, uma correlação entre a percepção de mudanças e a aplicabilidade na educação.

CONCLUSÃO

O que vem a caracterizar a sociedade do século XXI têm sido as impactantes e velozes mudanças com a Globalização, avanços na Tecnologia, degradação do Meio Ambiente e a chamada era da Informação. Junto com tais mudanças, surgem novas demandas e novas competências necessárias para que o homem se adapte e que também possa transformar a realidade, conseqüentemente acarreta em novas demandas também para a escola. À Educação, cabe a responsabilidade de desenvolver as competências necessárias para a sobrevivência do ser humano, a preservação do planeta e a sustentabilidade não só desta, mas também das gerações futuras. Assim, muitos são os desafios que se colocam à educação, à realização dos objetivos mais amplos da sociedade.

Com base nesse contexto, a pesquisa descritiva/compreensiva buscou identificar o que tem sido feito, na prática, para responder às demandas requisitadas à educação, atualmente. Para obter os resultados esperados, inicialmente, procurou-se analisar se existe, por parte dos atores educacionais, a consciência sobre as mudanças que o mundo tem vivido. Em seguida, voltou-se o olhar para os Quatro Pilares da Educação, verificando se existe no discurso, a apresentação de informações que levam à identificação de práticas concernentes com a proposta. Para alcançar tais metas, uma escola em Aracaju, Sergipe, foi selecionada como campo de estudo. A escolha foi feita com base na proposta pedagógica diferenciada que ela possui. Nela, professores e diretoras educacionais foram entrevistados. O critério utilizado de escolha dos entrevistados inicialmente deu-se pelas áreas de conhecimento, porém a disponibilidade pôs-se como limitação, não se podendo atender aos interesses primeiros. Todos responderam a duas entrevistas semiestruturadas, em dois momentos, a primeira com temas relacionados com a mudança que caracterizam a atualidade e a segunda sobre as práticas educativas tendo como referencial os pilares educacionais propostos pela UNESCO. Para a elaboração das entrevistas, foi preparado um roteiro que continham temáticas a serem abordadas e questões a serem levantadas, com base em estudos, objetivos específicos para cada tema e observações. Realizadas as entrevistas, as falas foram transcritas. A análise de conteúdo serviu como base para o estudo das falas.

Ao avaliar a primeira entrevista, os entrevistados demonstraram percepção e entendimento sobre as mudanças, ao tratarem da necessidade de conhecer culturas sob um olhar global e local, de fatores que podem ser determinantes para o ingresso dos educandos no mercado de trabalho, como criatividade, protagonismo e conhecimento sobre as tecnologias e

da influência da globalização sobre a vida das pessoas. Ela é vista como um fator relevante quando se trata de mudanças atuais, pois a ela está atrelado o que os entrevistados informaram identificar nessa realidade, como consumismo exacerbado, alta proporção das novas tecnologias e desigualdade social. As relações humanas, segundo eles, também têm mudado de forma negativa, apesar das facilidades que os meios de comunicação têm proporcionado. As ações sociais quanto ao meio ambiente e à educação também não são vistas de forma positiva, pois alegam perceber mudanças pouco significativas.

Nesse momento de contrastes, em que a sociedade faz mal uso dos benefícios desse novo mundo, em que há inversão de valores, como afirma Delors (2003), a percepção desses fatos é o primeiro passo para que se adote uma postura diferenciada, capaz de promover ações coerentes e adequadas às demandas que essa realidade impõe. Essas ações foram analisadas a partir da segunda entrevista, em que os educadores informaram que, por meio de diversas estratégias, procuram trabalhar de maneira a corresponder às expectativas da atualidade. Cada aula é planejada, discutida e avaliada. Elas são concedidas de forma diferente e não se limitam apenas ao uso do quadro. Projetos diversos também são propostos como forma a explorar determinados temas. Conforme foi analisado, existe o estímulo ao trabalho com diversos temas, sob a perspectiva de educação libertadora, busca-se refletir, interpretar, comparar, intervir sobre questões reais, há o preparo dos alunos para que eles desenvolvam uma postura ética, autônoma, criativa, autoavaliativa, investigativa e atenta ao que se lhes apresenta, principalmente às adversidades. Desse trabalho, outro ponto importante é que nada é pensado de forma individualista, nem os alunos em suas práticas, nem os educadores nos planejamentos.

A educação deve ser inclusiva, principalmente diante das necessidades desse mundo global, buscando contextualizar as diferentes realidades e promovendo capacidades de sobrevivência digna. Portanto, a educação pode ser fator de coesão, se considerar a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social (Delors, 2003, p. 54).

Com a análise da segunda entrevista, é possível ainda afirmar que nessa escola:

- estimulam os alunos a dominarem profundamente um grande número de assuntos;

- estimulam o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância;
- trabalham a interpretação e representação da realidade;
- estimulam o desenvolvimento de conhecimentos cognitivos como: reflexão, comparação;
- estimulam o prazer em aprender, para que se mantenha ao longo do tempo e valorizam a autonomia, curiosidade e atenção permanente;
- preparam o indivíduo para enfrentar diversas situações, dentre elas as imprevisíveis;
- encorajam os alunos a correrem riscos e à ação;
- estimulam a iniciativa;
- estimulam a comunicação, a criatividade, o autoconhecimento;
- estimulam a ética, o fazer com qualidade;
- estimulam o desafio da convivência, o respeito às diferenças, a curiosidade por outras culturas e respeito a elas.

Trata-se de uma escola que acolhe e dialoga com todos os atores escolares. Seus projetos abarcam a participação das famílias e comunidade. No dia a dia, conseguem perceber que afetam de forma positiva a transformação social. Com os fatos comprovados por meio das entrevistas, analisa-se que se trata de uma escola que pratica as quatro aprendizagens propostas pela Unesco.

A escola escolhida tem buscado lidar com as novas demandas, respondendo com a inclusão, tentando lidar com as dificuldades e demandas dessa era, trabalhando sem cessar para aplicar todos os saberes da Educação necessários para esse novo homem que atenda a todas as carências: Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer. Uma escola que mesmo antes de haver mudanças nas políticas educativas, inclusive as

municipais, em sua prática, já se diferenciava denotando o que a escola deve ter mesmo como foco principal, a de formar o homem para o mundo. Ela acolhe e dialoga com todos os atores escolares. Seus projetos abarcam a participação das famílias e da comunidade. No dia a dia, conseguem perceber que afetam de forma positiva a transformação social. Com os fatos comprovados por meio das entrevistas, analisa-se que se trata de uma escola que pratica as quatro aprendizagens propostas pela Unesco.

Percebemos que apesar da necessidade de mudança no papel desempenhado pelas escolas, por estarmos num tempo em que a escola está desacreditada vive-se o jogo entre pais-escola pela educação, em que cada um joga a responsabilidade ao outro pelo fracasso de valores. Vivemos em tempos em que adquirir conhecimentos é um engodo, onde a teoria ainda se distancia da prática e onde o aluno não é estimulado face as suas potencialidades nem para o respeito na convivência. Os noticiários comprovam-no o tempo todo. O retrato dessa escola aqui apresentado é capaz de nos convencer que é possível fazer educação cumprindo com os objetivos inerentes a esse desafio. Trata-se de uma escola viva e provocadora de esperanças na educação, convencendo-nos de que ainda podemos mudar o mundo.

A perspectiva futura para a pesquisa é que essa escola contribua para ações bem sucedidas em instituições, pois, diante da atual conjuntura, as redes escolares não podem assumir um posicionamento contrário ao que propõem os pilares da educação, visto que eles proclamam uma adequação educacional perante as mudanças sofridas no mundo. Como foi observado nas falas, preparar um ator social é uma tarefa árdua, mas necessária. Julgamos que este estudo possa contribuir para incentivar que outras escolas possam perceber que, apesar do aumento da exigência envolta a escola e papel dos professores diante das mudanças que acontecem no mundo globalizado, mesmo assim, é possível prepararmos o cidadão para o mundo e usarmos como norte os Quatro Pilares da Educação Propostos pela Unesco que consideram o ser humano em toda a sua plenitude.

BIBLIOGRAFIA

- Assmann, H. (2001). *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes.
- Ausubel, D. P. (1979). *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Bardin, Laurence. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, Jean. (1991). *A sociedade de consumo*. Lisboa. Edições 70.
- Bauman, Zygmunt. (2001). *Globalização e as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt. (1999). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt. (1998). *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bloom, D. E. (2001). Capitalisme social et diversité humaine. In: *Organisation de Coopération et de Développement Économiques. La société créative u XXI e siècle: études prospectives*. Paris: OCDE.
- Braslavsky, Cecília (org.). (2002). Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade. *Educação do trabalhador*, nº 3. UNESCO, IBC, SESI, UnB. Brasília.
- Bruner, J. *O processo da educação*. Cambridge, MA. Harvard University Press.
- Cancline, Nestor Garcia. (1997). *Consumidores e cidadãos – Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Castells, M. (2005). *Sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Charoux, Adrina. *Conferência do clima de Cancun foi positiva, mas ainda insuficiente*. Acedido em 26 de abril de 2012, em <http://www.idec.org.br/em-acao/em-foco/conferencia-do-clima-de-cancun-foi-positiva-mas-ainda-insuficiente>.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Central Intelligence Agency [CIA] (2001). *Long-term global demographic trends: reshaping the geopolitical landscape*. Washington, D.C. Acedido em 20 de junho de 2010, em [u L ://www.cia.gov/library/reports/general-reports-/Demo_Trends_For_Web.pdf](http://www.cia.gov/library/reports/general-reports-/Demo_Trends_For_Web.pdf)>.

- Délors, J. (2001). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez.
- Demo, P. (1993). *Desafios Modernos da Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- Freitag, B. (1990). *Teoria Crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gardner, H. (1994). *A nova ciência da mente*. São Paulo: EDUSP.
- Greenpeace Brasil. (2006). *Mudanças do clima, mudanças de vidas: como o aquecimento global já afeta o Brasil*. São Paulo. Acedido em 18 de junho de 2007, em [u L://www.greenpeace.org/brasil/greenpeace-brasil-clima/documentos](http://www.greenpeace.org/brasil/greenpeace-brasil-clima/documentos).
- Godoy, A. S. (1995a, mar./abr.). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In *Revista de Administração*, v.35, n. 02, 57-63.
- Habermas, J. (1990). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor [IDEC]. *Conferência do clima de Cancun foi positiva, mas ainda insuficiente*. Acedido em 13 de dezembro de 2010, em <http://www.idec.org.br/emacao>.
- Ianni, O. (1999). *A sociedade global*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ianni, O. (2003). *Teorias da globalização*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Karoly, L. A., & Panis, C. W. A. (2004). *The 21st century at work forces shaping the future workforce and workplace in the United States*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Lahidji, R., Michalski, W. & Stevens, B. (1999). The long-term future for energy: an assessment of key trends and challenges. In: OECD. *Energy: the next fifty years*. Paris.
- Leite, A. M. A., & Nunes, M. F. R.. (2007). Juventudes e Inclusão Digital: reflexões sobre acesso e uso do computador e da internet pelos jovens. In *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco.
- Lipman, M. (1995). *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Manzine, E. J. (1990/1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26-27.

- Manzine, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In Marquezine, M. C., Almeida, M. A. & Omote, S. (orgs.). *Colóquios sobre pesquisa em educação especial*. Londrina: Eduep.
- Miller, R. M. W., & Stevens, B. (2002). L'avenir de l'argent. In: Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *L'avenir de l'argent*. Paris.
- Miller, R. M. W., & Stevens, B. (2002b). La gouvernance au XXI^e siècle: les pouvoirs dans l'économie et la société mondiales du savoir. In: Organisation de Coopération et Développement Économiques. *La gouvernance au XXI^e siècle*. Paris.
- Miller, R. M. W., & Stevens, B. (2001). La diversité sociale et la société créative au XXI^e siècle. In: Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *La société créative du XXI^e siècle*. Paris.
- Miller, R. M. W., & Stevens, B. (1999) Anatomie d'une longue période d'expansion. In Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *L'économie mondiale de demain: vers un essor durable?* Paris, pp. 7-36. Acedido em 21 de setembro de 2010, em [u L://www.oecd.org/ dataoecd/55/3/35637313.pdf](http://www.oecd.org/dataoecd/55/3/35637313.pdf).
- Ministério da Ciência e Tecnologia. (2000). *Sociedade da Informação no Brasil: Livro verde*. Brasília.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC] (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC] (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. – Brasília: MEC/SEF.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC] (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Acedido em 26 de abril de 2012, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm.
- Ministério da Fazenda. *Economia Brasileira em Perspectiva*. Acedido em 26 de abril de 2012, em <http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perspectiva-Ago-Out11.pdf>.
- Morin, E. (2001). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- Mouline, M. T., & Lazrak, A. (2005). *Rapport sur les perspectives du Maroc à l'horizon 2025: pour un développement humain élevé*. Acedido em 26 de junho de 2007, em [u L://www.rdh50.ma/ fr/pdf/rapports_transversaux/perspectives.pdf](http://www.rdh50.ma/fr/pdf/rapports_transversaux/perspectives.pdf).

- Mulgan, G. (2001). Les perspectives d'une rénovation sociale. In OCDE – Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *La société créative u XXIe siècle: études prospectives*, Paris, OCDE, pp. 153-201.
- National Intelligence Council [NIC] (2004). *Latinoamérica 2020: pensando los escenarios de largo plazo*. Washington, D. C. Acedido em 20 de junho de 2010, em [u L://www.dni.gov/nic/PDF_IF_2020_Support/2004_06_06_papers/la_summary_sp.pdf](http://www.dni.gov/nic/PDF_IF_2020_Support/2004_06_06_papers/la_summary_sp.pdf).
- National Intelligence Council [NIC] (2004b). *Mapping the global future*. Pittsburgh. Acedido em 20 de junho de 2010, em [u L:// www.dni.gov/nic/NIC_globaltrend2020.html](http://www.dni.gov/nic/NIC_globaltrend2020.html).
- Nickerson, R..S., Perkins.D. N., & Smith, E.E. (1994) (Eds.). *Ensinar a pensar: aspectos de la aptitud intelectual*. Paidós: M.E.C.
- Nogueira, N. R. (1998). *Uma Prática para o Desenvolvimento das Múltiplas Inteligências*. São Paulo: Érica.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (2003). *Emerging risks in the 21st century*. Paris: OCDE.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (2001^a). *Governance in the 21st century*. Paris: OCDE.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (2001b). *La société créative u XXIe siècle: études prospectives*. Paris: OCDE.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (2004a) *OCDE international futures programmes: building partnerships for progress*. Paris: OCDE.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (2001b). *The security economy*. Paris: OCDE, 2004b. OCDE.
- Organisation de Coopération et de Développement Économiques [OCDE] (1998). Promesses et risques des technologies du XXI e siècle: exposé de la problématique. In Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *Les techonologies du XXI e siècle: promesses et périls d'un futur dynamique*. Paris, pp. 7-36.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santomé, J. T. (1998). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado* / Jurjo Torres Santomé; (Cláudia Schilling: Trad.) Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Siqueira, E. (2005). *2015: como viveremos*. São Paulo: Saraiva.

- Stevens, B., Miller, R., & Michalski, W. (2001). La diversité sociale et la société créative au XX^e siècle. In Organisation de Coopération et de Développement Économiques. *La société créative du XXI^e siècle: études prospectives*, Paris: OCDE, pp. 7-28.
- Teixeira, A. (1956, abr/jun). O processo democrático de educação. *Revistas brasileiras de estudos pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 62, pp. 3 – 16.
- Tenório, F. G. (2000). *Flexibilização Organizacional: mito ou realidade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Trivinos, A. N. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wickert, M. L. S. (2006). *Referenciais Educacionais do SEBRAE*. Brasília: SEBRAE.

ANEXOS

Anexo I – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES E DIRETORAS PEDAGÓGICAS

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULAÇÃO DE QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
BLOCO A Dados pessoais e profissionais	- Recolher informações sobre a identificação dos entrevistados;	1. Qual o seu nome? 2. Qual a sua idade? 3. Gênero? 4. Habilitação acadêmica? 5. Tempo em que trabalha na escola? 6. Quais são as suas funções atuais? 7. Que ligações de dependência mantem com os seus superiores hierárquicos (quem dita as políticas) e que responsabilidades tem com os que dependem de si?	As questões deste bloco procuram identificar dados pessoais e profissionais.
BLOCO B GLOBALIZAÇÃO	- Identificar se o entrevistado percebe as mudanças provocadas pelo processo de globalização; - Saber se o entrevistado vê a globalização como provocador das diferenças sociais;	1. Que mudanças provocadas pelo processo de globalização, acha que têm impacto no meio em que vivemos? Quer realçar alguma delas como tendo mais impacto? 2. O processo de globalização tem causado maiores diferenças sociais no nosso meio? Quer referir alguns casos em especial? 3. O processo de globalização afeta também os nossos saberes, o uso das tecnologias e a mistura de culturas? Quer referir alguns casos mais evidentes? 4. Acha que estamos a viver mudanças nos relacionamentos interpessoais? Quais os mais notórios? 5. Acredita que o homem está mais humano ou mais egoísta? 6. O processo de	As questões deste bloco procuram identificar se o entrevistado tem consciências das mudanças provocadas pela Globalização.

		globalização trouxe mais vantagens que desvantagens? O que enumeraria como vantagens? E como desvantagens?	
BLOCO C TECNOLOGIA	-Questionar se o entrevistado percebe mudanças com o advento da tecnologia e quais; -Averiguar como o entrevistado percebe os relacionamentos a partir da evolução da tecnologia;	1. Apercebe-se das mudanças com o advento da tecnologia? Na organização do estado, nas Instituições na vida das pessoas? 2. Acha que houve mudanças nos relacionamentos a partir da evolução da tecnologia? Se sim, quais? 3. Como vê o processo de comunicação nos dias de hoje? 4. Percebe desvantagens com a evolução da tecnologia? Se sim, quais?	As questões deste bloco procuram identificar se o entrevistado tem consciências das mudanças provocadas pela Tecnologia.
BLOCO D MEIO AMBIENTE	-Verificar se o entrevistado percebe as mudanças ocorridas no meio ambiente;	1. Há mudanças de atitude face ao meio ambiente? 2. Que mudanças? 3. Vêm da parte do Estado? Das Instituições? Dos cidadãos? 4. Os empresários têm se preocupado com o meio ambiente?	As questões deste bloco procuram identificar se o entrevistado tem consciência das mudanças ocorridas no meio ambiente.
BLOCO E INFORMAÇÃO	-Saber se o entrevistado percebe que há uma exigência para que o ser humano saiba trabalhar em equipe, se adapte as mudanças, seja criativo, capaz de aprender e de transformar a realidade;	1. Sente que temos recebido um fluxo intenso de informações? 2. Temos sido capazes de gerenciar as informações que recebemos no dia-a-dia? Que exemplos de sucesso? E de insucesso? 3. Acha que as empresas tem buscado no mercado de trabalho um perfil de profissionais a pensar no futuro? 4. Estamos preparando as pessoas para responderem	As questões deste bloco procuram identificar se o entrevistado tem consciências das mudanças provocadas pelas mudanças no campo da Informação.

		a essas necessidades?	
BLOCO F MUDANÇAS	- Identificar que mudanças foram percebidas na educação, baseado nas tecnologias, nas transformações no meio ambiente, com a era da informação e da tecnologia.	1. Que impactos provocam na educação as novas tecnologias, as mudanças ocorridas no meio ambiente, a era da Informação e a globalização? 2. Como a escola tem enfrentado essas mudanças? 3. Essas mudanças tem provocado mudanças de valores na sociedade? O que acha que estamos a perder? E o que estamos a ganhar? 4. Existem políticas para a escola trabalhar valores? 5. Que impactos essas mudanças tem provocado nas políticas de educação e como estão sendo incrementadas? 6. Acredita que as políticas que incrementa estão adequadas aos novos desafios do futuro?	As questões deste bloco procuram identificar quais impactos todas as mudanças mencionadas tem provocado na educação e como está tem enfrentado. Assim como, questionar se há políticas públicas para trabalhar valores nas escolas.

Anexo II – ROTEIRO PRÉVIO PARA ENTREVISTA

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Globalização	1. Mudanças provocadas pelo processo de globalização 2. Relacionamento interpessoal 3. Provocador de diferenças sociais (fator econômico) 4. Vantagens e desvantagens da globalização
2. Tecnologia	1. Percepção das mudanças com o advento da tecnologia 2. Relações interpessoais com a evolução da tecnologia 3. Comunicação
3. Meio Ambiente	1. Mudanças de atitude frente ao meio ambiente
4. Informação	1. Gestão de informações 2. Necessidade do mercado de trabalho 3. Preparação das pessoas
5. Mudanças	1. Impactos das mudanças na educação 2. Papel da escola 3. Políticas educacionais

Anexo III – ROTEIRO PARA 2ª ENTREVISTA COM PROFESSORES E DIRETORAS PEDAGÓGICAS

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULAÇÃO DE QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
BLOCO A Dados pessoais	-Recolher informação sobre a identificação dos entrevistados;	4.3.2 Qual o seu nome?	A questão deste bloco procura identificar dado pessoal.
BLOCO B PILAR CONHECER	Saber se a escola utiliza os fundamentos da dimensão conhecer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela UNESCO, em sua prática escolar;	1. Que critérios utiliza para tomar decisões sobre o que ensinar hoje? 2. Acha que a Educação deve estar orientada para preparar o cidadão para o mercado de trabalho ou para o seu desenvolvimento como pessoa? 3. Que estratégias usa para promover a aprendizagem? 4. Promove a tomada de consciência do aluno sobre seus próprios processos cognitivos? 5. Estimula nos alunos o interesse em aprender ao longo da vida? Como? 6. Desperta nos alunos a vontade de se aprofundar nos assuntos? Exemplifique. 7. Relaciona os conteúdos com a experiência do estudante e de outros personagens do contexto social, ou seja, contextualiza o conteúdo? 8. É adepto de um ensino mais generalista ou virado para a especialização? Por quê? 9. Acha que é necessário	As questões deste bloco procuram identificar se na escola utilizam estratégias de aprendizagem que promovem o desenvolvimento do pilar conhecer.

		fornecer aos alunos os próprios instrumentos de construção do conhecimento? Como fazer?	
BLOCO C PILAR FAZER	Saber se a escola utiliza os fundamentos da dimensão conhecer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela UNESCO, em sua prática escolar;	1. Como os alunos concretizam a aprendizagem? Há espaços para vivências? Existem laboratórios na escola? 2. Os alunos são encorajados à ação? 3. Estimula a capacidade empreendedora? De que forma? 4. Quais as reações dos professores frente às intervenções e contribuições dos alunos no processo de aprendizagem? 5. Promove espaços para discussões e partilha de experiências? Como ocorre? 6. Faz relação entre o que se aprende e o que se faz? 7. Os alunos são estimulados a interpretar e a selecionar, na torrente de informações que recebem, quais são essenciais ou não?	As questões deste bloco procuram identificar se na escola utilizam estratégias de aprendizagem que promovem o desenvolvimento do pilar fazer.
BLOCO D PILAR SER	Saber se a escola utiliza os fundamentos da dimensão conhecer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos	1. O aluno é estimulado a desenvolver as suas potencialidades? Como? 2. Estimulam o comprometimento, o realizar com qualidade? 3. Estimulam a responsabilidade pessoal? E a autonomia?	As questões deste bloco procuram identificar se na escola utilizam estratégias de aprendizagem que promovem o desenvolvimento do pilar ser.

	pela UNESCO, em sua prática escolar;	4. Propiciam o desenvolvimento de atitudes orientadas para valores éticos universais? Quais merecem a vossa atenção? 5. Há preocupação de ensinar o aluno a lidar com a complexidade do seu ser? Como o fazem? 6. Incentivam o desenvolvimento da capacidade de autoconhecimento, da autocrítica e da avaliação quanto às próprias competências? 7. Estimulam a criatividade? De que modo? 8. Como lidam com a espontaneidade? 9. Estimulam a sensibilidade?	
BLOCO E PILAR CONVIVER	Saber se a escola utiliza os fundamentos da dimensão conhecer dos Quatro Pilares da Educação para o século XXI propostos pela UNESCO, em sua prática escolar;	1. O que a escola faz para promover a boa convivência? Que valores são trabalhados para isto? 2. Preparam o aluno para lidar com a diversidade cultural? De qual modo? 3. Estimulam a tolerância e o respeito pelas diferenças? 4. Como lidam com os alunos silenciosos ou mais lentos? 5. Estimulam a cooperação, as parcerias e o compartilhamento de descobertas? 6. Promovem trabalhos em equipe? Com que frequência?	As questões deste bloco procuram identificar se na escola utilizam estratégias de aprendizagem que promovem o desenvolvimento do pilar conviver.

		7. Acha que os alunos vivem de preconceitos? Por exemplo? Como os combatem? 8. Como lidam com os conflitos em sala de aula? 9. Promovem a liderança e responsabilidades partilhadas? 10. Como a escola lida com casos de rivalidade? 11. Estimulam mais a competição ou a cooperação?	
--	--	--	--

